

**Alessandra Viana de Paiva**

**Espiritismo e cultura letrada: valorização do estudo pela doutrina Kardecista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Juiz de Fora  
2009

**Alessandra Viana de Paiva**

**Espiritismo e cultura letrada: valorização do estudo pela doutrina Kardecista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração: Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 28 de agosto de 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof. Dr. Robert Daibert Junior  
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

---

Titular: Prof. Dr<sup>a</sup> Juliana Alves Magaldi  
Universidade Estácio de Sá de Juiz de Fora - UNESA

---

Orientador: Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto  
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL



Para meus queridos e inesquecíveis pais, Laura e Fábio.  
A eles o meu eterno amor e sincera gratidão.

## AGRADECIMENTOS

A todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR.

Ao meu orientador, Professor Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, com quem divido este momento. Certamente sem sua boa vontade, paciência e compreensão o trabalho não estaria concluído. A ele, meu sincero obrigada.

Aos amigos e parentes que sempre tiveram uma palavra de incentivo, em especial meu colega de trabalho, Paulo Quiossa, com seu otimismo contagiante e seus preciosos conselhos.

À minha amiga Regina que, com certeza, ajudou muito a iluminar os meus pensamentos.

À minha prima Márcia por sua presença e ajuda indispensáveis, sobretudo nos momentos de desânimo.

Às minhas queridas cunhadas Carminha, Lilia e Marilda por seu apoio e torcida constantes.

Ao meu filho Hugo (alegria da minha vida) pela razoável compreensão que seus cinco aninhos lhe permitem.

Ao meu marido e grande amor, Luigi, que viveu e acompanhou todo esse processo e nunca me deixou desanimar. Sua presença serena e carinhosa, sempre respeitando os meus “altos” e “baixos” foi fundamental para que eu conseguisse chegar até aqui. Serei eternamente grata.



## RESUMO

O presente trabalho tem por intenção abordar o Espiritismo brasileiro como uma doutrina tal e qual a doutrina originada na França, ou seja, com sua característica tripla de ciência, filosofia e religião, sem que haja o entendimento de que no Brasil o aspecto religioso tenha tomado maiores proporções em detrimento do aspecto científico. Esse estudo vai tentar perceber que ao chegar ao Brasil, no século XIX, a Doutrina Espírita certamente foi influenciada pela formação cultural do país e que o aspecto religioso, de fato, recebeu um maior destaque, o que não significou, necessariamente, um afastamento de sua formação original francesa. O trabalho se deterá com maior afinco a uma característica significativa do espiritismo que é a forte valorização do estudo, o que nos mostra que seu lado científico está, assim como os outros, a todo instante presente no universo espírita. A intenção é perceber que no Espiritismo os aspectos de ciência, filosofia e religião coexistem de maneira complementar uma vez que seu sistema ritual é formado pelo estudo, caridade e mediunidade. No estudo destaca-se a intelectualidade dessa religião, a valorização da investigação racional e da pesquisa experimental. Na caridade o destaque é ao caráter cristão e, na mediunidade destaca-se a relação entre homens e espíritos. Esses pólos estão interligados já que a mediunidade engloba também a caridade e o estudo. O estudo e a caridade, por sua vez, como formas de relação com o mundo espiritual são também mediunidade. Tudo isso nos mostra que essa tríade (ciência, filosofia e religião) se apresenta, efetivamente, como o fio condutor da doutrina de Allan Kardec também aqui no Brasil.

Palavras chave: Espiritismo. Cultura letrada. Mediunidade.



## ABSTRACT

The present work has for intention to approach the Brazilian Spiritualism as a doctrine such and which the doctrine originated in France, that is, with its triple characteristic of science, philosophy and religion, without it has the agreement by that in Brazil the religious aspect has taken bigger ratios in detriment of the scientific aspect. This study it goes to try to perceive that when arriving at Brazil, in century XIX, the Spiritualist Doctrine certainly was influenced by the cultural formation of the country and that the religious aspect, in fact, received a bigger prominence, what it didn't mean, necessarily, a removal of its French original formation. The work will be lingered with bigger tenacity to a significant characteristic of the spiritualism that is the strong valuation of the study, what in the sample that its scientific side is, as well as the others, the all present instant in the espírita universe. The intention is to perceive that in the Spiritualism the aspects of science, philosophy and religion coexist in complementary way a time that its ritual system is formed by the study, charity and mediumship. In the study it is distinguished intellectuality of this religion, the valuation of the rational inquiry and the experimental research. In the charity the prominence is to Christian character e, in the mediunidade it is distinguished relation between men and spirit. These polar regions are linked since the mediumship includes also the charity and the study. The study and the charity, in turn, as forms of relation with the world spiritual are also mediumship. Everything this in the sample that this triad (science, philosophy and religion) if presents, effectively, as the conducting wire of the doctrine of Allan Kardec also here in Brazil.

Keywords: Spiritualism. Learned culture. Mediumship.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRIA DO ESPIRITISMO: TRAJETÓRIA E CHEGADA A JUIZ DE FORA</b> .....	<b>15</b>
2.1	ORIGEM DA DOCTRINA ESPÍRITA .....	15
2.2	PRINCÍPIOS BÁSICOS .....	18
2.3	A DOCTRINA ESPÍRITA NO BRASIL .....	21
2.3.1	Origem e adeptos da doutrina .....	21
2.3.2	Conflitos com a igreja católica .....	27
2.3.3	Características do espiritismo brasileiro .....	30
2.3.4	A Doutrina Espírita em Juiz de Fora .....	35
<b>3</b>	<b>O CENTRO ESPÍRITA: ESPAÇO DA DOCTRINA E DAS PRÁTICAS DE CULTURA LETRADA</b> .....	<b>42</b>
<b>4</b>	<b>ESPIRITISMO: UMA RELIGIÃO DOS LIVROS</b> .....	<b>66</b>
4.1	A VALORIZAÇÃO DO ESTUDO NA DOCTRINA .....	66
4.2	OS GRUPOS DE ESTUDOS .....	77
4.3	PRODUÇÃO LITERÁRIA E MERCADO EDITORIAL .....	82
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>96</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Quando o Espiritismo apresentou-se como um corpo de doutrina, isto é, como resultado de uma codificação, trazia em seu bojo as assertivas da ciência. O codificador, Allan Kardec, salientou, até mesmo com certo relevo, a importância da ciência como um dos seguros pilares do Espiritismo. É como se o pensamento ético e filosófico encontrassem um necessário e mútuo amparo.

Desde o seu advento até os dias presentes sentimos a importância daquele seguro pensamento kardequiano que, no dia-a-dia, melhor se expressa na gleba científica. É o que se tem visto e sentido. Sem as equações da ciência o Espiritismo perde a sua grande significação sociológica; tudo isto porque, com o avanço das descobertas a posição do Espiritismo torna-se, cada vez mais, expressiva.<sup>1</sup>

Ao consultar os dados estatísticos mais recentes sobre a presença das religiões na sociedade brasileira, percebemos que o Espiritismo Kardecista não apresenta muita relevância em termos quantitativos. Naturalmente esse fato é compreensível se levarmos em consideração a tradicional supremacia católica em termos de adeptos no Brasil. De acordo com Marcelo Camurça, o Censo de 2000 aponta o catolicismo como religião majoritária do país representando, em termos percentuais, 73,8% da população. Ainda que essa supremacia esteja mais enfraquecida em função dos desdobramentos do campo religioso brasileiro no século XX, o número de adeptos católicos continua significativo e muito acima de outras denominações religiosas. Por outro lado, fenômenos como o vertiginoso crescimento das denominações pentecostais<sup>2</sup>, especialmente nas últimas décadas do século XX, indica alterações importantes no cenário religioso brasileiro, fato que expressa também a mudança na configuração de elementos estruturais que constituem a sociedade brasileira contemporânea. Uma interpretação para a variedade de religiões que surge, aponta para um quadro de abundância de ofertas religiosas e liberdade de escolha, que são consequência de um processo de modernização, liberalização e democratização ocorrido no país.<sup>3</sup>

Portanto, uma das mudanças mais significativas na vivência religiosa do brasileiro no século XX é a incorporação do termo “escolha” quando no momento de definir a adesão

---

<sup>1</sup> ANDREA, Jorge. **Enfoques científicos na doutrina espírita**. Rio de Janeiro: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1991, p. 9.

<sup>2</sup> Pelo Censo de 2000 os evangélicos ocupam o 2º lugar, representando um percentual de 15,45% da população. Dentre eles os pentecostais predominam, representando 10,43% da população. CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE – 2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 37.

<sup>3</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE – 2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 37-39.



religiosa. O surgimento do Kardecismo no cenário religioso brasileiro tem muito a ver com essa mudança de perspectiva. Em pesquisas mais recentes, no Censo de 2000, fazendo parte do bloco de religiões, o Espiritismo kardecista se localiza em 4º lugar, vindo após os católicos, evangélicos e os sem religião. Os espíritas, então, estão crescendo e representam atualmente 1,4% da população.

Ainda de acordo com os dados do Censo de 2000, em meio as religiões mediúnicas, comparando à umbanda (com cerca de 400.000 autodeclarados), ao candomblé (com cerca de 118.000) e a outras religiões afro (9.500), o Espiritismo está em primeiro lugar (com cerca de 2,2 milhões de autodeclarados). Isso não significa somente uma resistência sem dinamismo, já que num período de duas décadas, entre 1980 e 2000, o Espiritismo cresceu em 50% a sua proporção no conjunto do universo religioso (0,7% em 1980 e 1,4% em 2000), sendo superado somente pelo aumento dos evangélicos e dos sem religião.<sup>4</sup>

Com todas essas informações quantitativas do Censo, cabe mencionar aqui a análise que Emerson Giumbelli realiza sobre as minorias. O autor chama a atenção para o fato de que,

O Brasil ilustra uma situação interessante. É sempre possível encontrar na sua história, em recuos de variada extensão, sinais de pluralidade religiosa – e mesmo quando cláusulas políticas previam que apenas o catolicismo fosse cultuado nessas terras. Entretanto, jamais o vocabulário derivado das noções de maioria e minoria se tornou dominante ou mesmo recorrente para descrever essa pluralidade.<sup>5</sup>

Giumbelli destaca que algumas religiões, como é o caso do Espiritismo, embora estatisticamente estejam denominadas como minorias, não se comportam com tal ou não assumem a identidade que se esperaria delas. Ele cita o autor Carlos Brandão que informa que na religião católica é possível ser católico sem necessariamente participar do catolicismo (“ser sem participar”), ao contrário das religiões mediúnicas, como é o caso do Espiritismo, onde é bastante comum participar da religião espírita sem fazer parte da mesma (“participar sem ser”).<sup>6</sup> Giumbelli conclui ainda que,

De fato, é impossível entender os caminhos pelos quais passou e passa a religiosidade no Brasil sem considerar a referência que representam o espiritismo e

<sup>4</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 174.

<sup>5</sup> GIUMBELLI, Emerson. Minorias religiosas. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 235.

<sup>6</sup> GIUMBELLI, Emerson. Minorias religiosas. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 236.

os cultos afros. Nesse sentido, mesmo sem nunca ter chegado perto de se tornar maioria, são muito mais do que minorias.<sup>7</sup>

Nascido na França do século XIX, o Espiritismo, através do trabalho de codificação de Allan Kardec se definiu como filosofia, ciência e religião. Desde então, teve início uma forte e intrínseca relação entre a Doutrina Espírita e a prática do estudo.

De acordo com o Kardecismo, a ciência e a religião representam as alavancas da inteligência humana, pois uma revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral. Se as duas possuem o mesmo princípio que é Deus, então uma, necessariamente, não pode negar a outra, posto que seria uma grande contradição, uma vez que O Criador não iria desejar destruir a sua própria obra.<sup>8</sup>

O que se percebe, é que para a Doutrina Espírita, os aspectos de ciência e religião podem sim caminhar juntos, e, que ambos, possuem a mesma importância dentro dessa filosofia. O acesso, porém, utilizado para se alcançar o conhecimento dessa filosofia é o estudo.

Kardec deixa claro que o que caracteriza um estudo sério é a continuidade, pois quem pretende adquirir uma ciência deve se dedicar à prática do estudo de maneira sistemática, começando pelo início e prosseguindo por seu encadeamento de idéias.<sup>9</sup>

Como o Espiritismo brasileiro pretende ser entendido neste trabalho de acordo com sua própria definição que destaca seu caráter triplo, é importante que tentemos perceber porque, de fato, o aspecto científico é tão significativo para essa filosofia. O autor Pierre Bourdieu faz uma análise bastante interessante a respeito do campo científico quando coloca que ele é o espaço onde se dá o jogo de uma luta de concorrência. Nessa disputa o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica, que se define, de forma inseparável, como habilidade técnica e poder social, ou então, o monopólio da competência científica, que pode ser entendida como capacidade de falar e agir legitimamente, ou seja, de forma autorizada e com autoridade.<sup>10</sup>

Mais racionalista e liberal devido a sua filiação ao Iluminismo francês do que propriamente por uma coerência teológica com o protestantismo, o Espiritismo se encontra entre, de um lado, o catolicismo das mediações e hierarquias e, de outro, o discurso ideológico

---

<sup>7</sup> GIUMBELLI, Emerson. Minorias religiosas. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 237.

<sup>8</sup> KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: IDE, 332ª edição, 2006, p. 36-37.

<sup>9</sup> KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de J. Herculano Pires, revista e anotada pelo tradutor para esclarecimento e atualização dos problemas do texto. 49ª edição. São Paulo: LAKE, 1989, p. 44.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. **Lê champ scientifique**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104. Tradução de Paula Montero, p. 122 e 123.

secularizado e laico que encontra no campo da ciência a sua representação simbólica. E é justamente essa tentativa sincrética de reunir fé e ciência que é mantida como sucesso do sistema espírita por seus adeptos. Realmente é difícil exagerar o encanto que exerce um conjunto de crenças que, como se não bastasse ser revelado, também se apresenta como científico, ou seja, que intenta estar livre de preconceitos de ordem religiosa apresentando-se como uma “fé racionalizada” que se fundamenta em provas empíricas da existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material.<sup>11</sup>

Em Juiz de Fora o Espiritismo chega cedo, no final do século XIX. A partir daí, a doutrina se estabelece e chega aos dias de hoje merecendo destaque devido a sua presença marcante e ativa na sociedade.

Segundo Simone de Oliveira, em Juiz de Fora os adeptos dessa religião desfrutam de grande prestígio, participando com frequência de diversos cultos e encontros ecumênicos que são promovidos. É muito comum na cidade a realização de eventos culturais que abordam temas relacionados ao Espiritismo, como por exemplo, peças de teatro, congressos e palestras. As datas comemorativas para os espíritas, e também suas atividades culturais, contam na imprensa local com espaço livre para divulgação.<sup>12</sup>

De acordo com os dados da Aliança Municipal Espírita (AME), órgão de unificação do movimento, Juiz de Fora conta hoje com um total de quarenta e quatro centros espíritas. Isso nos faz chegar à conclusão de que a cidade, na verdade, possui um número maior de centros, uma vez que nem todas as casas são filiadas ao órgão. Daniel Pavan, em função dessa filiação, faz uma classificação dos centros. Aqueles que são filiados formam uma parte do movimento espírita, que ele classifica como espiritismo institucionalizado, já que para se filiar a AME é preciso estar registrado junto aos órgãos públicos governamentais. Por outro lado, os centros que não são filiados são classificados como espiritismo não institucionalizado, pois não possuem registro junto aos órgãos públicos.<sup>13</sup>

É importante nesse estudo, esclarecer que temos o conhecimento da existência de uma pluralidade ou diversidade dentro do Espiritismo, embora não tenhamos a intenção de explorá-la. De acordo com Daniel Pavan, existe o conceito de um espiritismo plural dentro do próprio Espiritismo de Kardec, ainda que de forma implícita, pois se não é homogêneo, pode

---

<sup>11</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 184.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 135-136.

<sup>13</sup> PAVAM, Daniel; SOUZA, Petrônio G. de. Diversidade identitária no movimento espírita em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 158.

apresentar divergências que o dividiriam, deixando aberta a possibilidade de percebermos nele, formas diferenciadas de espiritismo, surgindo de dentro para fora. Isso não significaria, necessariamente, um rompimento com a doutrina kardequiana, mas sim uma diferenciação na maneira de interpretar essa doutrina.<sup>14</sup>

Entretanto, apesar das tensões internas e externas que se apresentam no universo espírita, trataremos a doutrina como de fato ela foi fundada, com suas características de filosofia, ciência e religião, sem nos atermos a essas fragmentações que caracterizam o movimento espírita.

Nossa pesquisa se desenvolveu, sobretudo, com base em material bibliográfico detalhado sobre o assunto, sendo utilizadas obras espíritas e não espíritas. As fontes bibliográficas utilizadas se dividiram principalmente em dois grupos. O primeiro grupo se dedica ao histórico da Doutrina Espírita, destacando sua origem, princípios básicos, chegada ao Brasil e conflitos com a Igreja Católica. O segundo grupo bibliográfico trata das questões relativas às práticas de cultura letrada, realizadas no centro espírita, tendo como destaque a importância do estudo para a doutrina.

A outra etapa da pesquisa se deu em proporções bem menores que a primeira. Em trabalho de campo, foram utilizadas algumas técnicas de coleta de dados trabalhadas, sobretudo, a partir de observação participante.

Dois Centros Espíritas foram escolhidos, *A Casa do Caminho* e a *Fundação Espírita Allan Kardec*, para realizarmos nossos estudos. Lançamos mão da técnica de observação participante acreditando ser pertinente, já que, há muitos elementos que não podem ser apreendidos através da fala ou da escrita. Essa técnica consiste em examinar, analisar, um grupo de pessoas ou um indivíduo (dentro de um contexto) com o objetivo de descrevê-lo. Damos importância à observação dos ambientes (internos ou externos), ao comportamento das pessoas no grupo, como postura corporal, normas de conduta, linguagem utilizada, tom de voz e ao período de tempo em que ocorreram os processos observados.<sup>15</sup>

Para tratarmos do nosso tema que diz respeito ao Espiritismo e sua relação com a cultura letrada, mais especificamente com o estudo, será também necessário apresentarmos, ainda que de maneira breve, um histórico da Doutrina Espírita. Será traçado o panorama político, econômico e social do Brasil e da cidade mineira de Juiz de Fora no período da

---

<sup>14</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p.51.

<sup>15</sup> VICTORA, Ceres. Técnicas de pesquisa. In: \_\_\_\_\_ **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000, p. 62-63.

introdução do Espiritismo, ocorrido em finais do século XIX, quando grupos familiares começaram então a se reunir para estudo e experimentação. Após acompanharmos seu percurso evolutivo, chegaremos, finalmente, aos nossos dias onde, já centenário, o Espiritismo de Kardec ocupa um lugar de destaque entre as religiões do país.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro trata de uma forma mais geral, da história do Espiritismo desde sua origem, na França, até os dias de hoje no Brasil e na cidade de Juiz de Fora procurando apresentar os pontos principais da doutrina e os valores culturais a ela relacionados.

O segundo capítulo vai abordar, de forma minuciosa e descritiva, o Centro Espírita, que é o lugar mais indicado e apropriado para a prática da doutrina em sua totalidade. Serão observados a estrutura física, o funcionamento e, sobretudo, as práticas rituais (que também incluem as práticas letradas e a caridade), assim como outros aspectos que fazem parte do centro.

Por fim, o último capítulo se dedica ao grande valor atribuído à prática do estudo pelo Espiritismo desde sua origem até a atualidade. A ênfase maior cairá sobre a importância da leitura, o funcionamento dos grupos de estudo e a necessidade de se ter um nível mínimo de letramento para conseguir se manter como participante dessa doutrina.

Visto tudo isso, podemos compreender o quão importante e necessário é o estudo da Doutrina Espírita, já que esse sistema religioso é parte significativa da cultura brasileira. Só para termos uma idéia melhor, nem mesmo o grande abalo em decorrência da morte do médium Francisco Cândido Xavier, chegou a alterar a posição do Espiritismo, o que se pode perceber diante da grande exposição de temas espíritas na mídia, especialmente na Rede Globo de Televisão, onde o assunto se apresenta com frequência nas novelas, minisséries e programas jornalísticos.<sup>16</sup>Sua poderosa e diversificada indústria editorial é responsável pela produção de títulos muito populares num país conhecido pelos baixos índices de leitura e aquisição de livros per capita. Por outro lado, o Espiritismo, cada vez mais representa um tipo de subcultura religiosa independente e descentralizada, diante da qual se pode notar até

---

<sup>16</sup> Em Juiz de Fora, a presidente do centro espírita A Casa do Caminho, D. Isabel Salomão de Campos, já teve a oportunidade de divulgar o trabalho realizado em seu centro, em programas globais como Globo Repórter e Fantástico, além, é claro, de participar também de outras divulgações, através da mídia, na própria cidade (CAMPOS, Iriê Salomão de. **Elo de amor:** vida e obra de Isabel Salomão de Campos. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 2006).

mesmo o surgimento de um modelo informal e literário de construir uma religiosidade privada, por meio de leituras e participações casuais em centros espíritas.<sup>17</sup>

É de grande importância esclarecer que essa pesquisa tem a intenção de analisar o Kardecismo e sua essencial relação com a cultura letrada, na tentativa de se entender melhor a posição de prestígio que essa religião ocupa no campo religioso brasileiro. O autor Bernardo Lewgoy expressou de forma clara essa relevância do Espiritismo quando analisou que,

A mediação letrada, compreendendo tanto a identificação com o racionalismo moderno quanto com a idealização nativa dos usos e costumes dos letrados – em suas facetas de escola laica, de ciência, de saber erudito, mas também de códigos burocráticos – é fundamental para entender a preservação do lugar de prestígio ocupado pelo espiritismo kardecista no campo religioso, bem como a escolarização relativamente superior de seus membros. Ao lado da ênfase na chamada *codificação* de Kardec (pólo simbólico de identificação comum, a despeito dos diversos modos de vivenciar o espiritismo) é a referência à cultura letrada que lança luzes sobre esta alternativa religiosa de incluídos e escolarizados, assim como desvela as nem sempre visíveis barreiras intelectuais e sociais à participação dos membros das camadas menos favorecidas da população em seu espaço religioso.<sup>18</sup>

Portanto, o intuito do trabalho é o de reunir algumas abordagens e análises acerca do assunto proposto tendo em vista dar um maior realce a esse tema do estudo no Espiritismo, que em nosso entendimento, ainda não recebeu as merecidas atenções, salvo o olhar de alguns poucos autores. Esse universo letrado, presente no movimento espírita, nos serve como indicador de características e particularidades de significativa importância para se compreender essa doutrina e, conseqüentemente o seu relacionamento com as demais religiões, que em nosso campo religioso aparece em terceiro lugar. Pensamos que o Espiritismo, certamente nos aponta para variadas perspectivas de pesquisa acerca de sua riqueza cosmológica, sendo a cultura letrada com ênfase no estudo, apenas uma delas.

---

<sup>17</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 174.

<sup>18</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 173.



## 2 BREVE HISTÓRIA DO ESPIRITISMO: TRAJETÓRIA E CHEGADA A JUIZ DE FORA

### 2.1 Origem da doutrina Espírita

O êxito do Espiritismo<sup>19</sup> num país que por séculos foi oficialmente católico resulta de uma história que teve início na segunda metade do século XIX, trazida por meio das obras de um pedagogo francês, Hippolyte Léon Denizard Rivail, com pseudônimo Allan Kardec, que começaram a circular entre membros da elite brasileira.<sup>20</sup>

Hippolyte Léon Denizard Rivail<sup>21</sup>, nasceu na França no ano de 1804 e fez carreira como pedagogo. Toda a atividade didática realizada por ele caminhava juntamente com a necessidade de se buscar o conhecimento do psiquismo humano e da transcendência da alma.<sup>22</sup> Ele fez parte do movimento espiritualista moderno surgido na segunda metade do XVIII. Ao começar a publicar seus escritos espíritas adotou o pseudônimo de Allan Kardec que, segundo ele, teria sido seu nome em uma existência anterior.<sup>23</sup>

Na Europa, em meados do século XIX, o que havia de novidade eram as intensas tentativas de comunicação com o mundo dos espíritos, o que acabava ocasionando grande alvoroço nos ambientes freqüentados pela burguesia. É comum atribuir a origem desse movimento espiritualista a fenômenos que aconteceram nos Estados Unidos em 1848 com as irmãs Fox.<sup>24</sup>

Margaret e Katie Fox criaram mecanismos para a comunicação com os espíritos e passaram a interpretar ruídos sem explicação plausível para os mesmos. Tais acontecimentos despertaram então grande interesse por esses fenômenos. Na década de 1850 a manifestação

---

<sup>19</sup> O termo Espiritismo utilizado no presente trabalho se refere a Doutrina Espírita codificada pelo pedagogo francês Allan Kardec. É importante elucidar essa questão uma vez que esse mesmo termo, também pode ser encontrado para designar toda crença na possibilidade de comunicação com o mundo dos espíritos através de médiuns, o que inclui também o Candomblé e a Umbanda.

<sup>20</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p.5.

<sup>21</sup> Para saber mais sobre a vida de Allan Kardec ver DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

<sup>22</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 43.

<sup>23</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 7.

<sup>24</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 7.

mais comum se dava por meio das mesas girantes, nas quais um grupo de pessoas se reunia em volta de uma mesa, pousava as mãos sobre a mesma e se concentrava. Entendia-se que a partir do movimento da mesa era possível obter informações dos espíritos.<sup>25</sup> Em meio a essa onda espiritualista internacional, Allan Kardec já organizava em Paris sessões espíritas com médiuns cuidadosamente escolhidos.<sup>26</sup>

Kardec apresentou ao mundo o que chamou de Terceira Revelação, em seqüência ao Judaísmo e Cristianismo, e registrou em uma série de livros o que lhe teria sido transmitido por espíritos superiores com o intuito de fundamentar uma nova religião, uma nova ciência e uma nova filosofia.<sup>27</sup> Coube a ele a tarefa de compilar, sistematizar e editar as inúmeras mensagens reunidas nas obras *O Livro dos Espíritos* (1857), o primeiro da chamada Codificação ou Terceira Revelação, depois seguido pelo *Livro dos Médiuns*, *Evangelho Segundo o Espiritismo*, *Gênese* e o *Céu e Inferno*. Allan Kardec é considerado apenas o codificador dessas obras, o que torna, para seus adeptos, o Espiritismo uma doutrina legítima, já que não é uma criação humana.<sup>28</sup>

A doutrina filosófico-religiosa codificada por Kardec procurava se adequar às últimas descobertas no campo da ciência positiva (experimental) de meados do século XIX. O termo Espiritismo, criado por ele para distinguir a doutrina revelada pelos espíritos, era uma vertente do espiritualismo eclético do século XIX. Nessa doutrina, além da fé em Deus e na imortalidade da alma, juntou-se também a prática das manifestações dos espíritos, e a crença na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados.<sup>29</sup>

Seus livros apresentam uma doutrina completa a respeito da origem, situação e destino dos homens, seus graus de desenvolvimento progressivo (evolução), seus nexos entre a conduta moral do indivíduo e a trajetória espiritual em diferentes existências<sup>30</sup>, sobre a vida após a morte, assim como sobre os processos de comunicação entre vivos e mortos. Kardec

---

<sup>25</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 7-8.

<sup>26</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 178.

<sup>27</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 7.

<sup>28</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 178.

<sup>29</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 10–11.

<sup>30</sup> A Doutrina Espírita não foi pioneira na idéia de multiplicidade de existências. Tal crença já existia desde a velha Índia até as culturas primitivas da África e das Américas (DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 33).



destaca que o Espiritismo é, acima de tudo, uma doutrina moral que concilia uma raiz cristã racionalista com outra, secular e cientificista.<sup>31</sup>

Em *O Livro dos Espíritos*, foram lançados os princípios da doutrina a respeito da imortalidade da alma, da natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, das leis morais, da vida presente e futura e do destino da humanidade. O *Livro dos Médiuns* apresenta a teoria sobre as manifestações e suas diversas modalidades, as condições favoráveis à ocorrência dos fenômenos espirituais, o desenvolvimento e o exercício da mediunidade. No *Evangelho Segundo o Espiritismo* encontramos os ensinamentos de Jesus Cristo à luz do Espiritismo, que tem como objetivo conciliar e aplicar os ensinamentos morais cristãos à vida do homem na terra. Em *O Céu e Inferno* temos a idéia da causalidade das penas e recompensas por meio da exemplificação de vários Espíritos, encarnados e desencarnados, e de suas condições de existência, vistas como conseqüência de seus atos anteriores. O livro *Gênese* é uma espécie de resumo das principais obras de Kardec, que destaca o aspecto científico da fenomenologia espírita.<sup>32</sup>

*O Livro dos Espíritos* resultou de um trabalho cuidadoso e regular de interrogação dos espíritos. Tal atividade foi desenvolvida através de várias sessões realizadas pelo próprio Kardec, em sua residência, juntamente com um pequeno grupo. Dessa forma, a obra conteria um conjunto de verdades comunicadas diretamente do mundo invisível (espiritual) por intermédio dos médiuns, isto é, das pessoas por meio das quais os espíritos se manifestavam.<sup>33</sup>

Kardec, no intuito de conseguir maior contato com o público que conquistara fundou uma revista especializada e a primeira sociedade de estudos espíritas a ser regulamentada na França. Além disso, realizou várias conferências pelas províncias, onde também criou círculos de estudos da doutrina.<sup>34</sup>

Após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, o movimento espírita, tendo Allan Kardec como seu representante principal, finalmente deslanchou na França e, a partir de então, começou a atingir outros países. As obras publicadas em seguida também tiveram e continuam a ter uma importância fundamental para a Doutrina Espírita.<sup>35</sup>

<sup>31</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 178-179.

<sup>32</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 46-47.

<sup>33</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p.8.

<sup>34</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 11.

<sup>35</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 8-9.

## 2.2 Princípios básicos

No Espiritismo a codificação de Allan Kardec ocupa um lugar central. Sua grande importância pode ser percebida em vários planos:

1. É o que unifica o Movimento Espírita, permitindo sua diferenciação de “outras formas de Espiritualismo”;
2. Constitui-se na fonte última de autoridade em discussões a respeito da doutrina;
3. Nas várias sessões e atividades espíritas, a sua leitura, estudo e comentário ocupam um lugar importante.<sup>36</sup>

Em suas obras Kardec sustenta a idéia de que os espíritos existem antes e depois da vida na terra. Como consequência desse pensamento, os espíritas entendem a morte como uma circunstância pela qual o espírito abandona definitivamente o corpo físico, o que é chamado, por eles, de desencarnação. Para ele, a relação dos espíritos com a terra não se dava apenas por suas encarnações (nascimentos) e reencarnações. Teríamos também interferências freqüentes dos espíritos na vida cotidiana, afetando a saúde e a existência dos terrestres, seja para o bem ou para o mal. Assim, a comunicação com o mundo espiritual era vista como possível e desejável, uma vez que permitiria enfrentar influências negativas e conseguir apoio e orientação de espíritos tidos como evoluídos.<sup>37</sup>

Como a Doutrina Espírita foi elaborada numa conjuntura em que o pensamento filosófico e científico estava dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, os ideais da razão, opostos às noções de mágico e sobrenatural, são encontrados de forma bastante explícita nas obras da codificação. As idéias de revelação e experiência que são comumente entendidas como contrárias, no Espiritismo se apresentam combinadas, isto é, a crença tanto na razão quanto nos espíritos (inconciliável para o discurso científico), é perfeitamente conciliável para Doutrina Espírita.<sup>38</sup>

Allan Kardec, no início, tinha uma forte preocupação em demonstrar um método de comunicação com os espíritos, à maneira da ciência experimental, que pudesse ser repetido e

---

<sup>36</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 22.

<sup>37</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 9.

<sup>38</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 23.

que colocasse sob controle possíveis distorções das mensagens dos espíritos. Daí a grande importância que deu aos médiuns<sup>39</sup>, que considerava veículos das manifestações espirituais.<sup>40</sup>

A comunicação com o mundo espiritual, erguendo-se à evidência dos sentidos, adquire o estatuto de prova científica. A Doutrina Espírita se apresenta não somente como uma religião, mas também como uma ciência e uma filosofia, uma vez que suas implicações são ao mesmo tempo filosóficas, científicas e morais.<sup>41</sup>

O Espiritismo é um sistema religioso composto por suas crenças (representações) e práticas (rituais). Esse entendimento da religião acaba por separar o sistema religioso em dois planos nos quais a análise vai ocorrer: o plano do pensamento, do intelecto (as representações); e o plano do comportamento, das ações humanas (os rituais).<sup>42</sup>

Para tentarmos demonstrar o que se entende por religião lançamos mão do autor Clifford Geertz quando diz que,

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional. Formulado como mana, como Brahma ou como a Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Não sendo meramente metafísica, a religião também nunca é meramente ética. Concebe-se que a fonte de sua vitalidade moral repousa na fidelidade com que ela expressa a natureza fundamental da realidade. Sente-se que o “deve” poderosamente coercivo cresce a partir de um “é” fatural abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana.<sup>43</sup>

Todo esse sistema de pensamento era baseado numa concepção evolucionista, isto é, os espíritos se hierarquizavam segundo seus merecimentos e evolução moral. O planeta terra era visto como um local de provação e as reencarnações como fases no percurso da evolução espiritual. Essa evolução era de caráter progressivo e sem retrocessos. O progresso espiritual

---

<sup>39</sup> Existem várias modalidades de médiuns: de efeitos físicos, sensitivos, videntes, auditivos, sonâmbulos, etc. O desenvolvimento das faculdades mediúnicas exige estudo, disciplina e exercício para que se tenha um conhecimento profundo dos fenômenos para um melhor controle e desempenho (DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.61).

<sup>40</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 9.

<sup>41</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 24.

<sup>42</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 9, 31.

<sup>43</sup> GEERTZ, Clifford. “Ethos”, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: \_\_\_\_\_ **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

levaria a um estado de perfeição, cujo ritmo dependeria do uso que cada criatura humana fizesse de seu livre-arbítrio no decorrer de suas sucessivas existências.<sup>44</sup>

Vejamos, de uma forma sintética, as principais teses do Espiritismo:

- a) Possibilidade e interesse de comunicações com os espíritos;
- b) Crença na reencarnação;
- c) Crença na chamada “lei da causa e do efeito”, isto é, nada é casual e não podemos nos livrar das conseqüências de nossos atos;
- d) Crença na multiplicidade dos mundos habitados. Cada qual constituiria uma fase geral do progresso espiritual. A terra é considerada como um planeta de penitência (expição);
- e) Não existe diferença entre o natural e o sobrenatural, nem entre a religião e a ciência. Não há graça. O progresso individual depende, unicamente, do valor pessoal acumulado nas sucessivas encarnações;
- f) A virtude primordial é a caridade, e, esta se aplica tanto aos encarnados quanto aos desencarnados;
- g) Deus, embora existente, se encontra muito longe e se perde na distância incomensurável de um ponto espiritual que mal podemos vislumbrar;
- h) Os “guias” se encontram mais próximos. São muito importantes no culto espírita e nos auxiliam movidos por amor;
- i) Jesus Cristo é considerado a maior entidade encarnada que já veio ao nosso mundo.<sup>45</sup>

A vida humana, para Allan Kardec, era passageira e desprovida de sentido se vista descontextualizada. Porém, a mesma adquiria sentido e significado quando colocada contra o pano de fundo formado por um universo eterno e imutável, onde a vida humana (longe de iniciar-se e encerrar-se no mundo terreno) continuava além da morte, num plano espiritual distinto do das religiões tradicionais.<sup>46</sup>

O Espiritismo, como doutrina, foi desenvolvido com muito cuidado a partir de algumas mensagens e muitas sessões de perguntas e respostas com vários espíritos, por meio de médiuns psicógrafos renomados. Alguns espíritos que deram testemunho foram o Espírito da Verdade, São Vicente de Paulo, São Luís, Santo Agostinho, Sócrates e Platão. As respostas

---

<sup>44</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 9.

<sup>45</sup> CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 7-8.

<sup>46</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 30.

adquiridas (de espíritos desencarnados que não possuíam nem a sabedoria nem a ciência supremas) não revelavam uma verdade absoluta, mas somente as verdades relativas ao nível de conhecimento de cada um sendo, dessa forma, suscetível de revisão. A partir dessas informações Kardec passou a ordenar e a selecionar as perguntas e respostas dotando, enfim, de coerência interna a doutrina que ia elaborando.<sup>47</sup>

Uma vez que o Espiritismo é resultado do conhecimento de muitos autores (encarnados e desencarnados) com limitações inerentes, Allan Kardec o considerava uma obra inacabável, que deveria incorporar os avanços nos diversos ramos do conhecimento na medida em que a ciência fosse evoluindo.<sup>48</sup>

## 2.3 A doutrina Espírita no Brasil

### 2.3.1 Origem e adeptos da Doutrina

A partir dos anos sessenta do século XIX, uma nova opção se mostrou nos moldes de uma doutrina que procurava conciliar o racionalismo, defendido pelos filósofos e cientistas, com a crença na sobrevivência individual do espírito, e em seu desenvolvimento constante: a Doutrina Espírita. Objeto de estudo de grandes personalidades, a doutrina não se mostrava de fácil compreensão para a população iletrada. No entanto, em alguns aspectos, sobretudo aqueles que se referiam aos fenômenos físicos e à prática da homeopatia por leigos, o Espiritismo conseguiu chegar ao povo e incorporar-se à sua religião.

O Brasil apresenta uma forte tradição espiritualista já desde os tempos coloniais. O chamado catolicismo luso-brasileiro, ligado ao regime do padroado<sup>49</sup>, tinha como

---

<sup>47</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 30.

<sup>48</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 30-31.

<sup>49</sup> Padroado: instituição criada pelas monarquias ibéricas a partir do século XIII, para estabelecer alianças com a Santa Sé. Graças a essa instituição as coroas ibéricas exerciam grande influência na administração eclesiástica de seus impérios ultra-marinos. Através do padroado, a monarquia promovia, transferia ou afastava clérigos; decidia e arbitrava conflitos nas respectivas jurisdições das quais ela própria fixava os limites. Com exceção dos temas e assuntos pertinentes ao dogma, a Igreja colonial, pelo padroado, ficava sob o controle permanente do Estado. No Brasil, o padroado só foi extinto na república (AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 340).

característica um baixo grau de controle eclesiástico sobre os cultos religiosos que eram praticados à margem da Igreja.<sup>50</sup>

Ocorreu aqui um diversificado processo de encontros culturais e sincretismos entre as crenças em orixás e eguns das religiões africanas, trazidas pelos escravos, com o espiritualismo xamanístico dos índios e com as crenças católicas populares em santos, anjos e almas penadas. Dessa forma, essas crenças e práticas de contato com o sobrenatural através de rituais de feitiçaria e transe de possessão criaram como que uma língua franca espiritualista que rapidamente se universalizou na colônia.<sup>51</sup>

No Brasil, o Espiritismo chega ainda na segunda metade do século XIX, vindo como um entre outros modismos da época, uma vez que a França exercia uma forte influência no imaginário intelectual e estético das elites brasileiras do período. Em pouco tempo a doutrina transformou-se em alternativa religiosa de vanguarda, cujo atrativo estava em sua particular conjugação entre ciência experimental e fé revelada, agregada a um anticlericalismo que agradava a um público de opositores ilustrados do Império.<sup>52</sup>

O estreito contato que o Brasil possuía com a Europa, sobretudo com a França, se dava por intermédio das elites brasileiras que para lá viajavam a fim de realizar seus estudos, o que acabou por contribuir e favorecer a importação das idéias correntes no Velho Continente. Desse modo, as mais diversas tendências científicas, filosóficas e religiosas foram absorvidas pela intelectualidade do país: a teoria da evolução, o materialismo, o positivismo e o espiritualismo moderno.<sup>53</sup>

Inicialmente o Espiritismo era praticado no Rio de Janeiro pelos grupos de imigrados franceses. Seu desenvolvimento ganhou maior impulso a partir da tradução das obras de Allan Kardec, realizada, a princípio, pelo jornalista baiano Luiz Olimpio Teles de Menezes na década de 1860. Neste período, o Espiritismo ganhou importantes adesões de membros da elite imperial, como médicos, advogados, jornalistas e militares.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 180.

<sup>51</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 180-181.

<sup>52</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 181.

<sup>53</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 12.

<sup>54</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 181.

Foi também na década de 1860, sob a liderança de Teles de Menezes, que se organizou o primeiro núcleo espírita do Brasil. Tal núcleo foi criado com o intuito de se estudar, praticar e também difundir o movimento espírita. As atividades organizadas do Espiritismo não pararam desde então, tornando assim, o movimento espírita cada vez mais conhecido no nosso país.<sup>55</sup>

A chegada da República trouxe consigo o princípio constitucional da liberdade religiosa. Neste momento então, o Espiritismo consagrou-se como uma doutrina da caridade e da assistência aos pobres (tradicional bandeira da Igreja Católica), principalmente através da prescrição mediúnic de receitas homeopáticas a uma população carente de assistência médica.<sup>56</sup> Graças a sua característica mágica-terapêutica, juristas e médicos se posicionaram contra os espíritas, aos quais também se aliaram os clérigos católicos. É nesse processo conflituoso que os posicionamentos agressivos ao chamado “baixo-espiritismo” vão constituir ponto de congregação entre espíritas e intelectuais laicos da República.<sup>57</sup>

Ainda que a Igreja Católica reagisse de forma contrária ao Espiritismo, este estabeleceu-se de maneira firme e duradoura. A partir de então começaram a se formar grupos de estudos voltados para compreensão do conteúdo filosófico da doutrina.<sup>58</sup>

Esses grupos tratavam da própria organização interna, definindo cada um seus modos de atuação. Eles mesmos eram responsáveis por cuidar da reunião de novos adeptos e fixar suas metas e atividades. Não existia uma estrutura que regularizasse o desenvolvimento das sessões nem o funcionamento dos núcleos que foram surgindo, para isso era necessário consultar e buscar inspiração nas obras de Kardec.<sup>59</sup>

A inclinação ao trabalho independente dos núcleos espíritas era reforçada pela importância dada à mediunidade, pois, para Kardec, esta era a responsável por permitir o acesso organizado ao mundo invisível e poderia então, ser trabalhada e aperfeiçoada, mas acima de tudo era considerada como um atributo individual.<sup>60</sup>

---

<sup>55</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 11.

<sup>56</sup> Para maiores informações e detalhes sobre a relação entre o discurso médico e o discurso espírita no período consultar a dissertação *Espíritas enlouquecem ou espíritos curam?* Uma análise das relações, conflitos, debates e diálogos entre médicos e kardecistas na primeira metade do século XX (Juiz de Fora-MG), 2007 de Roberta Müller Scafuto Scoton.

<sup>57</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 182.

<sup>58</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 68.

<sup>59</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 15.

<sup>60</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 15.

O Espiritismo entende que a comunicação espiritual tanto diz respeito aos médiuns quanto aos próprios espíritos, e que as relações que se firmam entre eles definem as peculiaridades de cada grupo. Entende também que os benefícios das sessões espíritas dependem do grau de evolução dos espíritos e dos espíritas, além da determinação de cada um em se aperfeiçoar. Tais concepções impunham limite na possibilidade de controle externo e formal das atividades dos grupos espíritas.<sup>61</sup>

Os primeiros grupos espíritas se organizavam de maneira familiar, agrupando parentes e amigos com o intuito de discutir textos e questões relativas ao mundo dos espíritos, além de realizarem sessões de comunicação com o mundo espiritual.<sup>62</sup> Bem no início da penetração do Espiritismo no país, essas reuniões eram realizadas nas próprias casas, o que atualmente não é aconselhável.<sup>63</sup> Essa é a origem mais comum dos centros espíritas do Brasil.<sup>64</sup>

No Rio de Janeiro, diversos grupos se sucederam, em consequência do aumento da quantidade de adeptos e das controvérsias internas sobre a direção que o movimento espírita deveria tomar. As disputas se davam entre os que queriam dar um status de ciência para o Espiritismo e os que reforçavam seu aspecto religioso. Tal divisão conduzia a ênfases distintas nas práticas espíritas. A corrente científica beneficiava as pesquisas de fenômenos espíritas. A corrente religiosa preocupava-se com o recebimento de mensagens e instruções dos espíritos voltadas para o aperfeiçoamento moral.<sup>65</sup>

Embora estivesse ocorrendo uma expansão da Doutrina Espírita, as disputas internas acabavam por enfraquecer o movimento num ambiente hostil onde o catolicismo ainda predominava.<sup>66</sup>

Essa situação conduziu os espíritas à intenção de fundarem uma entidade que viesse representar a todos. No ano de 1884, na cidade do Rio de Janeiro, foi criada a Federação Espírita Brasileira (FEB), que tinha a clara intenção de filiar todos os núcleos e tendências espíritas, independente de suas discordâncias, isto é, pretendia ser a representante do Espiritismo no Brasil.<sup>67</sup>

Após esse período, o Espiritismo acabou se afirmando, definitivamente, como um movimento religioso que, inclusive, se apresentava como um aprofundamento do cristianismo. Foi dessa forma, como religião, que a Doutrina Espírita cresceu

---

<sup>61</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 16.

<sup>62</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 16.

<sup>63</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 51.

<sup>64</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 16.

<sup>65</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 17.

<sup>66</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 19.

<sup>67</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 19.



significativamente e se multiplicou em núcleos pelo país. A partir de então, o Espiritismo, de fato, se inseriu na dinâmica cultural brasileira.<sup>68</sup>

Com o passar do tempo, houve a definição de um modelo para a organização de centros espíritas, onde a terapia de passes, a fluidificação de água, o atendimento fraterno e a desobsessão<sup>69</sup> ultrapassaram a ênfase anterior no receitismo mediúnicos sem, contudo, eliminá-lo. O Espiritismo dirigiu-se para uma clientela de adeptos das camadas médias urbanas letradas, afinando-se, de forma gradual, com os desafios de construção nacional no Brasil do início do século XX. Sua mensagem conseguiu atingir, de forma significativa, alguns segmentos profissionais urbanos, como o dos militares, advogados, funcionários públicos, médicos e jornalistas, muitos dos quais em franca oposição ao controle de suas consciências e projetos por parte das autoridades católicas. O Espiritismo kardecista foi um dos poucos espaços de uma religiosidade reflexiva e internalizada<sup>70</sup>, devido ao fato de se tratar de uma religião completamente pautada na razão e no livre-arbítrio.<sup>71</sup>

Enquanto um sistema religioso, o Espiritismo cria uma determinada maneira de ser, de se comportar e de estar no mundo que é típica de segmentos das camadas médias, sendo necessário ressaltar também, que a Doutrina Espírita é formada por um ethos<sup>72</sup> de discrição, seriedade, controle, solicitude e paciência para com o próximo, o que é perfeitamente compreensível, já que valoriza a todo instante, a harmonia, o respeito às posições estabelecidas e a tolerância. Em compensação, ele se manifesta contra a rebeldia, o conflito e o descontrole de maneira geral.<sup>73</sup>

Naturalmente essa postura adotada está relacionada ao tipo de imagem que se pretende transmitir para a sociedade. Essa imagem, por sua vez, diz respeito diretamente à questão do letramento e da importância do estudo dentro do Espiritismo, pois é essa característica letrada

<sup>68</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27.

<sup>69</sup> A sessão de desobsessão é considerada o ponto alto dentro do grupo espírita. Nessa sessão, os médiuns entram em contato com todo o tipo de espíritos sofredores. A intenção é doutrinar esses espíritos fazendo com que os mesmos se arrependam (CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 123).

<sup>70</sup> Entende-se por religião internalizada a escolhida pelo fiel que pensou nela encontrar a satisfação de suas necessidades e uma experiência de adesão à verdade (CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 59).

<sup>71</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 182.

<sup>72</sup> A palavra “ethos” se refere aos elementos valorativos de uma determinada sociedade, ou seja, os aspectos morais e estéticos de uma dada cultura. GEERTZ, Clifford. “Ethos”, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

<sup>73</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 58, 69 e 82.

e instruída que de alguma forma confere respeito e, sobretudo, status ao adepto da Doutrina Espírita.

Os adeptos do Espiritismo que freqüentam o centro espírita se dividem em três tipos:

1. *Ativos*: dirigentes dos centros, líderes institucionais e os médiuns. Geralmente esse grupo recebe a orientação para ler de forma intensa e formar uma cultura doutrinária bastante consistente. Deve manter uma conduta moral ilibada e dar testemunho de suas convicções dedicando-se à assistência social. São considerados os ativistas do Espiritismo, pois são frequentemente solicitados devido a seus ideais éticos e religiosos, conseqüentes de sua visão doutrinária e de seu papel dentro do grupo. A tendência institucional procura fornecer à maioria dos adeptos uma educação formal, por meio de “escolas de médiuns”, cursos de “passes” e formação de “evangelizadores”.<sup>74</sup>

2. *Participantes*: são aqueles fiéis que adotam a doutrina e participam de alguns trabalhos práticos. Estes não desenvolvem sua mediunidade. São assíduos nas sessões espíritas, mas se dedicam menos às reuniões de estudos e às leituras doutrinárias.<sup>75</sup>

3. *Eventuais*: são as pessoas que vão em busca de conforto espiritual ou alívio para seus problemas físicos e morais. Não possuem uma integridade doutrinária e, apenas eventualmente, participam das atividades assistenciais. Não tentam conduzir suas vidas de acordo com o código ético da doutrina. Vão à procura de “passes” que tranquilizam e de palavras que confortam. Os aspectos mágicos os atraem casualmente à sessão espírita e raramente às reuniões de estudo.<sup>76</sup>

O Atlas da Filiação Religiosa<sup>77</sup> nos informa que os espíritas estão presentes em maior número nas áreas urbanas, incorporam mais mulheres do que homens e também pessoas acima de 31 anos de idade de cor branca<sup>78</sup>. O nível de educação e de renda está acima da média nacional, sendo que os setores mais escolarizados do país estão, em sua maioria, representados no movimento.<sup>79</sup>

<sup>74</sup> CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 73-74.

<sup>75</sup> CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 74.

<sup>76</sup> CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 74-75.

<sup>77</sup> JACOB, César Romero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2003.

<sup>78</sup> Grande parte dessas pessoas é classificada como empregador. LEWGOY, B. Incluídos e letrados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 174.

<sup>79</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 174.

### 2.3.2 Conflitos com a Igreja Católica

Durante muito tempo, desde sua chegada ao Brasil, o Espiritismo se desenvolveu num ambiente marcadamente católico.<sup>80</sup> A história do Catolicismo no país é parte integrante e essencial da própria história do Brasil, já que se firmou aqui através dos portugueses, desde a constituição dos primeiros núcleos habitacionais.<sup>81</sup>

Com a implantação do catolicismo (no período da colonização) e ainda por cerca de quatro séculos, criou-se uma situação singular, onde a Igreja ficou submetida ao Estado devido à situação do padroado. Igreja e Estado, fortemente ligados, se amparavam e se fortaleciam. Porém, na ocasião em que as novas correntes do pensamento europeu começaram a conquistar adeptos no Brasil, revelou-se, então, a delicada condição do catolicismo que era visto como consagrado pelas instituições, mas desamparado pelos homens. Até meados do século XIX, a Igreja Católica ainda não havia sido ameaçada, mas, com o avanço das idéias liberalizantes/cientificistas, a reação da instituição católica acabou por resultar em um movimento ultraconservador que tinha como objetivo defender sua doutrina e sua fé.<sup>82</sup>

Durante a segunda metade do século XIX, a hierarquia católica e a administração imperial vinham mantendo relações tensas. Ocorreram conflitos quando alguns setores da Igreja resolveram se opor, ao que eles consideravam como interferência do governo civil nos assuntos eclesiásticos. Isso tudo acabou culminando na chamada Questão Religiosa (1872-1875).<sup>83</sup> Entretanto, o catolicismo continuava usufruindo dos benefícios de ser a religião oficial do Brasil (estabelecido no 5º artigo da primeira Constituição brasileira, de 1824).<sup>84</sup>

Apesar disso, o catolicismo não era a única religião admitida no país. Nessa mesma Constituição de 1824, ainda no mesmo artigo, havia, como restrição, a possibilidade de que outras crenças se estabelecessem por aqui. Isso, claro, desde que seus adeptos mantivessem a discrição, conduzindo suas práticas em locais sem identificação externa e evitando a

---

<sup>80</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 12.

<sup>81</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 54.

<sup>82</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 54-55.

<sup>83</sup> Crise ocorrida entre a Igreja Católica e a monarquia brasileira entre 1872 e 1875 (AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 377).

<sup>84</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 12.

propagação através do proselitismo (atividade de converter um indivíduo a uma seita, religião ou sistema).<sup>85</sup>

Os protestantes que emigraram da Europa foram bastante beneficiados por essa restrição da Constituição. A eles era permitido manter as concepções e crenças religiosas de seus países de origem. Nesse período, o protestantismo ficou praticamente limitado à localidade de imigrantes e a colônias de estrangeiros das principais cidades do país. Como sua presença na população brasileira era bastante discreta, o protestantismo não chegava a representar uma ameaça à religião católica.<sup>86</sup>

Nesse contexto, havia também as religiões de tradição africana, encontradas na maior parte da população brasileira e formadas por negros e mulatos. Essas tradições carregavam em si a marca da escravidão e o peso da exclusão a ela relacionada. Embora as elites estivessem a par dessas concepções e práticas, as mesmas não tinham força suficiente para ameaçar, de forma direta, o catolicismo e sua hierarquia.<sup>87</sup>

O Espiritismo deu origem a uma situação bem diferente, pois ocorreu na população branca, de classe dominante e nos mais poderosos centros políticos e administrativos do Brasil, como Salvador e Rio de Janeiro. Embora não houvesse consenso, entre os adeptos do Espiritismo, a respeito de destacá-lo como ciência ou religião, o fato é que a hierarquia católica começou a se sentir ameaçada.<sup>88</sup>

Os primeiros conflitos vieram assim que a Doutrina Espírita assentou as bases iniciais da sua organização. D. Manoel Joaquim da Silveira, o arcebispo da Bahia e primaz do Brasil (e também presidente do Instituto Histórico da Bahia), no ano de 1867 publicou uma pastoral criticando o Espiritismo que, para ele, representava um atentado contra a Religião Católica.<sup>89</sup>

D. Manoel se mostrava extremamente preocupado com os rumos que vinha tomando a propaganda espírita na Bahia, que havia merecido registro do próprio Allan Kardec, em 1865, em sua revista espírita. No mesmo ano, Teles de Menezes (também membro do Instituto Histórico da Bahia), fundou a primeira associação espírita do país e, em 1866, traduziu parte da obra O Livro dos Espíritos, de Kardec, e o publicou em Salvador. Em resposta à pastoral escrita por D. Manoel, Teles de Menezes escreveu uma carta aberta à população defendendo a preexistência, reencarnação e comunicação dos espíritos.<sup>90</sup>

---

<sup>85</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 12.

<sup>86</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 12.

<sup>87</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 12-13.

<sup>88</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13.

<sup>89</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13.

<sup>90</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13.

As atividades do movimento espírita na Bahia tiveram seguimento, assim como, também as dificuldades com a Igreja Católica. No ano de 1869, Teles de Menezes lançou a primeira publicação periódica espírita denominada Eco de Além-Túmulo.<sup>91</sup>

Em 1871, o grupo de Teles de Menezes pretendia receber o registro formal para sua associação espírita, já com o título de Sociedade Espírita Brasileira. O registro não foi concedido devido à alegação de que a Sociedade faria concorrência com a Igreja Católica. Como estratégia para vencer esse obstáculo, os espíritas baianos fundaram, então, a Associação Espírita Brasileira, que, apresentada como uma associação de cunho científico pôde, enfim, ser registrada.<sup>92</sup>

A confrontação entre o Espiritismo e a Igreja Católica na Bahia permaneceu mesmo após a proclamação da República. Afinal de contas, a Doutrina Espírita se inseriu no que era então considerado o grupo dominante da população católica. Criou bases sólidas no final do Império e se beneficiou do fato de que o catolicismo vinha perdendo os privilégios que mantinha com o Estado. Além das difíceis relações entre a hierarquia católica e o Estado, as elites políticas estavam debatendo sobre a separação entre Igreja e Estado, o que acabou por acontecer com a República.<sup>93</sup>

Nas últimas décadas do século XIX, o Espiritismo era, sem dúvida, a ameaça religiosa mais visível para a hierarquia católica. Depois de Salvador a Doutrina Espírita, na década de 1870, se fez presente na capital do Império com notável dinamismo, fundando sociedades e divulgando, com muita eficiência, suas idéias. A Igreja reagiu imediatamente. O movimento espírita já estava bastante estabelecido quando o bispo do Rio de Janeiro, em 1882, registrou de maneira formal a ameaça, publicando uma pastoral que condenava o Espiritismo. O médico Antônio Pinheiro Guedes respondeu com artigos escritos diretamente para o episcopado brasileiro, o que mais tarde, acabou servindo de base para a fundação do jornal espírita (1883) O Reformador, que é publicado até a atualidade.<sup>94</sup>

Apesar do núcleo mais dinâmico do Espiritismo estar no Rio de Janeiro, onde em 1873 foi fundada a segunda sociedade espírita do país, o Grupo Espírita Confúcio, outros grupos se desenvolviam em diversas partes do Brasil, causando cada vez mais um grande desconforto aos católicos.<sup>95</sup>

---

<sup>91</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13.

<sup>92</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13.

<sup>93</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 13-14.

<sup>94</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 14.

<sup>95</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 14 e 17.

Num determinado momento, a Igreja Católica adotou uma oposição oficial ao Espiritismo. Em 1915, o episcopado brasileiro condenou formalmente o movimento espírita, e, em 1917 a Santa Sé manifestou-se, proibindo claramente que se assistisse a sessões ou manifestações espíritas. No ano de 1948, em novo documento, os bispos reafirmaram essa posição, que em 1953 foi mais uma vez reforçada na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.<sup>96</sup>

Segundo afirmavam os bispos brasileiros, os católicos que tivessem algum tipo de envolvimento com o Espiritismo estariam sujeitos a ser considerados hereges e a exclusão dos sacramentos até que reparassem os escândalos cometidos e renunciassem formalmente ao Espiritismo. Isso incluía, sem distinção, todas as religiões mediúnicas que se organizavam no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Para a Igreja Católica não existia diferença entre o chamado baixo espiritismo ou o espiritismo kardecista, eram ambos igualmente condenáveis.<sup>97</sup>

### 2.3.3 Características do Espiritismo brasileiro

Já que nosso assunto central é o Espiritismo, que se define como um sistema religioso, entendemos que também se faz necessário uma breve explanação sobre a perspectiva que adotaremos a respeito da relação entre religião e sociedade. De acordo com Marcel Mauss e Lévi-Strauss o social se compõe da particularidade dos aspectos sob os quais o apreendemos (o jurídico, o político, o religioso etc) e da articulação desses diversos planos, cada qual com sua especificidade. Naturalmente uma religião é influenciada pelo mundo e por seus adeptos que, no seu próprio cotidiano, atravessam vários domínios da sociedade. No entanto, procuraremos destacar o fato de que a religião não somente retrata outras realidades, como também representa uma matriz de produção de valores, de maneira de pensar e se relacionar com a realidade social. Tentaremos, assim, perceber no Espiritismo a construção de uma experiência do social.<sup>98</sup>

Cabe também salientar, que neste trabalho, o Espiritismo será entendido de acordo com os princípios doutrinários codificados por Allan Kardec, que o definem como uma ciência experimental de bases filosóficas e conseqüências morais (religiosas). Isso se faz

---

<sup>96</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 73.

<sup>97</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 73-74.

<sup>98</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 9-10.

necessário para que possamos perceber o Espiritismo no Brasil, assim como na Europa, alicerçado pelo tríplice aspecto da Doutrina Espírita (ciência, filosofia e religião). Essa visão pode se mostrar contrária a visão de alguns autores que tentaram explicar o Espiritismo ressaltando apenas um dos três aspectos doutrinários,<sup>99</sup> o que pode até ocorrer, sem que necessariamente se entenda que a valorização de um dos aspectos ocorra em detrimento dos demais, pois como salienta Pavan,

Não há evolução plena do espírito imortal (individualidade cósmica), no conceito kardequiano, se o indivíduo não exercitar as “duas asas” que o levarão aos planos mais altos na escala evolutiva: “as asas do coração” (desenvolvimento moral) e “as asas da mente” (desenvolvimento intelectual, científico). Então, promover o desenvolvimento científico, ampliar os conhecimentos intelectuais dos homens é, em síntese, caridade, pois que os espíritas estariam ajudando a humanidade a progredir, promovendo, fortalecendo e ampliando uma das bases onde estão apoiados o processo evolutivo do homem: a inteligência, o conhecimento científico.

Assim, percebemos haver uma grande diferença entre afirmar que o espiritismo no Brasil é apenas religioso e postular que há uma centralidade da caridade no meio espírita brasileiro. Ainda que a centralidade da caridade no meio espírita tenha reforçado o aspecto religioso do espiritismo no Brasil, podemos, utilizando o mesmo raciocínio, dizer que as atividades de cunho científico são, no espiritismo, também uma forma de caridade, o que modificaria, totalmente, o enfoque dado à essa análise.<sup>100</sup>

Podemos então dizer que no Brasil realmente temos o Espiritismo em sua configuração universal, onde os adeptos são, ao mesmo tempo, religiosos e científicos. Essa análise também é comungada pelo autor Marcelo Camurça que fez uma reflexão sobre a terapia espírita levando em conta a cientificização do espiritual que já fazia parte do imaginário do médico Bezerra de Menezes, e que se mostrava presente em sua terapia de desobsessão, nos recursos à hipnose, telepatia e magnetismo utilizados.<sup>101</sup>

Então, ainda de acordo com Pavan, não podemos concordar com a análise de que o êxito do Espiritismo em terras brasileiras deveu-se à sua desvinculação da tradição científica européia. Contrariando essa idéia, acreditamos que foi justamente a confirmação do tríplice aspecto da doutrina, ciência, filosofia e religião, que possibilitou e facilitou sua inserção em nossa sociedade. É claro que o aspecto religioso foi de fundamental importância para o sucesso do Espiritismo no Brasil, o que não acarretou necessariamente em um afastamento

<sup>99</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 16.

<sup>100</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 22.

<sup>101</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 23 e 24.

das tradições francesas, uma vez que a própria Doutrina Espírita compreende-se também como religião.<sup>102</sup>

O êxito do Espiritismo no Brasil está claramente ligado a sua ênfase no mundo dos espíritos, cujo acesso poderia ser possível através de suas sessões. Pode-se até mesmo supor uma tendência cultural para abraçar tais concepções. Dessa forma, as noções de mediunidade e de comunicação espiritual podiam ser identificadas a aspectos da influência africana e indígena na formação do Brasil. Soma-se a isso ainda, o fato de o próprio catolicismo apresentar-se aqui de forma heterogênea, com muito espaço para o inexplicável, o fenomenal e o milagroso, no que dizia respeito às almas.<sup>103</sup>

É a partir dessa circunstância cultural mais ampla que se consegue compreender como o Espiritismo foi se expandindo para além dos pequenos grupos nos quais suas idéias foram inicialmente introduzidas.<sup>104</sup>

A perseverança de tal proposta, baseada em textos organizados sistematicamente e atenta às tendências do conhecimento da época, facilitou, sem dúvida, o enraizamento da Doutrina Espírita em setores sociais com acesso à educação formal e a sua penetração em grupos profissionais de formação acadêmica.<sup>105</sup>

O Espiritismo é uma religião de leigos. Seus praticantes são donas de casa, professores, médicos, enfermeiros, bancários, assistentes sociais, comerciantes, funcionários públicos, militares, aposentados. Não existe em sua organização um clero espírita. As bases do movimento se organizam de forma autônoma e giram em torno de centros espíritas espalhados por todo o Brasil.<sup>106</sup>

O crescimento da Doutrina Espírita no país se deu incentivando e enfatizando a leitura, as referências a textos, o aperfeiçoamento pelo estudo da doutrina e a circulação de mensagens espirituais.<sup>107</sup>

Como vimos, o movimento espírita se firmou como uma religião que possui decisões próprias de organização. É uma religião que também não possui uma hierarquia em suas instituições. O que mais se assemelha a uma hierarquia é a estrutura de suas entidades de unificação criadas com o Pacto Áureo.<sup>108</sup> Este, por sua vez, criou entre as lideranças, um

<sup>102</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 33.

<sup>103</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 15.

<sup>104</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 15.

<sup>105</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 28.

<sup>106</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 69.

<sup>107</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 70.

<sup>108</sup> Acordo celebrado em 1949 que determinou que a FEB ficaria no centro do processo de unificação do movimento espírita e aceitaria a criação de um Conselho Federativo Nacional com representantes de todos os



acordo político que visava determinar princípios de ordem dentro do movimento e, conseqüentemente, redefinir seu âmbito de existência na sociedade brasileira.<sup>109</sup>

Logo após esse acordo, o movimento passou a se dedicar ao trabalho de consolidação do Espiritismo no Brasil, priorizando bem mais o trabalho interno do que a expansão do movimento. Durante esse esforço de consolidação interna, o Espiritismo fez uso, intenso, de seus instrumentos tradicionais que são a atividade editorial e a propaganda. Aumentou a quantidade de palestras, encontros e conferências com o objetivo de atingir as bases do movimento (os dirigentes), algumas categorias específicas, como jovens, crianças, mulheres, pais e categorias profissionais, como jornalistas, escritores, professores, médicos, etc.<sup>110</sup>

A codificação realizada por Allan Kardec acabou por constituir o ponto principal da religião espírita no Brasil. Suas obras são consideradas aqui em nosso país como sendo a base doutrinária do espiritismo. O destaque no aspecto religioso da obra de Kardec, que se define igualmente como ciência e filosofia, compõe, no entanto, o traço inconfundível do Espiritismo brasileiro, podendo vir a ser, quem sabe, a causa do sucesso da doutrina entre nós.<sup>111</sup> Porém, é necessário destacar que o aspecto religioso da organização do espiritismo brasileiro não eliminou a atenção à racionalidade interna de suas concepções e também a preocupação de se manter atualizado com o conhecimento científico. Havia uma preocupação em apresentar o mundo dos espíritos como uma realidade objetiva que não se chocava com outras realidades objetivas de que as ciências se ocupavam.<sup>112</sup>

A história do Espiritismo no Brasil destacou o aspecto da religiosidade como alicerce fundamental do movimento, procurando, entretanto, fugir de excessos místicos, assim como, tentando manter a preocupação com a racionalidade das concepções originadas de sua crença básica no mundo espiritual. Em decorrência de tal atitude, o Espiritismo conseguiu se apresentar, aos que dele se aproximam, como uma religião racional.<sup>113</sup> Na prática religiosa dos centros espíritas, a natureza racional do Espiritismo é encontrada, sobretudo, na forte valorização da fala, da leitura e do estudo.<sup>114</sup>

---

estados. Foi firmado também que a obra de Kardec seria referência básica do movimento espírita (SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 61).

<sup>109</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 72.

<sup>110</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 72-73.

<sup>111</sup> CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p. 4.

<sup>112</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 28.

<sup>113</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 81.

<sup>114</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 19.

Podemos dizer que o êxito do espiritismo no Brasil se deu devido ao fato dele ter conseguido ultrapassar alguns grandes obstáculos para sua fixação e legitimação na cultura religiosa brasileira:

- Através da orientação cristã de sua doutrina e da prática da caridade, conseguiu se aproximar dos princípios cristãos da religião majoritária do país, o catolicismo.
- Através das práticas mediúnicas (conhecidas por possessão) conseguiu dialogar com as crenças afro-brasileiras, ao ponto de legitimar as discriminadas práticas de incorporação.
- Através da cosmologia espírita criou uma empatia com a cultura espiritualista reflexa, ao confirmar a existência de um mundo invisível, habitado por espíritos de homens que viveram na terra (desencarnados), que interagem com os vivos (encarnados), confirmando as crenças nas almas penadas, santos e encostos difundidos pela religiosidade popular.
- Através da tendência racionalista de cunho evolucionista da doutrina e o caráter laboratorial, experimental de lidar com o inefável adquiriu uma maior plausibilidade para situações de dor e sofrimento que conseguiu apoio em camadas médias e setores intelectualizados de nossa sociedade, que emergiram com o advento da modernidade.<sup>115</sup>

Esse resultado feliz se deve, em grande parte, ao fato de o espiritismo possuir, em seu conjunto de princípios, muitos pontos de união com a cultura religiosa brasileira. Como já foi dito anteriormente, ele foi estruturado por Allan Kardec baseado nas filosofias religiosas cristã e oriental e articula-se enquanto síntese de três pilares do pensamento humano, a ciência, a filosofia e a religião, o que lhe confere determinadas similaridades com outros sistemas religiosos. Isso nos faz perceber que o espiritismo faz sucesso porque é inclusivo.<sup>116</sup>

Essa característica de inclusividade acabou por facilitar a entrada e consolidação do espiritismo no Brasil, porque adota os mesmos referenciais de uma cultura religiosa tradicional, formada durante séculos por trocas sincréticas entre crenças indígenas, ibéricas e

---

<sup>115</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p.35-36.

<sup>116</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 36.

africanas, reelaboradas em um formato cientificista e de uma ética do individualismo moderno, orientada pela idéia de livre-arbítrio.<sup>117</sup>

### 2.3.4 A Doutrina Espírita em Juiz de Fora

Na cidade mineira de Juiz de Fora, encontram-se registros que mostram a presença do Espiritismo desde o final do século XIX. Já a partir da segunda década do século XX, os Centros Espíritas começaram a se organizar de forma mais sistematizada, formando assim, o bloco hegemônico da organização do movimento. Com o passar do tempo, a doutrina foi adquirindo maior estabilidade e inserção social, definindo-se como uma opção religiosa racionalizada, dedicada à assistência aos necessitados, por meio da caridade espiritual e material. Durante o período em que tentavam conseguir sua legitimação, os adeptos enfrentaram oposições, em especial com a Igreja Católica, porém conseguindo alcançar, já nos anos 50, uma posição de destaque no campo religioso juizforano.<sup>118</sup>

É bastante provável que a doutrina espírita tenha chegado à cidade mineira via Rio de Janeiro, pois as primeiras notícias obtidas a respeito do movimento espírita são do ano de 1882, a mesma década em que ele se mostrava em franco desenvolvimento na cidade carioca, sendo a mesma, considerada o ponto de partida do Espiritismo para as demais regiões do país.<sup>119</sup>

As primeiras reuniões espíritas nesta cidade aconteceram na casa de Gouvêa Franco, espírita convicto que veio para Juiz de Fora em 1898, proveniente do Rio de Janeiro.<sup>120</sup> Em

<sup>117</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 36.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 150-151.

<sup>119</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocinada” na “Atenas de Minas”**: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 32.

<sup>120</sup> Não se pode falar com precisão sobre os primeiros anos do Espiritismo na cidade devido à escassez de informações. Os primeiros encontros eram bastante informais. Os grupos se organizavam sob a forma de clubes, associações não institucionalizadas, de caráter domiciliar e muitas vezes secretos. Como não foram feitas atas dessas reuniões, não se tem registro para a pesquisa histórica. A partir de 1901 as evidências tornam-se mais observáveis, pois o Espiritismo começa a se apresentar mais organizado, surgindo então, os centros regulares nos moldes dos atuais. De qualquer forma, é possível notar que em 1882 o Espiritismo já estava presente na sociedade juizforana, sendo praticado por um pequeno número de pessoas. O contato com a doutrina se dava pelo contato com pessoas espíritas que aqui viviam e com os livros que aqui chegavam (OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocinada” na “Atenas de Minas”**: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 33-34).

pouco tempo conseguiu reunir pessoas interessadas no estudo e esclarecimento dos fundamentos do Espiritismo. Desses encontros informais na residência de Gouvêa Franco, surgiu o “Grupo Espírita Fé Esperança e Caridade” que, nesse formato, acabou por atrair novos interessados. O desenvolvimento crescente dos trabalhos levou a formação do “Centro Espírita União Humildade e Caridade”, em 2 de Abril de 1901.<sup>121</sup>

De outro grupo, que participava de reuniões para estudo e prática do Espiritismo na casa do casal Albino e Firmina Esteves, nasceu um novo Centro Espírita: a “Casa Espírita”, fundada em 26 de Maio de 1919. Dessa forma, aos poucos foram surgindo outros Centros Espíritas na cidade e, conseqüentemente, a doutrina passou a ser mais divulgada e atraiu novos adeptos.<sup>122</sup>

Portanto, o Espiritismo nasceu em Juiz de Fora, assim como em outros centros urbanos, através de grupos particulares que se reuniam nas casas de seus organizadores com a finalidade de estudar a doutrina e praticar as sessões de mesa, tendo em vista a comunicação com o plano espiritual.<sup>123</sup>

Esses grupos então passaram a chamar a atenção dos indivíduos que procuravam e necessitavam de um sentido para sua angústia particular e de um motivo para sua condição de sofrimento, já que essas pessoas, oriundas das classes médias, costumavam recusar a idéia do fatalismo da “vontade de Deus”, oferecida pelas religiões tradicionais.<sup>124</sup>

A Doutrina Espírita, por meio da positividade da sua filosofia de Leis de Justiça Divina e nas evidências científicas da mediunidade, apresentava um grau de plausibilidade e satisfação intelectual para o vazio das dúvidas e crises que atormentavam essas pessoas.<sup>125</sup>

---

<sup>121</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Lê livre dès esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>122</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Lê livre dès esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>123</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Lê livre dès esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>124</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Lê livre dès esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>125</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Lê livre dès esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

Nesse movimento espírita nascente (e crescente)<sup>126</sup> percebia-se de maneira evidente a participação da camada letrada da população. Muitos, inclusive, foram jornalistas ligados a Academia Mineira de Letras. Essa intelectualidade, presente no Espiritismo em geral, foi responsável por influenciar a forma como a doutrina se estendeu na cidade e no país: através de jornais e periódicos.<sup>127</sup>

Segundo o autor Marcelo Camurça, os raciocínios refinados e sutis com que a lógica explicativa da doutrina considerava os casos concretos a ela apresentados acabou por preencher de significação as aflições e dores das demandas. Inclusive o fato de oferecer um atendimento reservado, voltado para a investigação cuidadosa de cada caso e explicações éticas e racionalizantes para as questões apresentadas, fazia com que se tornasse bastante diferente dos ritos massivos e cerimoniais, das procissões e romarias e da dinâmica acerca das promessas e milagres do Catolicismo, tornando assim, o Espiritismo mais adequado às exigências e mentalidades das camadas médias.<sup>128</sup>

Seu modelo organizativo, diferente do templo, paróquia ou igreja, disposto em grupos organizados de maneira semelhante aos clubes e sociedades do fim do século XIX, como abolicionistas, maçons e republicanos, acabou por reunir intelectuais e profissionais liberais que tinham interesse em um credo racionalizado, ou seja, a fé raciocinada.<sup>129</sup>

Juiz de Fora era considerada pioneira em muitos empreendimentos no estado de Minas Gerais, além de possuidora de grande poder econômico. Sua elite era composta basicamente

---

<sup>126</sup> Em Juiz de Fora, o jornal “O Semeador”, de novembro de 1922, chama a atenção para o desenvolvimento do Espiritismo na cidade, que estaria acontecendo de maneira intensa e animadora, o que poderia ser percebido também nas reuniões da Casa Espírita que apresentava um público freqüente e atento. Em agosto do ano seguinte, o jornal destaca a série de conferências públicas e propaganda da doutrina que favoreceu a sociedade ter o prazer de ouvir pessoas de destaque na literatura espírita como Zilda Gama, autora de conhecidas obras psicográficas e Aura Celeste, respeitada conferencista e colaboradora de vários jornais e revistas cariocas. Mas, o ponto alto mesmo do processo de propagação do movimento aconteceu por meio das reuniões públicas, que foram denominadas “Conferências Espíritas Populares”, uma série de conferências, ocorridas nos anos de 1928 e 1929, sistematizadas e organizadas enquanto uma campanha (CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Lê livre dêes esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora.** RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998).

<sup>127</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Lê livre dêes esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora.** RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>128</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Lê livre dêes esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora.** RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>129</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Lê livre dêes esprits” na Manchester Mineira: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora.** RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

por proprietários de terras, advogados, banqueiros e comerciantes<sup>130</sup> e no final do século XIX podia ser dividida entre tradicionalistas e liberais. Juntamente com a aristocracia rural, apegada aos valores de ordem e autoridade da tradição católica e escravocrata (em iniciada decadência), a classe média urbana se desenvolvia completamente interessada pelas idéias modernizantes, propagadas, em grande parte, pelo discurso protestante, portador dos ideais liberais e progressistas norte-americanos, que tanto atraíam a classe emergente.<sup>131</sup>

No que diz respeito à educação, Juiz de Fora era mencionada como a cidade da instrução por excelência, comportando aqui, inclusive, vários estabelecimentos de ensino. Sua diversificação no âmbito da cultura era notória. Os juizforanos dispunham de uma imprensa muito ativa<sup>132</sup>, além de teatros, casas noturnas e cinemas.<sup>133</sup>

Por transmitir uma imagem liberal e progressiva, onde se constituía uma sociedade aberta e receptiva ao debate de novas idéias, Juiz de Fora atraía variados interesses, aparentando ser uma cidade acolhedora e sem preconceitos. Possuía uma sociedade urbana constantemente preocupada em manter e produzir eventos culturais tão interessantes e atraentes quanto os que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro.<sup>134</sup>

Localizada em um ponto geográfico e economicamente estratégico, servindo de entreposto comercial entre o interior de Minas Gerais e o Rio de Janeiro, a cidade de Juiz de Fora absorvia, dessa maneira, tanto a cultura quanto o dinheiro de ambos os pólos. Além disso, a cidade recebeu, já no ano de 1850, um número significativo de imigrantes<sup>135</sup>, o que acabou por contribuir, de forma considerável, para sua diversificação cultural. A mentalidade européia trazida pelos imigrantes foi, aos poucos, se introduzindo na sociedade local e,

<sup>130</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 137.

<sup>131</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocinada” na “Atenas de Minas”**: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 28.

<sup>132</sup> Desde 1870 havia publicação regular de alguns jornais. Nesse ano tivemos o primeiro deles de nome “O Imparcial”. O mais importante da época, “O Pharol”, foi publicado entre 1872 e 1939. Este vivenciou momentos históricos e sempre contribuiu para a formação da opinião pública, retratando a atividade cultural da cidade. Tamanho era o dinamismo da imprensa de Juiz de Fora, que, somente no século XIX, contou com 55 jornais (OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de, **Juiz de Fora vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994, p. 27).

<sup>133</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 137.

<sup>134</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 137.

<sup>135</sup> Sobretudo alemães e italianos. OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 138.

consequentemente, contribuindo para as alterações comportamentais em todos os setores sociais.<sup>136</sup>

O desenvolvimento econômico do município não somente despertava o espírito empreendedor como também favorecia a adesão às novas idéias e incentivava a aceitação de novas experiências. A elite urbana juizforana possuía grande preocupação com tudo aquilo que pudesse vir a se tornar um obstáculo ao progresso e desenvolvimento da cidade, questionando principalmente a união entre Estado e Igreja e a formação escolar da população. No ano de 1888, Juiz de Fora contava com muitos adeptos da maçonaria, o que reforça a tendência dos cidadãos para o anti-clericalismo e para uma abertura aos ideais do liberalismo.<sup>137</sup>

De origem urbana, Juiz de Fora possuía uma sociedade de mentalidade metropolitana, o que acabava por diferenciá-la das típicas cidades do interior de Minas Gerais no mesmo período. Sua arquitetura também era diferente das cidades mineiras do ouro. Suas ruas e construções procuravam demonstrar o que houvesse de mais moderno e novo no momento,<sup>138</sup> refletindo o desenvolvimento econômico e cultural da cidade. O estilo eclético das construções reunia várias manifestações arquitetônicas do passado, o que podemos conferir em construções que lembram castelos medievais, igrejas que imitam o estilo gótico europeu ou a fachada de um templo grego. No início do século XX tivemos também construções em estilo Art Nouveau, facilmente reconhecido graças ao uso de uma rica decoração nas fachadas das casas, onde prevalecem as linhas curvas imitando fitas ou flores e, demonstrando, desde já, a habilidade dos trabalhadores daquele período e a riqueza dos moradores.<sup>139</sup>

A religiosidade, em Juiz de Fora, também foi marcada por características diferentes daquelas encontradas nas demais cidades mineiras da época. O tradicional catolicismo tinha pouca afinidade com os padrões modernos tão aspirados pelos juizforanos. A maioria dos imigrantes que chegavam à cidade, principalmente os alemães, abraçava o Protestantismo.

---

<sup>136</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 138.

<sup>137</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocrinada” na “Atenas de Minas”**: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 51.

<sup>138</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocrinada” na “Atenas de Minas”**: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 27.

<sup>139</sup> OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994, p. 78–79.

Nesse contexto, também não demorou muito tempo para que diferentes crenças religiosas, incluindo a Doutrina Espírita, se revelassem de maneira pública na cidade de Juiz de Fora.<sup>140</sup>

Contrariamente ao tradicionalismo provinciano do Catolicismo de Padroado que marcou algumas cidades mineiras (Sabará, Ouro Preto e São João del Rey), em Juiz de Fora destacou-se uma diversidade religiosa e cultural, que foi sendo traçada com a chegada dos imigrantes alemães, que trouxeram o Luteranismo e com as missões metodistas, que tiveram seu auge com a fundação do Colégio Grambery, em 1891. Toda essa conjuntura acabou incentivando também a fundação da “Academia de Comércio” em 1894 por um grupo de católicos e, em seguida, por um grupo de religiosos tivemos a construção do “Stela Matutina” e o “Santa Catarina”.<sup>141</sup>

Em Juiz de Fora, já nessa época, residiam católicos, protestantes, espíritas, maçons, liberais e republicanos. Apesar dos possíveis conflitos entre eles, a cidade se apresentava receptiva e propiciadora ao debate de idéias.<sup>142</sup> Os protestantes, os espíritas, os maçons e os positivistas, formavam, inclusive, um grupo que fazia oposição ao predomínio católico na cidade. Embora apresentassem diferenças de crenças e ideologias, esses segmentos também comungavam em algumas idéias. A princípio, todos concordavam com a necessidade de um entendimento entre religião e ciência, já que para eles a fé não se opunha ao progresso do homem. Além disso, buscavam através de suas idéias, alcançar a camada urbana letrada, ou seja, a classe burguesa emergente e consideravam a Igreja Católica uma instituição “conservadora e retrógrada, responsável pelo atraso do país”.<sup>143</sup> Esse ambiente diversificado foi extremamente salutar, no entender de alguns espíritas, como condição preliminar para a ampliação do movimento no período.<sup>144</sup>

Atualmente, em Juiz de Fora, o Espiritismo tornou-se um elemento promotor de destaque para algumas pessoas, uma vez que o fato de ser espírita está intimamente ligado à idéia de ser também intelectual, ou seja, a doutrina acaba de certa forma, representando um

---

<sup>140</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 138.

<sup>141</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “**Lê livre dêspirts**” na **Manchester Mineira**: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.

<sup>142</sup> OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora vivendo a história.** Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994, p. 78.

<sup>143</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. A “**fé raciocinada**” na “**Atenas de Minas**”: Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001, p. 29.

<sup>144</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “**Lê livre dêspirts**” na **Manchester Mineira**: A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.



status social.<sup>145</sup> Isso tudo, conforme já foi dito antes, segundo Maria Laura V. Cavalcanti, reforça o fato de que a religião não apenas “expressa” ou “traduz” outras realidades, como também representa uma matriz de produção de valores, de maneira de pensar e se relacionar com a realidade social.<sup>146</sup>

Em tempos atuais, o Espiritismo de Kardec, agora já centenário, ocupa um lugar de destaque entre as religiões da cidade. Isso ocorre tanto no fator de visibilidade quanto no fator quantitativo.<sup>147</sup>

Essa visibilidade corresponde à capacidade publicitária ou de divulgação, que é reconhecida principalmente através das colunas específicas em jornais de grande circulação municipal; nos jornais das comunidades espíritas; nos médiuns e escritores reconhecidos nacionalmente; nas livrarias especializadas em obras espíritas; nos programas de rádio e de televisão. Somam-se também a essas atividades, outras que colocam o Espiritismo em contato direto com a sociedade de Juiz de Fora, como palestras, seminários, festas e eventos promocionais, além das obras assistenciais. Já o fator quantitativo é confirmado pelo Censo 2000, que mencionou o Espiritismo como o terceiro maior agrupamento religioso no país, sendo que em Juiz de Fora essa mesma posição também é observada.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 153.

<sup>146</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 10.

<sup>147</sup> PAVAM, Daniel; SOUZA, Petrônio G. de. Diversidade identitária no movimento espírita em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 157.

<sup>148</sup> PAVAM, Daniel; SOUZA, Petrônio G. de. Diversidade identitária no movimento espírita em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 157-158.



### 3 O CENTRO ESPÍRITA: ESPAÇO DA DOCTRINA E DAS PRÁTICAS DE CULTURA LETRADA

“Um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender a ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, aprimorar- nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.”

(Emmanuel - Psicografia de F. C. Xavier - O Centro Espírita - “Reformador”, jan/1951.)<sup>149</sup>

O Espiritismo é uma religião da cultura letrada, ou escrita, no sentido de pressupor níveis mínimos de letramento para a participação em suas atividades cotidianas, e tal particularidade faz toda a diferença em qualquer religiosidade, sobretudo no Brasil.<sup>150</sup>

Partindo desse princípio, iremos tentar perceber e destacar a forte ligação que existe entre o espiritismo e a cultura letrada, reconhecida aqui na perspectiva do autor Bernardo Lewgoy no que diz respeito a uma cultura escrita, uma vez que ele se refere ao Espiritismo não apenas como uma “Religião do livro”, mas sim como uma religião dos livros, da leitura e da escrita, que não somente supõe a passagem pela escola como também presume uma representação idealizada de suas regras, por meio dos grupos de estudo e de palestras, parte fundamental de sua vida ritual. Portanto, cabe ressaltar que, juntamente com os rituais mediúnicos, a Doutrina Espírita realiza a todo o momento algumas práticas culturais letradas, como a leitura, erudição, citação, crítica, comentários de textos, narrativa e retórica, e outros.<sup>151</sup>

É importante também, uma vez que estamos trabalhando com noção de cultura letrada, procurar conceituar a idéia de letramento. Este seria o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais pertencentes a sociedades letradas que exercem, de fato, as práticas sociais de leitura e de escrita e participam de eventos de letramento, ou seja, indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhe

---

<sup>149</sup> FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANA. **Como fazer.** a organização da casa espírita. Federação Espírita do Paraná. 1ª edição, vol 2, 2000, p. 11. Disponível em: <<http://www.espiritismogi.com.br/livrosd.htm>>. Acesso em: janeiro de 2009.

<sup>150</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antopologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 9.

<sup>151</sup> LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 183-184.

conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inclusão em uma sociedade pautada pela cultura letrada.<sup>152</sup>

Para que se possa melhor compreender essa relação entre o Espiritismo e a cultura letrada é fundamental tentar esclarecer, novamente e de forma mais resumida, o que se entende por Espiritismo. Segundo o próprio codificador da doutrina, Allan Kardec,

O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.<sup>153</sup>

Kardec ainda reforça e complementa essa definição dizendo,

O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos. Essa doutrina se acha exposta, de maneira completa, em O Livro dos Espíritos para a parte filosófica, em O Livro dos Médiuns para a parte prática e experimental, e em O Evangelho Segundo o Espiritismo para a parte moral.<sup>154</sup>

O centro espírita, apesar de ser somente uma parte de um conjunto maior que os espíritas denominam Movimento Espírita, é o local mais propício para a prática dos princípios doutrinários em sua totalidade. É o lugar privilegiado para a mediação entre os mundos visível e invisível.<sup>155</sup>

Ainda no século XIX, quando o Espiritismo aportou em terras brasileiras, eram realizadas sessões mediúnicas nos lares (o que atualmente não é indicado pela Federação Espírita Brasileira<sup>156</sup>). Nos dias de hoje o que se aconselha realizar em residências é o “culto

<sup>152</sup> SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 145-146, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2009.

<sup>153</sup> KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo.** Araras, SP, IDE, 70ª edição, 2007, p.12.

<sup>154</sup> KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo.** Araras, SP, IDE, 70ª edição, 2007, p.186.

<sup>155</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 51.

<sup>156</sup> A antiguidade das instituições organizativas do Espiritismo e os processos pelos quais suas práticas adquiriram uma maior legitimidade em relação à sociedade em geral colocaram as condições para que as federações pudessem ser os representantes dos centros e grupos filiados perante outras instituições sociais e também as instâncias mais capacitadas para arbitrar questões doutrinárias. A estrutura das atividades, assim como a arquitetura e a decoração, adotada pelas casas espíritas atuais estão relacionadas a um longo trabalho de codificação promovido por entidades federativas. Apesar disso, não significa que ocorra um total controle e legitimidade por parte das federações sobre o universo das instituições espíritas, percebendo-se inclusive, que muitos centros e instituições não são filiados a qualquer federação até porque não existe nada que obrigue um centro a se filiar a uma federação. A própria noção de organização federativa, da maneira como é encarada pela FEB e as federações que a apóiam, admite e respeita, ao menos retoricamente, um espaço de autonomia (GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol I. Rio de Janeiro. Núcleo de Pesquisa/ ISER, 1995, p. 15-16).

do evangelho no lar”, uma reunião que consiste em uma prece, leitura e estudo de um trecho do Evangelho segundo o Espiritismo. Apesar disso, ainda é possível encontrar em algumas casas atividades que comumente são realizadas no centro, como estudos mediúnicos e doutrinários, sessões de irradiação (reuniões de preces e vibrações em favor de espíritos encarnados e desencarnados) e bazares de caridade.<sup>157</sup>

O surgimento de um local específico para as reuniões e a organização dos centros espíritas ocorria quase sempre, quando o número de participantes aumentava muito e, conseqüentemente, os trabalhos realizados tomavam maiores proporções.<sup>158</sup>

De acordo com a Federação Espírita Brasileira podemos entender o centro espírita<sup>159</sup> da seguinte maneira:

O que são:

- Centros de estudo, fraternidade, oração e trabalho, exercidos a partir dos princípios espíritas;
- Escolas de formação espiritual e moral, norteadas pela Doutrina Espírita;
- Postos de atendimento fraterno para todos os que os procuram necessitando de orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
- Oficinas de trabalho que favorecem aos seus freqüentadores o exercício de aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
- Casas onde todos têm a possibilidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
- Recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus freqüentadores chances para a recuperação espiritual e a união fraternal pela prática do “amai-vos uns aos outros”;
- Locais que se distinguem pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pelo exercício da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores;
- São as unidades fundamentais do Movimento Espírita.

Objetivos:

<sup>157</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa** o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 52.

<sup>158</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 144-145.

<sup>159</sup> Orientação ao Centro Espírita. Texto aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em sua reunião de novembro de 2006. FEB. Disponível em: <http://febnet.org.br/file/15/3233.pdf> p. 19-22. Acesso em: janeiro de 2009

Os Centros Espíritas tem como intuito promover o estudo, a propagação e a prática da Doutrina Espírita, atendendo as pessoas que:

- Procuram esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas, sejam eles de ordem espiritual, moral ou material;
- Desejam conhecer e estudar a Doutrina Espírita;
- Pretendem trabalhar, cooperar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.

Atividades principais:

- Palestras Públicas nas quais são desenvolvidos temas abordados à luz da Doutrina Espírita;
- Reuniões de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, de forma programada, metódica e constante, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, com a intenção de fornecer um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos;
- Atendimento Espiritual para as pessoas que procuram esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral, abrangendo as atividades de: recepção, atendimento fraterno, explicação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, passe e magnetização (ou fluidificação) de água, irradiação<sup>160</sup> e Evangelho no lar;
- Reuniões de Estudo e Educação da Mediunidade, com base nos princípios e objetivos espíritas, orientando, prestando esclarecimentos e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas;
- Reuniões Mediúnicas de assistência aos espíritos desencarnados necessitados de orientação e esclarecimento;
- Atividades de Evangelização Espírita da Infância e da Juventude, de forma programada, metódica e sistematizada, atendendo a criança e o jovem, com orientações dentro dos princípios do Espiritismo;
- Atividades de Divulgação da Doutrina Espírita através de palestras, conferências, livros, jornais, revistas, boletins, folhetos, mensagens, rádio, televisão, internet, cartazes, fitas de vídeo e áudio;
- Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: atendendo-as em suas necessidades mais

---

<sup>160</sup> Reuniões de preces e vibrações em favor de espíritos encarnados e desencarnados (CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 52).

urgentes; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação pessoal e profissional; e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho da Doutrina Espírita;

- Atividades Administrativas necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação do seu país;
- Atividades que têm por objetivo a União dos Espíritas e das Instituições Espíritas e a Unificação do Movimento Espírita.

Como se pode ver, o centro é de fato para o Espiritismo uma espécie de unidade essencial para a prática de sua doutrina. É como frequentador e/ou provedor do centro que todo indivíduo passa a ter contato com a Doutrina Espírita. No que diz respeito ao aspecto físico de um centro espírita, o que se percebe, de uma maneira geral, é que se trata de uma casa simples ou prédio, que pouco se difere dos outros ao seu redor. Sua aparência interior também é simples e quase austera, já que praticamente é um local sem ornatos. Próxima a aposentos mais reservados ou designados a atividades administrativas ou assistenciais, se sobressai a sala de reuniões, um local com características de auditório, com as paredes contendo dizeres, figuras e, mais dificilmente, imagens santas.<sup>161</sup>

Em Juiz de Fora foram observados os centros espíritas A Casa do Caminho, que está localizado no bairro Paineiras, e a Fundação Espírita Allan Kardec, no bairro Cascatinha. As salas onde acontecem as reuniões públicas nesses centros também se parecem bastante com um auditório. A FEAK, durante o período da pesquisa, estava passando por obras para ampliação do centro. Estavam construindo um terceiro andar, aumentando a sala de passes e a biblioteca, entre outras alterações. A sala de reuniões desses centros, como de costume no meio espírita, apresenta um ambiente simples, arejado (possui janelas nas laterais e ventiladores) e limpo. Na Casa do Caminho predominam as cores branca e bege nas paredes. A mesa de reuniões conta com os microfones que serão usados pelos expositores, uma jarra de água com copos, vaso com flores naturais e alguns livros. As cores utilizadas na FEAK são um verde claro e outro mais escuro. A mesa de reuniões é menor que a da Casa do Caminho, mas também conta com os microfones, a jarra de água com copos e livros. Em ambos, atrás da mesa se localiza um quadro negro que o expositor utiliza para colocar informações durante sua palestra.

---

<sup>161</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol I. Rio de Janeiro. Núcleo de Pesquisa/ ISER, 1995, p. 13.

Todo centro possui um guia espiritual (espírito superior que o orienta e protege), e é sustentado por um grupo de adeptos que se dividem entre administradores (responsáveis pelos aspectos institucionais), cooperadores (responsáveis por atividades diversificadas) e médiuns (responsáveis pela direção das atividades religiosas). Seus freqüentadores podem até fazer parte somente desse círculo restrito, mas na maioria das vezes os centros são visitados por um número muito maior de pessoas. Dentre essas, algumas são presenças constantes e professam exclusividade à doutrina, mas a grande maioria pode ir em busca do centro para tentar resolver problemas específicos, não deixando, no entanto, de freqüentar atividades promovidas por outros grupos religiosos. Para dar conta do grande número de pessoas, cada centro organiza uma série de reuniões públicas que podem ser de estudo, doutrinárias, de passes e outras. Com o intuito de atender a um público mais restrito, existem reuniões privadas, como as de desobsessão, que atendem adeptos ou não do Espiritismo encaminhados em função da especificidade de seus problemas, e as reuniões de desenvolvimento da mediunidade, que se destinam a adeptos que desejam desenvolver ou aperfeiçoar essa faculdade. Existem ainda, as atividades de assistência social, presentes e de grande relevância em quase toda casa espírita, que vão desde a distribuição de refeições e alimentos até manutenção de obras filantrópicas como asilos, escolas, orfanatos, ambulatórios, creches, etc.<sup>162</sup>

Em geral, toda sessão para que seja bem realizada, exige que o recinto apresente um ambiente espiritual adequado, garantido pelo comportamento dos espíritas, pelos procedimentos rituais de início das sessões e pela conjuntura de forças espirituais amigas e protetoras. Entre estas estão principalmente o dirigente e os amigos espirituais do centro e entidades que protegem e orientam os trabalhos realizados. Segundo os espíritas, cerca de duas horas antes de cada sessão (reunião), essas entidades realizam uma limpeza espiritual no local, retirando do mesmo, forças negativas. A pontualidade é de extrema importância para os espíritas. As salas principais geralmente possuem grandes relógios e muito raramente as reuniões extrapolam o tempo de duração previamente estipulado.<sup>163</sup>

Nas reuniões públicas assistidas em Juiz de Fora, na Casa do Caminho e na FEAK, durante o momento da prece final seguida pela atividade do passe, costuma-se manter as luzes na penumbra e um som ambiente tocando músicas clássicas ou com mensagens religiosas, mas sempre de melodias suaves. A música, aliás, marca presença constante nas atividades

---

<sup>162</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol I. Rio de Janeiro. Núcleo de Pesquisa/ ISER, 1995, p. 13.

<sup>163</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 54.

dessas casas. Em determinadas ocasiões acontecem apresentações de corais e de instrumentistas clássicos, que geralmente são frequentadores do próprio centro ou convidados de outras instituições.

Como já vimos toda casa espírita funciona com um determinado número e tipo de sessões. Apesar de a Federação Espírita Brasileira (FEB) sugerir alguns modelos, um centro não oferece necessariamente todas as reuniões do repertório espírita, e a forma como essas sessões são organizadas também podem se diferenciar entre um centro e outro.<sup>164</sup>

Além da Federação Espírita Brasileira, e de outros órgãos ligados ao movimento, os municípios podem contar com a Aliança Municipal Espírita (AME), que também é responsável pela união e unificação do movimento espírita. Em Juiz de Fora a AME nos informa que o objetivo primeiro das instituições espíritas é divulgar a doutrina, oferecendo aos interessados o conhecimento e a prática de seus postulados libertadores. Segundo a AME, a unidade e a pureza doutrinárias, observados o aspecto triplo e o caráter progressivo do Espiritismo, serão mais facilmente resguardadas se o trabalho dos centros ocorrer de forma unificada em torno do estudo e aplicação dos ensinamentos de Kardec. O alicerce da unificação do movimento espírita se constrói, naturalmente, com a união dos adeptos, com base no estudo, no trabalho, na solidariedade, na tolerância e na fraternidade.

Para Bernardo Lewgoy, um centro espírita pode ser compreendido a partir da interação entre três modelos sociais altamente institucionalizados que são o templo, o hospital e a escola.

Um centro espírita é, naturalmente, uma espécie de templo religioso, já que nele são realizados muitos tipos de atividades e serviços de ordem espiritual como preces, palestras, irradiações, atendimentos, consultas, passes, etc. Como em outros ambientes religiosos, no centro vigoram regras de decoro e respeito assim como também de pontualidade e horários. O comportamento deve ser de recato e moderação e as conversas paralelas devem ser evitadas antes, durante e após a palestra doutrinária. O ambiente é tomado por uma música calma, geralmente clássica, que favorece e convida à meditação e à prece. Frequentemente os espíritas chamam a atenção para essas regras que são de fundamental importância para o bom desenrolar dos trabalhos, na intenção de que apenas vibrações positivas estejam presentes, tornando possível o auxílio das energias do plano espiritual superior.<sup>165</sup>

---

<sup>164</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 54-55.

<sup>165</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 231.



Cabe destacar que a idéia de um templo diferenciado dos demais só é possível graças a afirmação espírita da não existência de dogmas nem rituais, ou seja, de um tipo de anti-ritualismo espírita. Para eles, ritual é sinônimo de conformidade vazia, de atos repetidos mecanicamente sem se saber por que ou para que. E esse anti-ritualismo espírita nos leva a uma característica central do Espiritismo. No momento em que se difere um “culto externo” (cerimonial, prescrições de adoração) de um “culto interno” (ato de consciência sem medo nem interesse materiais), fazendo com que o primeiro seja considerado negativo e, o segundo positivo, o Espiritismo coloca como ponto central de sua ação a pessoa moral. Ao enfatizar a consciência e o compromisso pessoal verbalmente explicitado, essa religião deixa claro que seu objetivo primordial é transformar o indivíduo. Tal processo é um importante meio para se chegar ao que de fato o Espiritismo se propõe a evolução dos Espíritos. Portanto, o sistema ritual espírita ao estabelecer a sucessão de relações entre o mundo visível (material) e o mundo invisível (espiritual), se torna uma instância decisiva para a construção do sujeito espírita. Dentre os principais rituais do sistema espírita estão o estudo, a caridade e a mediunidade.<sup>166</sup>

Juntamente com o modelo do templo, temos também o do centro espírita como um hospital para doenças espirituais, como por exemplo, a obsessão, onde os espíritos (algumas vezes os médicos do mundo invisível) aparecem para cuidar dos doentes. Mais uma vez, as atenções de cuidado com o corpo e com o espírito se mostram presentes na preparação dos participantes para os rituais. Em dias de trabalho os espíritas devem se conter e evitar o fumo, o álcool e as drogas, assim como também os excessos alimentares e os conflitos pessoais. Além disso, os médiuns que ministram o passe devem se submeter às restrições corporais e ainda a um processo de higienização mental que atinja, inclusive, o plano espiritual. O espaço é dividido chegando ao ponto máximo do investimento simbólico e controle ritual nas salas de passe, onde somente é permitida a fala do diretor do trabalho. Em diversos centros a associação metafórica com os hospitais é bastante clara na denominação dos serviços de pronto-socorro espiritual, onde o assistido é identificado como enfermo.<sup>167</sup>

O relacionamento entre o Espiritismo e a medicina é de longa data. Podemos nos dar conta disso quando verificamos que o grande sucesso do Kardecismo esteve ligado por décadas ao receitismo mediúnico, sendo que o aspecto taumatúrgico sempre foi destacado

---

<sup>166</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 50-51.

<sup>167</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 232.

como característica importante da história dos grandes médiuns espíritas. Pode-se considerar, inclusive, que a atividade dos médiuns receitistas foi de extrema importância para o sucesso da implantação do movimento espírita no Brasil.<sup>168</sup>

O médium receitista era uma pessoa que, a partir da influência do espírito de um médico já desencarnado, diagnosticava enfermidades e recomendava um tratamento que quase sempre era baseado na medicação homeopática.<sup>169</sup> Alguns dos médicos que participaram do início do movimento espírita no Rio de Janeiro também atuavam como médiuns receitistas, porém nem todo médium receitista era médico, aliás, grande parte deles, não tinha vínculo com a medicina. Tais médicos realizavam seus atendimentos geralmente em instituições espíritas das quais faziam parte, nas próprias residências ou nas dos doentes.<sup>170</sup>

Apesar da concepção espírita de doença adotar vários tipos de tratamento, o tipo mais utilizado era o que envolvia a atividade receitista dos médiuns. Para milhares de pessoas, essa era a melhor forma como o Espiritismo se apresentava, fazendo com que se tornasse conhecido para além dos grupos que fundavam sociedades espíritas e organizavam reuniões mediúnicas frequentemente. Uma importante característica na prática brasileira desse tipo de mediunidade foi a velocidade com que eram emitidas as receitas. Não era necessário o contato do paciente com o médium e nem mesmo que os problemas físicos dos enfermos fossem trazidos até ele. Somente precisava fornecer o nome e o endereço dos necessitados e aí, então, as receitas eram expedidas. Embora a maioria dos pacientes fizesse parte das camadas pobres da população, e não possuísse nenhum contato com as obras de Allan Kardec, alguns membros da elite também lançavam mão desse tipo de cura via médium receitista.<sup>171</sup>

No Rio de Janeiro havia uma nítida preferência, por parte da mediunidade receitista, em adotar a homeopatia. Os medicamentos homeopáticos eram indicados e até mesmo preparados e distribuídos pelos próprios médiuns. Até mesmo os médicos diplomados e formados na alopatia (como era conhecida a medicina dominante), como era o caso de Bezerra de Menezes, prescrevia homeopatia quando em estado mediúnico.<sup>172</sup>

A associação com a homeopatia, fortalecida pela atividade dos médiuns receitistas, encontrava sentido no contexto de lutas que o movimento espírita travava para se consolidar

<sup>168</sup> Para maiores informações e detalhes sobre a relação entre o discurso médico e o discurso espírita no período consultar a dissertação *Espíritas enlouquecem ou espíritos curam?* Uma análise das relações, conflitos, debates e diálogos entre médicos e kardecistas na primeira metade do século XX (Juiz de Fora-MG), 2007 de Roberta Müller Scafuto Scoton.

<sup>169</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 76.

<sup>170</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 22-23.

<sup>171</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 23.

<sup>172</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 24.

no país. Tanto a homeopatia quanto o Espiritismo são oriundos da Europa onde se desenvolveram em épocas e situações distintas. Aqui no Brasil, assim como o Espiritismo encontrou um ambiente católico e hostil, a homeopatia teve de enfrentar a medicina alopática, cujas noções acerca de saúde e doença, procedimentos terapêuticos e medicamentos eram bastante diferentes. O Espiritismo se beneficiou ainda mais com essa associação. Como suas atividades de cura acabava por afrontar o sistema médico oficial, a relação com a homeopatia evitava aprofundar essa situação, já que as receitas prescritas pelos médiuns receitistas quase nunca continham medicamentos alopáticos.<sup>173</sup>

O médico responsável pelas concepções básicas da homeopatia foi o alemão Samuel Hahnemann, que a partir de um processo de experimentação com fármacos, criou um sistema original de diagnóstico e tratamento. Segundo suas conclusões, um medicamento que produzisse um determinado conjunto de sintomas em pessoas sadias poderia curar os mesmos sintomas em uma pessoa doente. Hahnemann verificou também a eficácia das pequenas doses das substâncias medicamentosas, que podiam ser tão mínimas que realmente nem sequer apareciam, e ainda não aparecem, em testes físicos ou químicos de verificação de sua presença nos remédios homeopáticos. Já que esse sistema podia ser comprovado empiricamente, então para Hahnemann seria possível conceber a existência de uma dimensão não-material, com a qual estariam relacionadas as substâncias que serviam de base para os medicamentos homeopáticos, assim como também os organismos humanos. É aí então, que homeopatia e Espiritismo se aproximam, ou seja, a partir do conceito do medicamento e não através da cura.<sup>174</sup>

Apesar de Hahnemann ter falecido em 1843, mais de uma década antes de o Professor Rivail, mais tarde Allan Kardec, se interessar por temas espíritas, o fundador da homeopatia tem seu nome relacionado ao aparecimento do Espiritismo. De acordo com Kardec, Hahnemann é um dos espíritos associados a seu trabalho de codificação em obras como O Evangelho Segundo o Espiritismo e Obras Póstumas.<sup>175</sup>

Nos dias atuais, muitos centros possuem farmácias para aviar receitas homeopáticas recebidas mediunicamente. O médico espírita é considerado um vanguardista tanto pela medicina quanto pelo meio espírita. Pela primeira por reconhecer a etiologia cármica de algumas enfermidades e tentar divulgar a legitimidade da doutrina e da terapia de passes no ambiente médico; e pela segunda, por se dedicar a uma atividade que possui um teor

---

<sup>173</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 24.

<sup>174</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 24.

<sup>175</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 25.

terapêutico que é objeto de grande investimento religioso. A relação entre o movimento espírita e os médicos vem ganhando mais impulso ainda de uns tempos para cá devido a propagação de Associações Médicas Espíritas, que inclusive realizam congressos próprios, onde acontecem debates, sob a ótica espírita, acerca de questões relacionadas a medicina.<sup>176</sup>

O último modelo ao qual podemos associar o centro espírita é o da escola, graças ao papel já reconhecido do estudo em seu sistema ritual. Juntamente a essa representação de escola destacam-se algumas noções fundamentais da doutrina, como a da assimilação da dor e do sofrimento como um aprendizado, favorecendo o exercício de sua retórica, já que a instrução e as fontes escritas são frequentemente valorizadas. Aliás, instrução e conforto (no sentido de amenizar as aflições), é o que os espíritas devem transmitir as pessoas que procuram o centro, sendo estas categorias coerentes com a relação estabelecida em seu sistema de representações, entre dor (sofrimento) e conhecimento.<sup>177</sup>

A idéia-mestra de uma religião racional envolve a importância concedida ao aprendizado e ao estudo, lado a lado com a caridade, como o trajeto necessário para o aperfeiçoamento pessoal no espiritismo. Portanto pode-se dizer que o centro espírita é entendido como o local mais apropriado para a obtenção e partilha desse saber, pois lá a instrução é sistematizada nas diversas atividades realizadas. As pregações são feitas nas palestras doutrinárias e a iniciação acontece em grupos de estudo. O próprio ambiente é organizado pedagogicamente, tendo como modelo um espaço de ensino, estudo e instrução. Tudo isso pode ser reconhecido na presença dos livros nos vários ambientes, nas citações de lemas espíritas impressas em cartazes e nas bibliotecas e livrarias que acabam por reforçar essa identificação, sempre atualizada de maneira clara nos grupos de estudos. A própria denominação de principiante na doutrina é fortemente indicativa do lugar do modelo de escola dentro do Espiritismo, onde o compromisso do adepto não se firma somente com uma manifestação religiosa ou com a lealdade a um grupo de estudo, mas realiza-se, sobretudo, diante de uma doutrina. O que se exige, além da piedade e de uma série de práticas e posturas religiosas, é o conhecimento da doutrina por meio da leitura e do estudo das obras básicas e complementares. O que se conclui é que para a Doutrina Espírita, o centro, ou a casa espírita, é certamente um local de culto, de orientação e de atendimentos terapêuticos, mas tal lugar só

---

<sup>176</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 233.

<sup>177</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 233-234.

consegue exercer de forma completa suas finalidades se for também um espaço de aprendizado, onde a doutrina é constantemente estudada em pequenos e diversos grupos.<sup>178</sup>

Um centro espírita, geralmente, é composto por um conselho fiscal e consultivo, tesouraria e secretaria-geral e um corpo de sócios. Seu sustento se dá graças a contribuições voluntárias e fundos angariados em campanhas, bazares, lanches e outras atividades. Possui departamentos como: programação doutrinária e orientação mediúnica, serviços assistenciais, divulgação, e infância e mocidade, sendo seus responsáveis eleitos pela diretoria. Cada departamento é um núcleo responsável por determinadas atividades, e seus diretores participam de uma reunião mensal com o presidente, e também reuniões com os dirigentes dos subgrupos do setor. Estes, por sua vez, se reúnem com os colaboradores de atividades específicas. Em todos esses setores, num grau crescente de poder e responsabilidade, quem ocupa um cargo de direção deve supervisionar todas as atividades coordenadas pelo seu núcleo.<sup>179</sup>

As reuniões kardecistas que acontecem no centro costumam ser divididas em duas partes. O primeiro momento é onde acontece a abertura das atividades que tem por intuito purificar o ambiente para que todos os presentes absorvam ao máximo as vibrações e os ensinamentos da palestra que será proferida. Toda palestra é devidamente calcada no estudo de alguma obra espírita. No segundo momento quando as luzes são diminuídas com a intenção de permitir maior concentração de todos, realiza-se a prece de encerramento e o preparo do passe. Essa última prece é um pouco mais demorada a fim de permitir aos necessitados receber melhor os benefícios da medicina do Cristo.<sup>180</sup>

Apesar de toda essa organização o funcionamento do centro pode parecer bastante maleável e informal. As pessoas nunca se referem às outras a partir de seus cargos ou funções, mas sim pelos seus nomes.<sup>181</sup>

Como nossa intenção é mostrar que o centro espírita é o lugar mais adequado à realização das práticas espíritas, incluindo aí as de cultura letrada, é de fundamental importância discutir também sobre a caridade e a mediunidade que são fatores de destaque na Doutrina Espírita e que, conseqüentemente, desempenham funções extremamente relevantes

<sup>178</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 234-235.

<sup>179</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 55.

<sup>180</sup> CAMPOS, Iriê Salomão de. **Elo de amor**: vida e obra de Isabel Salomão de Campos. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 2006. p. 162.

<sup>181</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 56.

para o movimento espírita, assim como o estudo, que será abordado com maiores detalhes no próximo capítulo.

De alguma forma, essas práticas rituais acabam por se mesclar em algumas atividades, pois a mediunidade engloba também a caridade e o estudo. O estudo e a caridade, por sua vez, como formas de estabelecimento de relação com o mundo espiritual, são também mediunidade. Toda atividade espírita, na verdade, pode ser considerada caridade, pois é um serviço de amor ao próximo. Receber espíritos sofredores em uma reunião de desobsessão é caridade, aplicar um passe num freqüentador também é caridade, embora as tarefas denominadas como caritativas sejam em geral as obras assistenciais e, com menor freqüência, o atendimento fraterno.<sup>182</sup> Percebe-se que o estudo e a divulgação da doutrina também estão interligados com a prática da assistência espiritual-social, o que demonstra a confirmação da associação entre motivação religiosa e atividade assistencial, já que a última não acontece desvinculada da primeira, ou seja, a caridade só tem sentido porque faz parte da Doutrina Espírita.<sup>183</sup>

O sistema ritual espírita tem na mediunidade<sup>184</sup> a categoria cosmológica principal de sua estruturação. Em seu principal sentido, mediunidade significa comunicação entre os mundos material e espiritual, é como uma ponte entre um recurso do mundo invisível e o necessitado. Ainda assim, os espíritas distinguem dessa interpretação mais global, um sentido específico da mediunidade que é a comunicação espírita onde, por meio do personagem do médium, os mundos visível e invisível mantêm contato de maneira explícita. E nesse exato sentido a mediunidade diz respeito a uma das formas da comunicação espírita que é a recepção de espíritos. Percebe-se uma variedade de níveis da categoria mediunidade no sistema ritual espírita, tanto que as atividades de estudo e de caridade, também são consideradas no sentido mais amplo da mediunidade, como tarefas mediúnicas:<sup>185</sup>

Os Espíritos vêm nos dizer que a mediunidade não se desenvolve apenas na mesa mediúnica, recebendo mensagens de Espíritos. A mediunidade se desenvolve

<sup>182</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p.65 e 132.

<sup>183</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 147.

<sup>184</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre o tema consultar CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, e ANDREA, Jorge. **Enfoques científicos na doutrina espírita.** Rio de Janeiro: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1991.

<sup>185</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 62 e 63.

também no trabalho de caridade e no estudo. Pelo estudo nossa mente se esclarece e no convívio com o sofrimento vamos despertando cada vez mais a nossa sensibilidade. Entendemos assim que mediunidade não é só receber Espíritos. É estarmos com a nossa sensibilidade de tal forma evoluída que onde quer que estejamos possamos ser, na hora da necessidade de nosso próximo, a ponte entre o recurso divino e a necessidade de nosso irmão.<sup>186</sup>

Assim, o estudo e a caridade são também tarefas mediúnicas no duplo sentido do termo. Primeiro porque através dessas tarefas estabelece-se a relação entre os mundos visível e invisível, e nelas o espírita é sempre um médium no sentido amplo. Segundo porque essas atividades de estudo e caridade são complementares, e tão importantes quanto a experiência do transe, ao desenvolvimento da mediunidade em sua acepção mais estrita. Um médium desenvolvido tem por obrigação se dedicar ao estudo e à prática da caridade constantemente.<sup>187</sup>

O autor Emerson Giumbelli fez uma análise das práticas de estudo e mediunidade nos grupos espíritas do Rio de Janeiro no século XIX. Realizavam-se, nesses grupos, estudos sobre obras de caráter doutrinário e sobre os evangelhos cristãos, sendo que os dois eram da mesma forma submetidos a leituras, exegeses e discussões coletivas. No que diz respeito às obras doutrinárias, grande parte dos grupos seguia um dos livros de Kardec, tal como nas reuniões da FEB onde, com o passar do tempo, esse modelo de atividade ganharia um caráter paradigmático, sobretudo pelo fato de ter se tornado aberta ao público. Os evangelhos, por sua vez, dificilmente eram estudados a partir do texto canônico, mas sim de acordo com as orientações e a seqüência constantes de O evangelho segundo o Espiritismo de Allan Kardec. De qualquer forma, tanto em reuniões destinadas ao estudo de obras doutrinárias, quanto em sessões voltadas para a interpretação das passagens evangélicas, era bastante comum haver um momento destinado ao recebimento de mensagens psicografadas, o que comprova a permanente relação entre estudo e mediunidade.<sup>188</sup>

Eram raros os grupos que possuíam em seus programas espaços destinados especificamente para o desenvolvimento da mediunidade, onde as pessoas poderiam ter suas faculdades identificadas como de vidência, cura, efeitos físicos, psicografia etc, e moldadas a partir das orientações prescritas, por exemplo, em O livro dos médiuns de Allan Kardec. Nas sessões que eram realizadas com a presença de um ou mais desses indivíduos, distinguia-se

<sup>186</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 63.

<sup>187</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 64.

<sup>188</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 74-75.

dois tipos de práticas de acordo com a natureza dos espíritos que se apresentava, e da modalidade das manifestações conseguidas. Primeiramente havia as mensagens dos guias espirituais do grupo, contendo quase sempre ensinamentos de caráter moral e esclarecimentos de caráter doutrinário. Outro tipo de manifestação que ocorria eram as manifestações de espíritos sofredores que vagavam pelas regiões mais baixas da hierarquia do plano invisível, presos ainda às penosas lembranças de suas encarnações anteriores. Esses espíritos podiam se manifestar espontaneamente por meio de algum médium e, quando o faziam, quase sempre assumiam um tom de agressão e afronta. Diante de tal situação, os presentes se concentravam no esforço de moralizar o espírito, no intuito de mostrar-lhes os meios que possibilitariam sua evolução.<sup>189</sup>

Ainda no que diz respeito a prática da mediunidade é importante falar também sobre as sessões de desobsessão<sup>190</sup>. Podemos entendê-la da seguinte forma.

No número dos escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, é preciso colocar, em primeira linha, a *obsessão*, quer dizer, o império que alguns Espíritos sabem tomar sobre certas pessoas. Ela não ocorre senão pelos Espíritos inferiores que procuram dominar; os bons Espíritos combatem a influência dos maus, e se não os escutam se retiram. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles sobre os quais fazem suas presas; se chegam a imperar sobre alguém, se identificam com seu próprio Espírito e o conduzem como uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos que é necessário distinguir, e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é de alguma sorte um termo genérico pelo qual se designa esse gênero de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.<sup>191</sup>

Segundo Giumbelli obsessão era a denominação que se dava ao transtorno ocasionado sobre o espírito de uma pessoa pela interferência do espírito de outra pessoa, sendo que este, desencarnado e sofredor, em consequência de um desejo de vingança da parte deste ou de falhas morais da parte do primeiro. Para que esse processo seja revertido é necessária uma dupla atuação, ou seja, sobre o indivíduo obsedado e sobre o espírito obsessivo. O primeiro passa a receber conselhos de cunho moral, e o segundo precisa ser invocado e persuadido a desistir de sua perseguição. Exatamente a essas invocações é que os espíritas designavam de sessões de desobsessão, concedendo-lhes caráter terapêutico já que os transtornos

<sup>189</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 76.

<sup>190</sup> Para maiores informações sobre o tema da obsessão, consultar CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

<sup>191</sup> KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** Araras, SP: IDE, 35ª edição, 1995, p.277.



relacionados à obsessão eram considerados como fenômenos de ordem patológica, pois eram associados à loucura e à mania.<sup>192</sup>

No que diz respeito às práticas terapêuticas teremos que mais uma vez falar dos médiuns receitistas, uma vez que em se tratando desse assunto eles são os personagens mais importantes. A mediunidade receitista, constantemente defendida e admirada nos artigos do jornal *O Reformador*<sup>193</sup> e em declarações de diretores da Federação Espírita Brasileira, para os espíritas desempenhava, de forma privilegiada, uma dupla função, que de alguma maneira compreendia e qualificava suas propriedades terapêuticas. Por um lado, ela representava uma prova poderosa da existência dos espíritos e, conseqüentemente, da sobrevivência após a morte, da alma humana. Por outro lado, a atividade dos médiuns receitistas era considerada, assim como a mediunidade curadora, a desobsessão e a ajuda a espíritos sofredores, como um tipo de prática de caridade. Todas essas atividades que são o estudo doutrinário, a interpretação dos evangelhos, o desenvolvimento da mediunidade, o recebimento de mensagens espirituais e a mediunidade com aplicações terapêuticas, podem ser encontradas, de maneira mais ou menos modificadas, em grande parte dos centros espíritas do país.<sup>194</sup>

No final do século XIX e princípio do século XX, o Espiritismo ainda incipiente nos principais centros urbanos brasileiros, diante das acusações de charlatanismo, curandeirismo e prática ilegal de medicina que lhe atribuíam os poderes públicos, vai tentar legitimar suas crenças e práticas diante da sociedade levantando a bandeira da caridade. A própria mediunidade praticada com intenção de cura, para eles, não se configurava atividade de rendimento, mas sim, exercício de caridade moral para com o sofrimento humano.<sup>195</sup>

A codificação de Allan Kardec é bastante clara quando define a caridade com um sentido bem maior e amplo daquela que se costuma pensar,

A caridade é a lei suprema do Cristo: “Amai-vos uns aos outros como irmãos; amai vosso próximo como a vós mesmos; perdoai os vossos inimigos; não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizesseis”; tudo isso se resume na palavra *caridade*.

<sup>192</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 76.

<sup>193</sup> *O Reformador* era um jornal espírita que foi fundado em 21/01/1883. A partir do ano de 1902 adquiriu o formato de revista que é publicada até os dias de hoje. Para maiores informações visite o site do Grupo Espírita Renascer <http://www.ger.org.br/artigosjorgehessen/artigo54.htm> e o site da FEB <http://www.febnet.org.br>.

<sup>194</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 78.

<sup>195</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 134-135.

A caridade não está somente na esmola, porque há caridade em pensamentos, em palavras e em atos. Aquela é caridade em pensamentos, que é indulgente para com as faltas de seu próximo; caridade em palavras, que não diz nada que possa prejudicar o seu próximo; caridade em ações, que assiste seu próximo na medida de suas forças.<sup>196</sup>

No ano de 1904, Leopoldo Cirne, na época presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), é denunciado por ter tido aos seus cuidados uma doente de varíola. Ele se defende usando o argumento de que a Federação a qual pertence é uma associação legalizada, que se dedica à prática da caridade, incluindo aí o abrandamento das dores físicas dos doentes. Como tudo isso diz respeito a um culto, tem total liberdade e direito garantidos pela Constituição. O fato de levar a saúde a tantos enfermos acaba por fazer com que alguns comparem suas atividades com o exercício da medicina ao invés do da religião, o que mesmo assim seria legítimo, já que a Constituição prevê a liberdade profissional. Entretanto, Leopoldo Cirne responde que na FEB não há médiuns que façam da prática da mediunidade uma profissão, ao contrário, todos possuem empregos e servem gratuitamente à Federação. Esta por sua vez, também não cobra pelas atividades realizadas nem pelos remédios distribuídos.<sup>197</sup> Através desse conjunto de atividades caritativas, o Espiritismo de Kardec, finalmente conseguirá conquistar uma reputação de normalidade e respeitabilidade na sociedade o que permitirá seu reconhecimento pelo Estado, que anteriormente o via com bastante suspeita.<sup>198</sup>

Também em Juiz de Fora, no princípio do século XX<sup>199</sup>, o Espiritismo emergente utiliza a caridade (resultante do estudo doutrinário) como atividade concreta dos Centros Espíritas. Segundo as próprias associações espíritas da cidade, foi através das obras de caridade e dos ensinamentos distribuídos que o Espiritismo começou a ganhar o respeito da sociedade. Isso se deu igualmente nas demais metrópoles do país, ou seja, o exercício da

<sup>196</sup> KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Araras, SP: IDE, 70ª edição, 2007, p.201-202.

<sup>197</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 176.

<sup>198</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 135.

<sup>199</sup> Juiz de Fora no final do século XIX passou por um processo de desenvolvimento industrial que levou a cidade a ser denominada de “Manchester Mineira” em comparação com a famosa cidade industrial inglesa, Manchester. A cidade cresceu muito nesse período, mas os problemas sociais permaneceram. No início do século XX as condições de limpeza urbana e saneamento eram muito precárias e os trabalhadores estavam sujeitos a longas jornadas de trabalho em péssimas condições e com salários baixíssimos. Nesse contexto, toda e qualquer atividade assistencial era bem recebida pela população (OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994, p. 45-50).

caridade por meio do atendimento aos necessitados acabou por tornar popular o Espiritismo cristão.<sup>200</sup>

Ainda que o Espiritismo não tenha conseguido conquistar adeptos entre aqueles a quem socorria, sua disposição e vocação para praticar a caridade foi responsável pelo respeito adquirido entre os não-espíritas, sobretudo pelo fato de que qualquer pessoa, independente de sua crença, recebia a assistência necessária. Tal assistência, por sua vez, propiciou a relação com os poderes públicos já que supria as carências de parte da população, tarefa essa que deveria ser de competência do Estado.<sup>201</sup>

Diante desse quadro de ascensão social da Doutrina Espírita, a Igreja Católica reagiu e deu início a uma forte campanha para que as obras filantrópicas espíritas não recebessem nenhum tipo de apoio de católicos.

De qualquer forma, segundo Marcelo Camurça, esse acirrado nível de competição por adeptos entre Catolicismo e Espiritismo que orientou suas ações de caridade enquanto expressão prática de concepções doutrinárias, no que diz respeito ao Espiritismo não parece ter obtido êxito, devido ao baixo número de adesões resultantes dessa ação. Entretanto, em relação ao seu processo de crescimento e ampliação no campo religioso e na sociedade brasileira, o Espiritismo estabeleceu uma divisão de trabalho, pois através de seu aspecto doutrinário filosófico-científico procurou demonstrar sua superioridade ao Catolicismo, atraindo assim adeptos nas camadas médias e na elite, e através de seu aspecto religioso-caritativo, conseguiu conquistar um grande prestígio difuso, mas propagado em toda sociedade.<sup>202</sup>

No Espiritismo, como podemos perceber, a caridade funciona como seu “cartão postal” para a sociedade. Juntamente com os instrumentos de formação e divulgação doutrinária (centros, federações, institutos culturais, associações profissionais, imprensa, editoras) formam a parte visível e o aparato material desta corrente religiosa, nos muitos hospitais, escolas, asilos e orfanatos. Isso tudo é responsável inclusive por reforçar a pertença

---

<sup>200</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 147-148.

<sup>201</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocinada” na “Atenas de Minas”:** gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001. p. 152.

<sup>202</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 149.

no movimento espírita das pessoas que aderiram a ele e que serão os futuros responsáveis pelas ações de caridade.<sup>203</sup>

A estratégia espírita enquanto corrente religiosa minoritária, mas em visível situação de expansão, era de se legitimar perante a sociedade e, para isso, dentro de uma ética persuasiva e não belicosa, tentava buscar o convencimento de novos adeptos que se mostravam insatisfeitos com o que a religião majoritária lhes oferecia. Nesse sentido, empregava nessa situação de concorrência com o Catolicismo uma espécie de capital simbólico, que era o fato de se apresentar como um cristianismo renovado, livre dos dogmas e superstições católicas, complementar à filosofia e à ciência e adequado à modernidade vigente. Dessa forma não podemos dizer que a organização das obras sociais/assistenciais espíritas estivessem isentas de qualquer proselitismo religioso, ainda que o grande público que era alvo da caridade espírita (material e moral) não fosse de convertidos à doutrina.<sup>204</sup>

Ainda de acordo com Marcelo Camurça, o Espiritismo acaba por utilizar a caridade como meio de conversão no momento em que relaciona o seu serviço assistencial de caráter beneficente, preventivo e promocional, além da ajuda material e espiritual, às necessidades de evangelização, ou seja, na obrigatoriedade de que os indivíduos amparados assistam reuniões doutrinárias. Mesmo se considerando que tal recurso não opere resultados significativos na conquista de adeptos pela via da caridade, ainda assim nota-se uma persistência do Espiritismo nessa prática. O empecilho ao recrutamento de adeptos entre a população de baixa renda assistida pelas obras sociais espíritas está no fato de a doutrina codificada por Allan Kardec ser de difícil compreensão pelas massas incultas.<sup>205</sup> A justificativa para tal persistência está na concepção de caridade espírita que acredita, portanto, que esta deve fornecer ajuda material de doação de bens e proporcionar meios para que as pessoas tenham capacidade de obter seus próprios recursos, tanto quanto deve prestar amparo moral e espiritual. Por isso a

---

<sup>203</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 149.

<sup>204</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 152.

<sup>205</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1, p. 152.

caridade diz respeito além da distribuição de mantimentos, a outras atividades como aulas de costura e crochê, assim como também ao estudo da doutrina.<sup>206</sup>

O centro espírita permite a aproximação entre os diversos tipos de público na medida em que trata de indivíduos carentes que necessitam, em alguns casos, de conselho ou ajuda para problemas de diferentes naturezas e, em outros, de assistência material. Assim, o Espiritismo se relaciona tanto com os freqüentadores e não-pobres, quanto com os não-freqüentadores e os pobres. Nessas atividades de caridade o que procura se acentuar é a doação de amor e compreensão humanos. Os pobres, que representam uma humanidade carente e fragilizada, ocupam lugar privilegiado. Caridade então refere-se assim preferencialmente à relação entre espíritas e pobres, onde existe uma reciprocidade entre as desigualdades não só no aspecto moral como também no social. De um lado estão os espíritas que se doam esquecendo-se de si próprios, dedicando-se a praticar o bem, e ao fazê-lo ajudam, além dos outros, a si mesmos. Do lado oposto estão os pobres que recebem ajuda material e também moral, como a chance de transformar aquela existência de provações no princípio de sua redenção.<sup>207</sup>

A Casa do Caminho é, em Juiz de Fora, um conhecido e renomado centro espírita que dentre as várias atividades realizadas e que fazem parte do programa da casa está a distribuição de alimentos que ocorre no quarto domingo de cada mês. Várias mesas são alinhadas à beira da calçada para receber os alimentos que serão distribuídos para cerca de 500 famílias. Antes de cada distribuição, porém, é feita uma prece inicial na qual a presidente do centro, Dona Isabel, convoca a todos para renderem gratidão ao Cristo por aquele momento. O silêncio se faz presente e de microfone em punho ela inicia a prece solicitando que todos unam suas emoções ao Cristo agradecendo o alimento arrecadado por abnegados amigos, que em fraterna emoção saem de suas casas em dia de descanso para ajudar os mais carentes.<sup>208</sup> Dona Isabel fala sobre a caridade:

A caridade mais difícil e mais urgente é a da alma, pois a maior fome e o maior desencanto são do espírito. A caridade do espírita vai muito além do corpo físico, ela é essencialmente o pão do espírito. Ajude sem perguntar, ampare quem quer que seja, dê de comer a quem tem fome, ensina-nos Jesus. Caridade no silêncio que constrói o bem: a grande lição.

<sup>206</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 67.

<sup>207</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 66.

<sup>208</sup> CAMPOS, Iriê Salomão de. **Elo de amor:** vida e obra de Isabel Salomão de Campos. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 2006. p. 371.

A obrigação primeira do espírita, portanto, é a doação do pão do espírito, que se manifesta em amor, em fraternidade, em amparo social e familiar, em orientação, enfim, para aí, então, doarmos o pão do corpo. O que farão os que receberam? Não importa. O importante é que fizemos a nossa parte, como filhos de Deus, com responsabilidades junto ao próximo. Esse dever não é de uns poucos, mas de todas as religiões, de todas as camadas e de todas as filosofias. O Cristianismo é mensagem de trabalho e fraternidade.

Para que possamos ser felizes, não podemos mais brincar com o tempo, tampouco brincar de viver. Busquemos, pois, as luzes do Espiritismo, conquistando saúde, paz e alegria espiritual. E a fé espírita, dinâmica e atuante, vai aquecer-nos a alma, esclarecer-nos as dúvidas, descortinando-nos horizontes novos e eternos. Vamos, assim, vencendo definitivamente as dificuldades que vêm acompanhando-nos através dos séculos, com a sublime certeza de que Deus ajuda o homem através do próprio homem.<sup>209</sup>

Como podemos perceber, a caridade diferencia e hierarquiza, mas também aproxima e identifica. Ela se baseia não apenas em admitir a inferioridade do outro como também em admitir a própria inferioridade e necessidade de redenção e evolução daquele que doa, ou seja, a caridade é uma cura de si próprio através do outro.<sup>210</sup>

Voltando àquela discussão anterior, sobre o Espiritismo no Brasil apresentar um caráter essencialmente religioso, acarretando dessa forma um distanciamento do caráter racional do Espiritismo francês, como é compreendido por autores como Camargo e Damázio, por exemplo, encontramos a prática da caridade como fator fundamental para se chegar a essa conclusão. Diferentemente dessa corrente de pensamento, existe outro grupo de autores como Camurça, Cavalcanti e Giumbelli<sup>211</sup> que argumentam, de maneira extremamente coerente, a respeito de que no Brasil, o fato do movimento espírita ter adquirido uma característica mais mística ou religiosa, sobretudo no que diz respeito à importância da caridade para a doutrina, não significa necessariamente um abandono às questões filosóficas e científicas.

Reforçando essa idéia, Daniel Pavan, em sua pesquisa, destaca que Maria Laura Cavalcanti enfatiza que toda e qualquer atividade espírita, enquanto serviço de amor ao próximo é, em sentido geral, caridade e que o autor Sidney Greenfield cita que o Espiritismo sem caridade simplesmente não existe, ou seja, é inconcebível. Com isso perceber-se que essa nova vertente de estudos acredita na centralidade da caridade, enquanto uma característica

<sup>209</sup> CAMPOS, Iriê Salomão de. **Elo de amor**: vida e obra de Isabel Salomão de Campos. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 2006. p. 374-375.

<sup>210</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 70.

<sup>211</sup> Giumbelli dedica um item inteiro (“Religião científica” ou “ciência religiosa”): o espiritismo nos termos de seus próprios adeptos) para essa discussão. Para maiores informações conferir GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

religiosa do Espiritismo brasileiro, sem necessariamente comungar com a vertente que defende o aspecto essencialmente religioso da Doutrina Espírita no país.<sup>212</sup>

A partir de tais observações, pode-se dizer que os estudos, as palestras, os seminários, os cursos e todo o processo de interpretação da doutrina são para os adeptos do Espiritismo, também uma atuação de caridade, ainda que representem tarefas relacionadas ao aspecto científico da doutrina. Portanto, a caridade espírita, não dá ênfase ao caráter religioso do Espiritismo, nem tampouco o torna essencialmente religioso, muito pelo contrário, a caridade no meio espírita procura aglutinar ciência, filosofia e religião, reforçando o triplo aspecto da doutrina.<sup>213</sup>

Todas as tarefas espíritas então acontecem de forma imbricada, tudo está inter-relacionado. E no que tange o centro espírita, fica evidente que ele realmente é o espaço principal onde acontecem todas essas práticas que envolvem a cosmologia espírita, ou seja, é nele que a doutrina se apresenta de forma clara e completa. Dessa forma percebemos que a característica racional do Espiritismo se encontra, de fato, nessa valorização da cultura letrada, que está embutida, como já dissemos antes, nas atividades exercidas pelo movimento espírita que envolve a todo instante a leitura, erudição, citação, crítica, comentários de textos etc.

Grande parte dos centros espíritas promovem atividades freqüentes que nos mostram a intrínseca relação entre suas práticas de estudo, mediunidade e caridade e as práticas de cultura letrada. Os centros podem adotar atividades consideradas de caráter cultural como, por exemplo, apresentação de peças espíritas, filmes, exposições de livros (inclusive itinerante), organização de simpósios e outras. Em Juiz de Fora, o centro espírita FEAK (Fundação Espírita Allan Kardec), dentre as diversas atividades que desenvolve, apresenta palestras e filmes (Cine FEAK) em sábados intercalados sempre às dezenove horas. Essa atividade, como as demais, requer a presença do diretor para abrir e encerrar o evento com uma breve apresentação e preces. Em dia de palestra, além do diretor o centro conta com a presença do expositor, que quase sempre vem de outros centros e até mesmo de outras cidades. Em outro centro da cidade, A Casa do Caminho, acontece um evento a cada dois anos sendo bastante conhecido e divulgado, que é a Semana de Kardec. Os ensinamentos de Allan Kardec, a prática da caridade e amor ao próximo, além de discussões sobre temas que norteiam a Doutrina Espírita, representam a base desse evento.

---

<sup>212</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 19-20.

<sup>213</sup> PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003, p. 21.

No ano de 2007 foi realizada a 21ª edição da Semana de Kardec que aconteceu no período de 16 a 22 de abril na sede da Casa do Caminho. De segunda a quinta-feira aconteceram as palestras ministradas por expositores de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Aracaju que discorreram sobre temas variados como Pesquisa Científica em Espiritualidade e Saúde - Paradigma Atual, A Atualidade do Livro dos Espíritos e A Inveja nas Manifestações Humanas. De sexta a domingo ocorreu o simpósio de título A Contribuição do Livro dos Espíritos para a Humanidade. Participaram também expositores de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e São Paulo.

A 22ª edição da Semana de Kardec foi no ano de 2009 no período de 20 a 26 de abril na Casa do Caminho. Como em todas as edições anteriores, o evento foi dividido em duas partes. A primeira destinada à apresentação das palestras, dessa vez ministradas somente por expositores de Juiz de Fora que abordaram assuntos como Quando tudo não é o bastante, O Consolador e O método científico de Allan Kardec na elaboração do Espiritismo. A segunda parte foi destinada ao simpósio, desta vez com o tema Herculano Pires, o metro que melhor mediu Kardec. O simpósio contou com expositores de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse evento já acontece há 22 anos e requer um tempo longo, de cerca de um ano, para seu planejamento e organização sendo necessário, inclusive, promover diversas atividades com o objetivo de angariar fundos para o acontecimento. O simpósio apresenta um formato bastante acadêmico e é todo voltado para o estudo, a informação e também para a divulgação da doutrina.

Como podemos perceber, as atividades realizadas em um centro espírita estão, a todo o momento, envolvidas com as práticas de cultura letrada e estas, naturalmente, subentendem um nível mínimo letramento que é o necessário para que se torne, de fato, um adepto do Espiritismo. O que se quer dizer com isso é que não basta simplesmente saber ler e escrever, ou seja, ser um indivíduo devidamente alfabetizado. O letramento ao qual estamos nos referindo diz respeito às práticas sociais de leitura e escrita e as diversas situações onde essas práticas são aplicadas, assim como os efeitos delas sobre a sociedade.<sup>214</sup>

O autor Bernardo Lewgoy discorre sobre essa característica do Espiritismo de forma bastante elucidadora.

---

<sup>214</sup> SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 144, dez. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2009



Parto do princípio de que o espiritismo estriba-se em determinadas pretensões de legitimidade científica e filosófica, assim como uma composição social diferenciada, as quais lhe conferem uma feição muito particular no quadro da religiosidade brasileira contemporânea. Diviso-o como um segmento profundamente identificado com um ideário racionalista e cientificista, próprio da chamada experiência moderna, mas também com uma certa relação com a cultura escrita e com o letramento, consoante com a construção simbólica e ritual de seu ideal de pessoa. Sustento que um dos registros da experiência cultural espírita depende da compreensão de que esta é uma religião do livro, da leitura e do letramento, num sentido que dificilmente se iguala em outras religiões.<sup>215</sup>

Pelo fato do Espiritismo primeiramente se denominar como uma ciência e não se ocupar com questões dogmáticas, é que haveria uma maior identificação com as camadas médias letradas, por ser mais instruída e também mais exigente na aceitação de princípios. O próprio Kardec dizia que a grande maioria dos espíritas era formada por homens inteligentes e estudiosos. Que somente a má fé poderia dizer que eles eram atraídos entre os incautos e os ignorantes e que era exatamente nas camadas esclarecidas que a Doutrina Espírita fazia maior número de prosélitos. Os participantes do Espiritismo são geralmente indivíduos que estão frequentemente a procura de conhecimento e que apreciam o hábito da leitura. Coincidência ou não, a questão é que um bom livro espírita exige do leitor um conhecimento de vocabulário requintado, bem acima da média coloquial.<sup>216</sup>

Portanto, pode-se dizer que o Espiritismo, enquanto religião, cultura e cosmologia, conseguiu reunir tanto em sua prática quanto em sua doutrina, os fatores tradicionalmente associados à secularização e à promoção de uma consciência moderna que envolvia a escola pública laica, o letramento, a racionalidade científica e as práticas de leitura e escrita.<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 9-10.

<sup>216</sup> JÁCOME, Oscar Fernando Junqueiro. **A doutrina põe ordem na desordem**: o espírito da cura na “benzeção espírita” da associação espírita Padre Antônio Vieira. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora 1999, p. 102.

<sup>217</sup> LEWGOY, Bernardo. **Incluídos e letrados** – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). *As religiões no Brasil*: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 183.



## 4 ESPIRITISMO: UMA RELIGIÃO DOS LIVROS

### 4.1 A valorização do estudo na doutrina

“O estudo constante da Doutrina Espírita com base nas obras de Allan Kardec e o propósito permanente de colocar em prática os seus ensinamentos, são fundamentais para a correta execução de toda atividade espírita”.<sup>218</sup>

Uma atividade de significativa importância para o Espiritismo é a palestra pública. Segundo Emmanuel, um Espírito doutrinário versado, o centro espírita deve ser a Universidade da Alma. Os princípios de disciplina, humildade e estudo são considerados os alicerces da conduta espírita. “Espíritas! amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo” com esta frase de autoria do “Espírito da Verdade” em O Evangelho segundo o Espiritismo, constatamos que há uma forte preocupação com a questão do estudo na Doutrina Espírita.<sup>219</sup>

Juntamente a essa característica de constante preocupação com o estudo e a instrução, está também o fato de que a Doutrina Espírita era de difícil entendimento para as camadas letradas. O conteúdo de teor filosófico e as teorias explicativas dos fenômenos naturais, em consonância com as últimas descobertas da época nos mais diversos campos do conhecimento humano, faziam com que a leitura das obras fosse acessível, somente, à pequena parcela instruída da população. No Brasil, como as obras chegavam em outras línguas, a dificuldade de acesso às mesmas era ainda maior.<sup>220</sup>

As concepções espíritas entraram no Brasil por meio dos livros e, estes, circularam a princípio em grupos restritos da elite brasileira, uma vez que, a habilidade da leitura e a condição econômica de comprar livros eram privilégios de uma pequena parcela da população do país. Menor ainda era o ambiente em que essas novas idéias e autores eram discutidos.<sup>221</sup>

Os franceses, que moravam na cidade do Rio de Janeiro, foram os primeiros adeptos do Espiritismo no Brasil. Em sua maioria, eram eles professores, jornalistas e comerciantes. A partir daí, Juiz de Fora então começa a receber a influência espírita, pois sempre manteve com

<sup>218</sup> Orientação ao Centro Espírita. Texto aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em sua reunião de novembro de 2006. FEB. <http://febnet.org.br/file/15/3233.pdf>. p. 12.

<sup>219</sup> JÁCOME, Oscar Fernando Junqueiro. **A doutrina põe ordem na desordem:** o espírito da cura na “benzeção espírita” da associação espírita Padre Antônio Vieira. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora 1999, p. 146.

<sup>220</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 101.

<sup>221</sup> SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 14.

o Rio de Janeiro, fortes ligações econômicas e culturais. Isso se deu por volta de 1882, época em que aparecem as primeiras notícias do Espiritismo nessa cidade.<sup>222</sup>

No ano de 1862 é que foi publicada a primeira versão em português de um livro espírita. Era possível adquirir a brochura nas cidades de Paris, Lisboa e Rio de Janeiro. A vendagem foi um sucesso, o que acarretou em novas e sucessivas tiragens.<sup>223</sup>

No Brasil as primeiras publicações de livros espíritas em português apareceram no ano de 1866, na Bahia e em São Paulo. Na cidade paulista, onde a doutrina se inseriu com discrição, o poder da Igreja Católica e a falta de um grupo que atuasse defendendo o Espiritismo fizeram com que o responsável pela tradução se protegesse no anonimato. Na Bahia, onde a nova doutrina penetrou de forma ostensiva, provocando polêmicas, a publicação da Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita significou um fato relacionado à luta pela afirmação da doutrina. Olímpio Teles de Menezes retirou a obra da 13ª edição francesa de O Livro dos Espíritos, o que possibilitou o acesso aos princípios básicos do Espiritismo por um grupo maior de pessoas.<sup>224</sup>

O estudo no Espiritismo faz parte, juntamente com a caridade e a mediunidade, do seu sistema ritual. No estudo destaca-se a intelectualidade dessa religião, a valorização da investigação racional e da pesquisa experimental. Na caridade a ênfase é dada ao seu caráter cristão e, na mediunidade, destaca-se a relação entre homens e Espíritos. Esses pólos, como já foi falado anteriormente, estão inter-relacionados, já que a mediunidade engloba também a caridade e o estudo. O estudo e a caridade, por sua vez, como formas de estabelecimento de relação com o mundo espiritual, são também mediunidade.<sup>225</sup>

A valorização do ideal de razão está colocada de maneira clara nas obras de codificação espírita. Se, de acordo com a codificação, a verdade é em última análise revelada, uma vez que foi comunicada pelos espíritos, o procedimento pelo qual se deu essa revelação é entendido como eminentemente racional. Tal procedimento exigiu que Allan Kardec estivesse à altura dessa incumbência de formular questões para que os espíritos respondessem. Parte

---

<sup>222</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O Espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 141.

<sup>223</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 101-102.

<sup>224</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 102.

<sup>225</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 132.

dessa verdade permaneceu ainda desconhecida aos homens, pois a revelação segue o caminho evolutivo da humanidade.<sup>226</sup>

O Espiritismo tem, portanto, uma visão do conhecimento semelhante à da ciência, onde o conhecimento avança progressivamente. Existe no conhecimento uma dimensão divina, pois ele é revelado, e também uma dimensão humana, porque para que a revelação ocorra é necessário que os homens estejam preparados, que também conheçam. Isso tudo define essa outra dimensão da vida religiosa espírita que é o estudo.<sup>227</sup>

O estudo no Espiritismo se refere a uma variedade de práticas que residem na leitura, comentários, exposição de textos espíritas, na produção de artigos, apostilas e livros, na organização de debates, palestras, mesas-redondas, simpósios. Esse leque de atividades demonstra explicitamente a importância concedida à palavra oral e escrita que se mostra presente de forma igual na própria existência de uma doutrina, e na frequência e respeito com que os adeptos se referem a ela.<sup>228</sup>

Conforme a explicação dos espíritas, o estudo esclarece e transforma, permite com que o indivíduo compreenda os motivos de suas aflições. Somente através do estudo, que disciplina os sentimentos e nos ensina a orientar nossas afeições, é que é possível conquistar a renovação íntima que é o caminho para se chegar ao progresso espiritual.<sup>229</sup>

O estudo é então uma parte fundamental do Espiritismo, presente desde o primeiro contato com o centro, e de extrema relevância para o desenvolvimento da mediunidade. Ele é estimulado tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Em casa o estudo deve ser constante, com leitura diária de parte de alguma obra espírita. Já no centro, o estudo está relacionado ao aprendizado do conjunto da doutrina, e reveste-se de ênfases distintas de acordo com a especificidade do público. As atividades determinadas como de estudo são a reunião pública, a reunião de tratamento, a reunião da juventude e a iniciação espírita. As duas primeiras reuniões dirigem-se aos freqüentadores e, nesse caso, o estudo transcorre apresentando ênfases sobre o caráter moral, de consolação do Espiritismo, no aprendizado do bem-sofrer, como destacam os próprios espíritas. As duas últimas reuniões dirigem-se aos

---

<sup>226</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 71.

<sup>227</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 71.

<sup>228</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 71-72.

<sup>229</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 72.

cooperadores, respectivamente os jovens e os médiuns iniciantes. Nesse caso o estudo adota um caráter mais específico, tendo como propósito claro o conhecimento da doutrina.<sup>230</sup>

O estudo é de tal importância para o Espiritismo que ele se mostra presente em todo o ritual espírita. Ele está, de maneira mais sutil, na fase inicial de toda reunião que é a preparação do ambiente, onde é lido e comentado um texto (ou somente um trecho) evangélico retirado de livros espíritas. O texto é lido e comentado por algum cooperador da casa, pois todo espírita deve estar apto a ler e fazer comentários sobre passagens de um livro espírita tanto para o público quanto para os seus pares. Tudo isso funciona como uma espécie de aprendizado e treinamento dessa técnica, que prepara o cooperador iniciante para as demais situações necessárias. Após essa breve introdução, segue-se uma prece proferida na penumbra, na qual os espíritos protetores e amigos da casa são evocados. Toda essa preocupação em preparar o ambiente tem por intenção afastar o pensamento das preocupações do dia-a-dia, para que se consiga um bom aproveitamento da reunião, das vibrações, energias e presença dos mentores espirituais além de propiciar a comunhão com o plano espiritual. Nessas sessões os espíritas adotam, como de praxe, uma postura de silêncio, concentração e recolhimento, na qual quem não está falando continua sentado, os olhos fechados, a cabeça levemente abaixada e apoiada nas mãos. Tal conduta deve ser adotada em toda e qualquer tarefa espírita, seja ela realizada em residência ou no centro.<sup>231</sup>

O estudo ainda aparece nas tarefas caritativas de assistência a famílias necessitadas, e reaparece na última parte das sessões mediúnicas quando, já com as luzes acesas, passam a examinar e a estudar as mensagens recebidas, as visões tidas, o comportamento e as dúvidas apresentadas pelos médiuns.<sup>232</sup>

Toda reunião espírita possui um dirigente que é o responsável pelo comando da passagem entre os diversos momentos rituais e da formulação das preces. Embora ele seja de extrema importância, é o expositor que aparece como a figura central nessas sessões. Dirigente e expositor ficam juntos em uma mesa em frente ao público. Sobre a mesa ficam o microfone, os livros de referência, jarra de água e copos e, em alguns centros, um vaso de flores. Logo atrás fica um quadro negro. Após a prece que conclui a preparação do ambiente, tem início o estudo, onde o expositor do dia lê um trecho previamente escolhido de alguma

---

<sup>230</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 72-73.

<sup>231</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 73.

<sup>232</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 73.

obra da codificação. Finda a leitura, o texto então passa a ser comentado verbalmente, podendo ainda ser reforçado com anotações no quadro negro. Os assuntos abordados são bastante variados, se referem ao sonho, a mortes prematuras, mortes coletivas, parentesco, orgulho, etc. O expositor deve conferir ao tema o seu toque pessoal, para que dessa forma, a palestra adquira um tom informal apesar de sua maneira sempre uniforme evidenciar um padrão e um aprendizado subjacentes. O bom expositor deve falar com firmeza, de maneira clara e devagar, pacientemente como se estivesse falando para crianças. Esse tipo de palestra permite o relato de casos pessoais e até a utilização do improviso, com algumas brincadeiras que possibilitam a participação do público por meio de risadas. Além das obras de referência utilizadas no estudo, são também mencionadas outras obras espíritas, fornecendo-se algumas vezes, referências bibliográficas precisas. Chegando-se a fase final do ritual é pronunciada nova prece e, então, segue-se o passe e a ingestão de água fluidificada para tranquilizar a mente e revigorar as energias, preparando as pessoas para o retorno a suas casas.<sup>233</sup>

O grupo de estudos também possui a imagem de um seminário teológico, já que nele se preparam expositores e divulgadores da doutrina através das atividades de reflexão e treino da retórica. Isso acarreta uma inflexão de padrões lingüísticos de expressão, o que pode ser comprovado em um enquadramento disciplinar da fala no tempo disponível. O expositor espírita é socializado no habitus de linguagem do grupo levando em conta três questões:

- 1) a necessidade de tornar comum qualquer trecho extraído de obras ou textos disponíveis, tendo por base um repertório de máximas e um conhecimento doutrinário, o que possibilita longos comentários sobre fragmentos escolhidos ao acaso.
- 2) a capacidade de se enquadrar no tempo ritual de diferentes tarefas, de modo a conseguir um discurso improvisado com início, meio e fim adequado a cada parcela de tempo disponível, o que é de grande importância já que a fala representa apenas um dos momentos das atividades espíritas.
- 3) a capacidade de variar a entonação da voz de acordo com os objetivos e resultados desejados em diversas situações, como a palestra, o discurso, a prece, o diálogo e a doutrinação, e no que diz respeito aos efeitos esperados, a edificação, a elevação, a exortação e a persuasão.<sup>234</sup>

---

<sup>233</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 74.

<sup>234</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 85-86.

O expositor é um pregador, pois ele transmite aos homens a verdade dos espíritos. Essa transmissão, por sua vez, é envolvida pelo plano espiritual já que o expositor, durante sua fala é amparado pelo mentor e por amigos espirituais do centro e os médiuns presentes são responsáveis por manter um bom ambiente, emitindo, por meio de suas preces individuais, da concentração e do pensamento no bem e em Cristo, energias positivas. Essa proteção recebida pelo mundo invisível é de fundamental importância, pois, para os próprios espíritos, o expositor é fortemente importunado e perseguido pelas trevas porque a mensagem que ele traz para os encarnados também reflete no plano espiritual. Essa transmissão que o expositor faz da verdade dos espíritos é mediada pelo conhecimento humano, ou seja, essa instância humana que se destaca no estudo é o que completa, de maneira essencial, o contato com o mundo invisível tal como os espíritos a valorizam.<sup>235</sup>

Diferentemente desse estudo já falado, há também outro que se dedica a explorar os pontos da doutrina que não foram totalmente revelados e que aparecem na codificação deixando em aberto diversas questões ou discutindo a relação entre a Doutrina Espírita e outras áreas do conhecimento como a Medicina, a Psicologia, o Direito etc., ou outras religiões.<sup>236</sup>

Para Maria Laura Viveiros Cavalcanti, é a partir desse tipo de estudo que vai surgir um personagem denominado por ela de “intelectual espírita”. A autora destaca que o Instituto de Cultura Espírita se dedica, de forma expressiva, a esse segundo sentido do estudo que consegue até adquirir uma relativa autonomia com relação às demais tarefas espíritas, ainda que continue subordinado ao conjunto desse sistema de crenças.<sup>237</sup>

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil tem por objetivo o estudo, a propagação e a defesa dos princípios espíritas. A instituição teve origem a partir da antiga Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (ICEB). Alguns de seus presidentes e expositores lecionavam na antiga faculdade. No ano de 1957, o grupo que fazia parte da faculdade, juntamente com novos membros, fundaram o ICEB. Devido a questões legais e fiscais, a palavra professor foi substituída pela palavra expositor, o que define o caráter do ICEB que se vê como uma instituição livre assim como as cátedras sempre o foram. Suas particularidades principais se encontram não apenas na forte valorização do conhecimento doutrinário, mas também do conhecimento em geral, e possui uma preocupação constante com a legitimação do

---

<sup>235</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 74.

<sup>236</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 75.

<sup>237</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 75.

Espiritismo como interlocutor digno das demais áreas de conhecimento, principalmente as chamadas ciências oficiais. A forma como suas atividades são organizadas demonstra, de forma explícita, a referência ao modelo escolar/universitário, pois a duração do seu ciclo de palestras é a mesma do ano letivo, existe um programa trienal onde o expositor é responsável por uma matéria, etc. Lá é um local para se estudar muito, apesar de não se receber nenhum certificado de conclusão.<sup>238</sup>

O espaço físico no ICEB é organizado de forma semelhante ao das reuniões doutrinárias no centro. O presidente da instituição e os expositores do dia sentam-se, como em muitos centros, em uma mesa sobre o palco, dispondo também de um microfone e de um quadro-negro. O presidente dá início à atividade com uma prece íntima e então segue a palestra. Os expositores adotam uma fala que não possui um conteúdo moral tão claro como no centro. Como a platéia é considerada mais selecionada, os expositores podem falar com maior liberdade, isto é, discutir o tema com maior profundidade, já que a fala é, em parte, uma forma de mostrar conhecimento não somente a respeito da doutrina como também de outras áreas do conhecimento. Com bastante frequência são feitas referências precisas a obras da codificação e de outros autores espíritas, assim como são citados autores de outras ciências como, por exemplo, Piaget (teoria do aprendizado), Vico (idéia de forças criadoras na História), Bérqson (intuição), Freud (teoria da libido e do inconsciente), Mendell (hereditariedade), e outros.<sup>239</sup>

Mas quem seria, de fato, esse intelectual espírita? Maria Laura Viveiros Cavalcanti explica que ele é também um expositor, porém com algumas distinções, uma vez que ele é considerado uma pessoa de renome no seu meio. O intelectual espírita viaja com frequência para conferências, apresenta palestras em diversos centros, escreve artigos em jornais espíritas e publica livros.<sup>240</sup>

O autor Emerson Giumbelli chama a atenção para o fato de que, no universo das instituições e adeptos do Espiritismo, existe a idéia de uma reflexão integral sobre os diversos assuntos discutidos. Ele demonstra isso abordando uma dupla situação: a do intelectual espírita que possui habilidade para discorrer sobre todo e qualquer assunto e a de um pensamento que submete todas as áreas do conhecimento a uma abordagem própria, incorporando-os a um saber de base espiritualista. É possível citar dois exemplos de espíritas

---

<sup>238</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 75.

<sup>239</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 76.

<sup>240</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 76.



prestigiados que exercem um tipo de erudição bastante peculiar, tratando de temas sobre os quais não possuem qualificações específicas. O primeiro é Chico Xavier<sup>241</sup>, famoso por suas obras mediúnicas e pelas mensagens de conforto dadas às pessoas que visitavam seu centro em Minas Gerais, e o segundo é Divaldo Franco, considerado como o personagem, depois de Chico Xavier, mais reconhecido do movimento espírita, seja na forma de médium, orador ou líder de uma instituição. Ainda que Divaldo Franco seja o responsável pela criação e manutenção de uma obra de caráter assistencial, nem ele, nem tampouco Chico Xavier, procuraram se especializar nessa área de assuntos e apesar disso, sempre foram convidados para falar sobre os temas que envolvem a miséria e as práticas assistenciais, o que faziam de forma muito à vontade.<sup>242</sup>

Além dessa erudição, existe também outra característica do pensamento produzido e exercitado pelos intelectuais espíritas. É que todas as faces do conhecimento, desde a física, passando pela medicina, psicologia, até a pedagogia e a sociologia, podem ser alvo de reflexão da Doutrina Espírita e o fator mais curioso disso tudo reside na maneira como se dá a relação com o saber ortodoxo, oficial ou acadêmico<sup>243</sup>. Comparando com intelectuais de outras religiões Giumbelli destaca que,

Os intelectuais e pensadores católicos e protestantes tendem a conferir maior respeito às fronteiras estabelecidas pelos saberes científicos à medida em que estes foram tomando territórios cada vez maiores da reflexão teológica. Quando se trata, por exemplo, de falar algo sobre a realidade social, recorre-se à Sociologia; sobre o corpo humano, a palavra é dada à Medicina, e assim por diante. O que pode dizer o teólogo, nessa situação, limita-se a dimensões que ele considera não contempladas pelos saberes ortodoxos, o que lhe dá legitimidade para tratar delas. O intelectual espírita, ao contrário, tende a não se limitar a uma reflexão propriamente doutrinária sobre assuntos metafísicos ou filosóficos. Os princípios de sua doutrina são aplicados aos vários campos de conhecimento e aos muitos territórios de realidade, e o esforço vai no sentido de demonstrar como cada um deles possui dimensões e causalidades espirituais, desprezadas pelo saber ortodoxo. Surgem, assim, a “medicina espírita”, a “pedagogia espírita”, a “sociologia espírita” – no limite, tudo pode ser abordado “sob uma perspectiva espírita”.<sup>244</sup>

---

<sup>241</sup> Antes de ser considerado uma espécie de santo popular, Chico Xavier foi responsável pela produção de uma obra de caráter profético e nacionalista, a partir de meados dos anos 30. Seus livros passaram a imagem da Doutrina Espírita como sendo uma religião culta, ligada ao cristianismo original, que dissemina a alta literatura e o hábito da leitura, tanto quanto o respeito ao saber científico e ao panteão da língua portuguesa (LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 92).

<sup>242</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade: assistência social e religião nas instituições espíritas**. Vol II. Rio de Janeiro. ISER, 1996, p. 90.

<sup>243</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade: assistência social e religião nas instituições espíritas**. Vol II. Rio de Janeiro. ISER, 1996, p. 90.

<sup>244</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade: assistência social e religião nas instituições espíritas**. Vol II. Rio de Janeiro. ISER, 1996, p. 90.

Essa idéia de reflexão integral torna-se possível uma vez que o Espiritismo foi apresentado por Kardec como uma “filosofia”, já que a doutrina possuía noções capazes de organizar todas as áreas do conhecimento humano em torno das descobertas das leis que regem os mundos, material e espiritual e das relações estabelecidas entre eles. Não obstante é também necessário ressaltar outro ponto que consiste nas práticas pelas quais os intelectuais espíritas são formados. No universo institucional espírita o aprendizado da doutrina se dá de forma bastante diferente da dos seminários, onde as pessoas recebem preparação intensiva para fazerem do exercício do sacerdócio ou do pastorado, ocupações prioritárias de suas vidas. No Espiritismo o aprendizado acontece de maneira intermitente e juntamente com as demais atividades cotidianas, como a profissional ou acadêmica. Nas instituições de formação católicas e protestantes o currículo abre espaços para o ensino segundo o conhecimento acadêmico (como sociologia da religião), o que não se percebe tanto na formação espírita. Nesta, como a convivência é praticamente com livros e exposições orais a respeito da doutrina para a qual está se convertendo, a abertura para conhecimentos e competências ortodoxos é bem mais reduzida. Pode-se então concluir que trata-se de uma prática de aprendizado que embora não necessite da ajuda ou da sustentação de saberes ortodoxos para se realizar, admite no futuro reintegrá-los por meio da atividade profissional do indivíduo (por exemplo, o médico que, convertido, passa a adotar a medicina espiritualista).<sup>245</sup>

Embora o estudo represente uma condição necessária e fundamental para a vida cotidiana do movimento espírita, e isso naturalmente envolve as práticas de escrita e leitura assim como o mercado editorial fortemente estimulado por essa corrente no Brasil, a função e importância do modelo letrado no kardecismo foram pouco exploradas como objeto de investigação específica dentro da literatura acadêmica. Isso causa um certo espanto uma vez que existe uma grande propagação de sua literatura, que se mostra determinada a promover a doutrina por meio de narrativas (ficcionais ou fatuais) de intervenção de espíritos no cotidiano e do lugar de destaque que ocupam o livro, a leitura e os comentários eruditos nas casas espíritas. A escrita é visível por todos os lados, nos quadros de aviso na entrada dos centros, nos murais de informações, nos livros de registro sobre as atividades administrativas e mediúnicas, nas mensagens distribuídas, nos jornais e boletins, no site da instituição e também no ritual da psicografia. Como podemos perceber o mundo letrado se faz presente em todo momento da vida ritual espírita, na simples presença física dos livros nos ambientes

---

<sup>245</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol II. Rio de Janeiro. ISER, 1996, p. 90-91.

rituais, na formação de bibliotecas pessoais e até mesmo nas atividades de leitura, doação e empréstimo de livros que são bastante corriqueiros na trajetória dos espíritas.<sup>246</sup>

Considerada uma religião de letrados, o Espiritismo confere um status diferenciado (juntamente com a caridade e as práticas rituais) à leitura e interpretação de uma bibliografia religiosa própria, que tem início com a chamada Terceira Revelação de Kardec, e que funciona como fonte de autoridade religiosa e constituição de identidades. Socializar-se na Doutrina Espírita significa familiarizar-se, estudar, falar bastante sobre os autores e obras canônicas, ou seja, entrar num universo de debate e reflexão totalmente dominado por uma tradição religiosa escrita e letrada.<sup>247</sup>

Tudo isso quer dizer que essa socialização no movimento espírita envolve a participação em palestras e grupos de estudos juntamente com as reuniões de desenvolvimento mediúnico, desobsessão e tarefas caritativas. E ainda é imprescindível ler e aprender a comentar diante de um público as mais variadas obras espíritas que se classificam em mediúnicas, não- mediúnicas, romances, poesias, dissertações e mensagens.<sup>248</sup>

Fica cada vez mais clara a noção de que a Doutrina Espírita, diferentemente das outras religiões, traz, desde sua conceituação de origem, uma atenção especial à questão do saber e do conhecimento. Como já dizia Kardec, a instrução espírita não abrange somente o ensinamento moral transmitido pelos espíritos, mas também o estudo dos fatos. Ela se encarrega da teoria de todos os fenômenos, da procura das causas e, conseqüentemente, da comprovação do que é possível e do que não o é. Cabe, portanto, à instrução espírita, a observação de tudo o que pode fazer a ciência avançar.<sup>249</sup>

Allan Kardec faleceu no ano de 1869, porém antes disso teve a oportunidade de realizar uma série de viagens pelo interior da França com o intuito de divulgar a doutrina e de formar e orientar sociedades de estudo.<sup>250</sup> Além disso, na França também foi criada uma Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec. Era uma sociedade científica, como tantas outras, que se dedicava em aprofundar os diversos princípios da ciência espírita, e buscava se esclarecer. Era o centro para onde se dirigiam as informações de

<sup>246</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 22.

<sup>247</sup> LEWGOY, Bernardo. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. In: **Horizontes antropológicos.** Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 255-282. jul./dez. 2004, p. 256.

<sup>248</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 23.

<sup>249</sup> KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** Araras, SP: IDE, 35ª edição, 1995, p. 389-390.

<sup>250</sup> GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.59.

todas as partes do mundo, e onde eram elaboradas e coordenadas as questões que se referiam ao progresso da ciência, no entanto não era uma escola e muito menos um curso de ensinamentos elementares.<sup>251</sup>

O estudo, então, constituído por um conjunto de práticas que repousa sobre a leitura, comentários, exposição de textos espíritas, na produção de artigos, apostilas e livros, na realização de debates, palestras e mesas redondas, é parte integrante de um complexo de valores que, desde Kardec, valoriza ao mesmo tempo a “razão” / “ciência” e a “religião” / “ética”, o que na visão espírita é fundamental para o desenvolvimento da mediunidade. Além de revelar a importância dada ao conhecimento formal neste domínio religioso, o estudo exercendo sua função de esclarecer e transformar, está presente em praticamente todas as tarefas espíritas, seja na preparação do ambiente para as reuniões, nas atividades caritativas, no “Evangelho no lar”, nas atividades mediúnicas ou nas próprias reuniões designadas de estudo.<sup>252</sup>

Segundo alguns autores, na França de Allan Kardec, a leitura do Livro dos Espíritos significava uma tomada de posição política (assim como a leitura da Bíblia na época da Reforma) e representava o acesso ao conhecimento bem como uma oposição ao conservadorismo da Igreja Católica e dos setores burgueses da sociedade. Isso tudo acabava por favorecer a construção de uma identidade laica e republicana. No Brasil, a alfabetização e o hábito da leitura ganham sentido bem diferenciado, pois representa um sinal de ascensão social, o que quer dizer que a habilidade de ler e estudar é a marca do pertencimento às camadas médias e altas.<sup>253</sup>

Dessa maneira, a ênfase no livro e na leitura satisfaria um desejo de reconhecimento e respeitabilidade social dos adeptos do Espiritismo brasileiro, ao mesmo tempo em que definiriam, por esta via, as fronteiras de seu culto perante as religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), que são religiões populares, de tradição oral, com quem frequentemente são confundidos.<sup>254</sup>

<sup>251</sup> KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Araras, SP: IDE, 70ª edição, 2007, p. 79-80.

<sup>252</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p.42-43.

<sup>253</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 54-55.

<sup>254</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p.55.

## 4.2 Os grupos de estudos

Tamanha importância dada ao estudo dentro do Espiritismo pode ser percebida, de forma evidente, em uma atividade de grande relevo que é o grupo de estudos. Essa atividade como qualquer outra tarefa espírita, pode apresentar algumas diferenças de um centro para outro. Em Juiz de Fora, o centro espírita FEAK (Fundação Espírita Allan Kardec) é um ótimo exemplo de instituição que se dedica de forma freqüente aos grupos de estudos. Em sua programação, geralmente os dias de terça-feira, quarta-feira, sexta-feira e sábado, oferecem, em determinados horários, essa possibilidade de estudo.

Na FEAK os grupos de estudos possuem duração e temas diferenciados. Os grupos podem durar semanas e até mesmo alguns anos, dependendo do que se propõe a estudar. Existem grupos que se dedicam ao estudo da obra completa de alguns autores, grupos que tratam de temas variados, existem grupos para capacitação de expositores, grupos que estudam as obras básicas do Espiritismo, e há até mesmo um grupo de reforço nutricional.

Segundo a coordenadora de um dos grupos, a idéia do grupo sobre reforço nutricional, surgiu como forma de se tentar acabar com conversas inúteis e improdutivas que poderiam prejudicar o bom ambiente espiritual do lugar. Aos sábados o centro distribui um jantar para a população carente. À tarde, durante a preparação do jantar, enquanto os alimentos ficavam cozinhando, os trabalhadores responsáveis pela tarefa ficavam ociosos, “jogando conversa fora” e, então veio a idéia de se reunirem com o objetivo de estudar e, conseqüentemente, transformar a atividade do preparo da comida em um momento envolto por pensamentos mais elevados e instrutivos. Isso demonstra claramente a noção que o espírita tem da necessidade do estudo, como forma não somente de obter maior instrução sobre determinado assunto, como também de possibilitar um desenvolvimento pessoal no sentido de evolução espiritual. Além disso, esse exemplo reforça a análise de que o espírita adota um tipo de conduta que lhe é peculiar e que preza pela discrição, pela sobriedade, pelo controle pessoal, pelo respeito e paciência para com o próximo, pela tolerância e outras atitudes que, em conjunto, representam o ethos espírita e, que certamente, de alguma forma lhe confere seriedade e status.

Os grupos de estudos apresentam um formato bastante acadêmico. As salas onde ocorrem os mesmos são equipadas com cadeiras e um quadro negro. Os encontros costumam ter duração de uma hora e a pontualidade é, de fato, exercida pelos coordenadores.

Em um grupo observado, cada participante que chega e entra na sala recebe uma mensagem. O expositor, que também é coordenador, solicita que alguém faça a leitura da mensagem e depois ele próprio realiza a prece do dia. A partir daí começa o estudo com o

expositor discorrendo sobre o assunto em questão, à medida que os participantes vão tecendo comentários de forma livre. Após toda a discussão sobre o tema, a tarefa é encerrada com uma prece de agradecimento pela oportunidade de estudo e esclarecimento do dia e com um pedido de proteção e boas vibrações para todos os presentes, seus amigos e familiares ausentes e, sobretudo, para os necessitados onde quer que se encontrem. Geralmente o início e o término dos estudos ocorrem da mesma forma, com a entrega de uma mensagem, a prece inicial, o desenvolvimento do estudo e a prece final. O desenvolvimento, porém, é que pode variar dependendo do que propõe o expositor do dia e até mesmo do grau de envolvimento e participação dos ouvintes. Por exemplo, em outro grupo observado, um dos facilitadores costumava levar textos diferentes para serem distribuídos em grupos formados na sala e após a leitura e discussão sobre o assunto, cada grupo apresentava para os demais suas conclusões acerca do texto e no final o expositor retomava o assunto tendo como auxílio as diversas opiniões dos participantes. Enfim, as variações na forma de expor o tema proposto podem mudar de grupo para grupo e também de centro para centro, mas no geral os grupos assumem, sem sombra de dúvida, um modelo escolar, fazendo uso inclusive de listas de presença.

Os centros espíritas possuem setores que são responsáveis pela organização dos grupos de estudos. Na FEAK esse setor é chamado de Departamento de divulgação doutrinária, o DDD. Para ser um coordenador de grupo é necessário já ser freqüentador da casa há um certo tempo e ter experiência como expositor, já que o coordenador de grupo de estudo também é um expositor. Cada coordenador/expositor recebe uma programação de cerca de três meses onde deve apresentar em torno de dois estudos por mês. Cada grupo de estudos, normalmente, conta com três coordenadores. É válido lembrar que a participação em um grupo de estudos, seja como coordenador ou inscrito, exige uma leitura prévia do assunto a ser discutido, ou seja, é necessário estudar e se preparar devidamente para o encontro com o grupo.

O autor Bernardo Lewgoy no que diz respeito ao grupo de estudos, o caracteriza como sendo responsável pela produção de identidades e estilos de atuação no Espiritismo:

O espaço de maior reflexividade na produção desta identidade é o grupo de estudos, onde há o maior relacionamento concreto entre fala, leitura e livros, mas também onde se processa a socialização e filiação a um certo modo de ser espírita dentro do movimento espírita. Estou afirmando com isso que há um nível interno de identidade que está estreitamente relacionado com o grupo de estudos de que se participa. Em recente conversa com o presidente do centro espírita que observo, a primeira questão a mim endereçada foi “de qual grupo tu estás participando?”, que

indicava uma intenção mapeadora de caráter primordial na identificação do interlocutor.<sup>255</sup>

Lewgoy analisa a interpretação da leitura como atividade identitária realizada pelo sociólogo francês François de Singly. Ele percebe que por meio de uma percepção bidimensional da leitura nos moldes do individualismo contemporâneo, esse autor separa as grandes linhas de construção da identidade social por esta atividade no ponto de vista do público e do privado. Na esfera pública, a leitura seria administrada por leis de mercado, que valorizam o saber acumulado, sendo, portanto, entendida como busca de conhecimento. No âmbito privado, a leitura dominada pelas relações sociais e pela afetividade, seria vivida como busca de si e liberdade, para se ter como resultado esperado dessa experiência o prazer da descoberta. A leitura de cunho religioso, segundo Lewgoy, não é integrada no texto de Singly, e o contexto do Espiritismo brasileiro mostraria que a descoberta de si e a busca de conhecimento são dimensões juntamente acionadas na leitura de obras espíritas, onde conhecimento e usufruto não são domínios separados.<sup>256</sup>

Analisando os processos de desencantamento do mundo na modernidade, nota-se que a leitura também se seculariza<sup>257</sup>, simultaneamente à ascensão do romance e à propagação da imprensa. É nesse contexto histórico e cultural que surge o Espiritismo, recuperando a idéia de leitura como exercício espiritual, não somente aplicada aos textos revelados, como também estendendo o processo de revelação aos próprios textos psicografados. Fazendo uso de instrumentos considerados seculares, como a ciência, o romance de folhetim, o romance histórico e temas românticos, como a relação entre amor e morte, o Espiritismo amplia o seu

---

<sup>255</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 71.

<sup>256</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 72.

<sup>257</sup> Entende-se por secularização, segundo Peter Berger, o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. No que diz respeito à história ocidental moderna, a secularização se manifesta na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência, como por exemplo, separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico. Em relação à cultura e símbolos, a secularização é mais que um processo socioestrutural, pois atinge a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, principalmente, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e completamente secular, do mundo (BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 119).

campo de atuação na literatura, anulando as fronteiras entre religião, arte e ciência e ressacralizando o seu relacionamento.<sup>258</sup> Lewgoy nos elucida ainda mais quando diz que,

Os epígonos de Kardec iniciaram este processo. Saliento Leon Denis, com o romance *Giovana*, incluído na obra “O por que da vida” e os romances assinados por Camille Flamarion, como “Estela”, “Narrações do infinito” e “Urânia”. Congruente com os processos presentes em Kardec à essa época importava pouco a identidade do autor ou do médium, todos os créditos ficando com o compilador da obra. Admitia-se pacificamente a relação hierárquica entre o autor compilador e o médium, estando o Espírito em segundo plano, salvo se fosse alguém com identificação histórica (São Luís, Platão, Santo Agostinho) ou um Espírito de importância progressivamente desvendada, como “O Espírito da Verdade”. Já no espiritismo brasileiro do século XX, a autoria é partilhada entre autor espiritual e médium, não restando espaço para incluir um terceiro assinando obra. Isso é um claro indício do crescimento da importância do médium bem como da consagração de uma determinada divisão de trabalho no kardecismo. O compilador de ontem torna-se, assim, o intelectual espírita de hoje, ou então o dirigente federativo que cumpre um papel editorial em relação aos manuscritos oriundos dos médiuns. Também as técnicas psicográficas se sofisticam. Chico Xavier psicografava sozinho ou em situações públicas rituais, sempre à mão. Zíbia Gasparetto psicografa em casa no computador, como relatado em recente matéria da Folha de São Paulo (02/03/97).<sup>259</sup>

Dessa forma, a ressacralização do secular que o Espiritismo produz, ataca primeiramente a autonomia da ciência, colocando-a a serviço da fé na obra de Allan Kardec. Para a Doutrina Espírita o patamar superior que administra o universo é de natureza teológica, porém as realidades espirituais e morais são consideradas como perfeitamente experimentais, por isso a possibilidade de utilização da linguagem cientificista de lei e de conhecimento, aplicada à religião. Como as verdades reveladas são tidas como independentes da fé religiosa, atingem indistintamente a toda a humanidade. Em segundo lugar, o ataque do Espiritismo ao mundo secularizado se dá na tentativa de reanexar a arte à religião, onde música, pintura e literatura são os pontos privilegiados de uma fala a respeito da necessária filiação espiritual das obras de arte.<sup>260</sup>

A literatura está sempre presente no universo espírita uma vez que a prática da leitura é exercida em praticamente todas as tarefas realizadas no centro. Nos grupos de estudos a

<sup>258</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 74.

<sup>259</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 74.

<sup>260</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 74-75.



leitura é a base da atividade, onde está em jogo uma vigilância constante da linguagem e da expressão utilizadas. Nesse ambiente uma atitude de seriedade é bastante valorizada. O Espiritismo segue uma representação do processo de instrução baseado num modelo próprio de escola e de aprendizado, adotando, inclusive, livros básicos e material didático. O objetivo fundamental desse tipo de educação é a representação de papéis sociais a partir da ética religiosa definida pelo grupo.<sup>261</sup>

O que se percebe é que as divisões entre religião e práticas de escrita e de leitura acompanham as outras divisões do campo religioso brasileiro, onde é produzida a divisão básica entre um campo popular e subordinado e um campo de elite e dominante. No primeiro, onde catolicismo popular, pentecostalismo e religiões afro-brasileiras representam as expressões principais, a ligação com a cultura escrita e com o letramento ainda é externa. Entretanto, a venda de Bíblias e a promoção de uma cultura bíblica juntamente com atitudes de racionalização econômica da vida, sem falar da própria procura dos evangélicos por escolarização (bem mais alta do que antes de sua conversão), já aponta para novas possibilidades de relação entre escrita e religião nesses setores.<sup>262</sup>

Quanto mais próximos e influenciados pela cultura escrita, no sentido da relação com o conjunto de valores e práticas que materializa a noção de uma cultura letrada, cultura de elite ou alta cultura, sobretudo no seu corolário de racionalismo e racionalização (caso do Espiritismo), mais se percebe a difusão da posse de um capital cultural em que o livro é apropriado de forma crítica, graças a um conhecimento escolar prévio. Na Doutrina Espírita, a autoridade (textual, espiritual e ritual) está sob o domínio de uma complexa associação de tipos de socialização e ação pedagógica e capital cultural internos e externos à participação no movimento espírita, sem falar também na mediunidade que é distribuída de forma desigual. Então, para o Espiritismo o prestígio acadêmico e profissional significam realmente fatores de atribuição de um valor extra ao intelectual espírita, o que pode ser constatado pela ostentação de currículos profissionais de autores em artigos, livros, jornais e congressos espíritas.<sup>263</sup>

---

<sup>261</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 85.

<sup>262</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 112.

<sup>263</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 113-114.

O kardecismo é uma das modalidades religiosas que mais valoriza e reforça a relação com a leitura sistemática e a interpretação de fatos da vida em termos de conhecimentos alcançados por meio da incorporação de sua doutrina pelo estudo. Ter freqüentado a escola, em suas diferentes inserções e graus possíveis, para muitos centros espíritas, significa a oportunidade de uma mínima integração do recém-chegado ao ambiente, que é formado por palestras doutrinárias, grupos de estudos e outras situações compostas por referências letradas, citação e comentários orais, comentários de fragmentos de obras espíritas escolhidos ao acaso ou de leitura sistemática das obras de Allan Kardec. Para ser então um participante do Espiritismo é necessário se inteirar de uma bibliografia determinada, mesmo que essa atividade de estudo e leitura não seja nem homogênea e nem distribuída de forma igual entre os membros e freqüentadores de centros. Nesse sentido, a Doutrina Espírita pode ser entendida como um segmento religioso que, de certa forma, seleciona membros das elites.

A valorização do estudo, portanto, está ligada a características estruturais desse sistema de crenças. É muito importante, e necessário, que o homem estude e conheça, participe em sua condição humana e menor dessa Verdade que é transmitida gradualmente pelos espíritos, pois o estudo eleva o homem, proporciona-lhe firmeza e segurança, tornando-o assim, digno dos espíritos. A Doutrina Espírita então, procura desenvolver e estimular em seus seguidores, um gosto pelo conhecimento e pela leitura, enfim, procura despertar nos mesmos uma verdadeira ânsia de saber.<sup>264</sup>

### 4.3 Produção literária e Mercado editorial

Cada livro tem uma vontade de divulgação, dirige-se a um mercado, a um público, ele deve circular, deve ganhar extensão, o que significará apropriações mal governadas, contra-sensos, falhas na relação entre o leitor ideal, mas no limite singular, e de outra parte o público real que deve ser o mais amplo possível.<sup>265</sup>

Nossa intenção ao falarmos da literatura espírita é a de fornecer um panorama geral acerca da importância do livro para o Espiritismo, abordando, de forma superficial, alguns tipos de leituras espíritas e informando de que maneira esse mercado editorial se desenvolveu. Não iremos nos ater a maiores detalhes, como por exemplo, os diferentes modelos de linguagem escrita que são utilizados, os temas que se apresentam de forma mais frequente, a

<sup>264</sup> CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa o espiritismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 76-77.

<sup>265</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 245.

oposição entre oralidade e escrita, e, nem tampouco a classificação da literatura espírita. Para um estudo mais aprofundado e detalhado sobre o assunto é interessante consultar os trabalhos de Stoll (1999) e Lewgoy (2000).<sup>266</sup>

O autor Bernardo Lewgoy destaca uma passagem da obra *La Table, Le Livre et Lês Esprits*, dos autores Marion Aubrée e François Laplantine que discute o valor capital da escrita para o Espiritismo destacando, inclusive, o grande sucesso editorial da literatura espírita no Brasil, já que no período de algumas décadas milhões de exemplares foram vendidos. Os autores destacam a importância da escrita e da leitura para a identidade espírita quando relatam que atualmente a prática da leitura é a característica principal do Espiritismo, e que agora, quem está no centro do desenvolvimento da doutrina é o livro e não mais a mesa.<sup>267</sup>

Considerada como um acessório na transmissão das idéias, práticas e valores divulgados pelas diversas correntes que participavam do chamado Espiritualismo Moderno, a produção literária se transformou em um importante suporte à propagação do movimento espírita.<sup>268</sup>

As primeiras publicações brasileiras aconteceram ainda na época em que Kardec escrevia alguns dos seus principais títulos doutrinários. Traduzidas para o português, essas obras começaram a circular no Brasil logo depois. Nesse período, a Livraria Garnier, principal editora da cidade do Rio de Janeiro, lançou o primeiro título, *O Livro dos Espíritos*, no ano de 1875. De acordo com o autor Ubiratan Machado, a reação da imprensa local foi de total rejeição, mas por outro lado, enquanto os intelectuais se mostravam racionalistas e céticos, o povo, desejoso por soluções mágicas consumiu de forma rápida a publicação. Isso pode ser comprovado pelo fato da editora Garnier ter lançado no mesmo ano mais duas obras de Allan Kardec, *O Livros dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno*.<sup>269</sup>

Após esse investimento no setor editorial, o Brasil alcançou uma posição de destaque no cenário internacional. Segundo um conhecido jornalista da época, João do Rio, por volta do ano de 1900 circulavam no mundo noventa e seis jornais e revistas espíritas, sendo que

---

<sup>266</sup> Para maiores informações sobre a questão do livro religioso no Brasil, ver também LEWGOY, Bernardo. **O livro religiões no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos.** Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.51-69, outubro de 2004.

<sup>267</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p.54.

<sup>268</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil.** Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 18.

<sup>269</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil.** Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 38.

cinquenta e seis deles eram editados por toda Europa e dezenove somente no Brasil. Essa importante posição brasileira foi mantida durante todo o século XX, sobretudo depois do fenômeno Chico Xavier.<sup>270</sup>

A literatura espírita hoje no Brasil representa um importante segmento no mercado de livros. Há um universo de milhões de leitores que anualmente compram e lêem os livros psicografados por Chico Xavier<sup>271</sup>, Zíbia Gasparetto e Vera Lúcia de Carvalho, que estão entre os médiuns mais famosos do país. A imensa popularidade desta literatura apenas se compara às obras dos escritores campeões de vendas no Brasil.<sup>272</sup>

Para termos uma idéia melhor acerca desse sucesso, basta pegarmos como exemplo o livro “Violetas na Janela”, psicografado por Vera Lúcia de Carvalho (ed. Petit) que conseguiu atingir a cifra de duzentos e setenta e cinco mil exemplares vendidos entre os anos de 1994 e 1995, segundo Lewgoy. Esse número é de causar admiração se levarmos em conta que o Brasil é considerado um país onde o hábito da leitura é pequeno e as tiragens das editoras alcançam, normalmente, cerca de poucos milhares de exemplares. O livro “Nosso lar”, psicografado por Chico Xavier, com certeza o principal escritor mediúnico do Brasil, foi editado pela primeira vez em 1944 e ao completar cinquenta anos ganhou uma edição comemorativa de um milhão de exemplares. Assim como os livros de Chico Xavier (que possui cerca de 400 obras), também os de Divaldo Franco, Zíbia Gasparetto e Ivone Pereira estão presentes em qualquer livraria espírita do país, o que demonstra e confirma a popularidade desse tipo de literatura.<sup>273</sup>

Segundo informações atuais da FEB, seu Departamento Editorial conta com um catálogo de mais de 400 títulos que somam quase 40 milhões de volumes vendidos. Todas as obras são inspiradas na Codificação Kardequiana: romances, mensagens, contos, crônicas, textos científicos e filosóficos. São quase 39 milhões de obras, 160 autores, mais de 15 milhões de livros de Allan Kardec, títulos traduzidos para o espanhol, francês, inglês, esperanto e húngaro.<sup>274</sup>

<sup>270</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil.** Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 38.

<sup>271</sup> Para saber mais sobre Chico Xavier e sua influência na cultura do Brasil ver LEWGOY, Bernardo. **O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos.** Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.51-69, outubro de 2004.

<sup>272</sup> LEWGOY, Bernardo. **A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-88, junho de 1998.

<sup>273</sup> LEWGOY, Bernardo. **A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 95-96, junho de 1998.

<sup>274</sup> Cf. em <http://www.febnet.org.br/site/livros>

O livro mais vendido é o Evangelho segundo o Espiritismo com 3.878.000 exemplares. Os livros psicografados por Francisco Cândido Xavier ultrapassam 18 milhões em vendas. Destes, Nosso Lar, ditado pelo Espírito André Luiz, superou a marca de 1,6 milhão de exemplares. Outros autores, pensadores brasileiros e europeus dos séculos XIX e XX e livros infantis, correspondem a mais de 13 milhões de exemplares. A FEB comercializa uma parte dos livros e a outra é doada para instituições espíritas, já que, segundo a federação, sua prioridade consiste em dar apoio ao Movimento Espírita.<sup>275</sup>

Lewgoy informa, segundo os autores Aubrée e Laplantine, que as vendas das obras de Allan Kardec no Brasil, num período de poucas décadas, alcançaram o patamar de vários milhões de exemplares. Esse fenômeno está relacionado ao sistema de representações e práticas do Espiritismo, tanto em seu berço francês quanto na sociedade brasileira.<sup>276</sup>

Portanto, o Espiritismo é, em grande parte, uma religião do livro e da leitura. A própria frequência ao centro espírita implica numa relação bastante intensa com a literatura, a qual possui um estatuto singular que se relaciona com a construção da autoridade das mensagens escritas e que a própria escrita mediúnica já nasce com um objetivo doutrinal dentro de uma experiência fortemente ritualizada, que é a psicografia.<sup>277</sup>

Bernardo Lewgoy, embasado em um artigo do autor Luis Eduardo Soares, analisa a psicografia que é um rito a partir do qual se produz a escrita mediúnica. De acordo com Lewgoy, Soares, em seu trabalho, atenta para duas importantes situações. A primeira delas é sobre o estatuto do ritual psicográfico, assimilado ao campo do sacrifício, onde o objeto sacrificado é a própria individualidade do médium, sendo esta a responsável pela eficiência do ritual. A segunda situação se dá quando o autor introduz analogias entre a psicografia e as teorias artísticas da tradição romântica, fundadas nas noções de contágio e inspiração, que insinuam a transcendência da individualidade no ato criador. No romantismo o ato de criação tem o artista como médium de um estado afetivo ou espiritual distante de sua dimensão consciente e planejada, como se fosse um “outro” inconsciente da etapa de criação. Assim acontece na psicografia, pois é também um “outro” que se insinua transcendendo a individualidade do médium em instantes de inspiração. De qualquer maneira, apesar da produção de mensagens não acontecer de forma desregrada e espontânea de estados da alma, ela se inclui numa experiência ritualizada e codificada pela tradição kardecista. Já no Livro

---

<sup>275</sup> Consultar: <http://www.febnet.org.br/site/livros>

<sup>276</sup> LEWGOY, Bernardo. **A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 96, junho de 1998.

<sup>277</sup> LEWGOY, Bernardo. **A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 97, junho de 1998.

dos Espíritos, Kardec dedicou um capítulo para a escrita psicográfica, conferindo-lhe um lugar privilegiado dentre os tipos de comunicação espiritual. No universo espírita, as reuniões quase sempre possuem um momento de escrita psicográfica, onde os médiuns recebem mensagens de espíritos superiores, também chamados de espíritos de luz. Esse lugar privilegiado que a escrita ocupa no Espiritismo, remete à oposição entre o oral e o escrito<sup>278</sup> que se percebe dentro de seu sistema de representações, oposição hierárquica que confere o seu sentido a partir da escrita adotada como valor e das representações e práticas criadas na superioridade da cultura letrada. É comum os espíritos superiores se manifestarem por meio de mensagens escritas (ainda que esta não seja a única forma de comunicação), ao contrário dos chamados espíritos obsessores ou de pouca luz, que se manifestam sobretudo no plano oral, isto é, através da fala. Soares então, segundo Lewgoy, deixa evidente que a Doutrina Espírita pode ser entendida não somente como uma religião do livro, mas também como uma orientação religiosa que enfatiza as práticas de leitura e de escrita como um componente essencial de sua identidade.<sup>279</sup>

Em relação à sugestão de Soares sobre o papel da inspiração romântica na concepção kardecista, Lewgoy chama a atenção para uma reelaboração desta vertente literária no Espiritismo, que apaga os vestígios de uma expressão de estados mentais obscuros para se prender num “outro” codificado, criando uma relação de dependência entre o médium instrumento e o espírito que transmite a mensagem. Nessa relação mediúnica, maior será a expectativa de sucesso da psicografia se ela acontecer de forma menos desregrada e mais sob o controle ritual, porque a psicografia, mesmo que se deixe influenciar por uma certa participação no ramo literário, possui o seu fio condutor de articulação sustentado mais pela idéia de revelação do que pela glamurização romântica do escritor.<sup>280</sup> Isso quer dizer que,

é mais fácil entender a psicografia se atentarmos para a dimensão religiosa, que deita raízes na redação bíblica, do que se nos fartarmos de comparações com a intuição literária.<sup>281</sup>

---

<sup>278</sup> Para maiores detalhes sobre essa questão consultar o capítulo I de LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000

<sup>279</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 118-120.

<sup>280</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 120.

<sup>281</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 120.

As conexões românticas entre doença, amor e morte, também se encontram nos romances mediúnicos, mas a linguagem e o gênero literário escolhidos passam por uma instrumentalização ao transmitirem a Doutrina Espírita em relatos narrativos. Assim, a partir de uma teoria da inspiração com base no Romantismo, o kardecismo ressignificou os seus temas e suas habilidades narrativas, como o fez com a literatura de folhetim, apresentando coerência na relação entre linguagem e pensamento nesta religião, produzindo um tipo de “romance de tese” kardecista. É bom lembrar que nesse tipo de romance os descomedimentos das paixões, são aos poucos substituídos pelo estabelecimento de relações de causa e efeito baseados nas noções espíritas de carma, dívidas, faltas, missões, resgates e programação divina.<sup>282</sup>

As principais características da concepção de um romance de tese doutrinário são:

- 1) Uma obra de um autor espiritual – supõe que o autor tenha tido uma identidade terrestre na encarnação anterior. Por exemplo, o espírito de André Luiz que transmite suas mensagens ao médium Chico Xavier.
- 2) Um médium de grande credibilidade – é necessário que sua vida pessoal exemplifique modelarmente os valores e o ethos espírita, no que diz respeito às faculdades de que é dotado, ou seja, as suas capacidades mediúnicas, e também à sua história de vida.
- 3) Um texto que movimente um agrupamento de códigos lingüísticos, discursivos e narrativos que registre na forma escrita uma tradição bibliográfica e erudita, presente, principalmente por meio de uma cultura da citação e do comentário, isto é, de uma competente dinâmica intertextual. O leitor é estimulado a ver o texto como parte de um todo organizado, de um cânone que já conhece.<sup>283</sup>

Junto à autoridade de mensagens de cunho moral aparece, desde a época de Allan Kardec, um conjunto de narrativas que confirma, por meio de testemunhos biográficos de espíritos, os motivos para as dores e as alegrias sofridas em vida, assim como as diversas

---

<sup>282</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 120-121.

<sup>283</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 136-137.

condições em que se encontram após a morte, sendo esta a raiz religiosa e narrativa dos romances mediúnicos.<sup>284</sup>

O autor Bernardo Lewgoy vai ainda mais fundo nessa análise do romance mediúnico quando nos informa que este implica em uma especialização da mediunidade, coroada por várias crenças acerca da origem da missão do médium que psicografa. Existem, inclusive, alguns livros espíritas que tratam essa questão, como por exemplo, o livro *Devassando a mediunidade* (1963), da médium Yvone Pereira. Nessa obra os textos, ou produtos de qualquer atividade intelectual ou artística, podem ser classificados como anímicos ou mediúnicos. As obras anímicas são provenientes da individualidade livre do artista, e as mediúnicas se originam de forma direta, sob transe ou de forma indireta, sob inspiração, porém, é bastante perceptível um claro privilégio da comunicação espiritual nas explicações espíritas a respeito da origem da obra de arte. De qualquer forma, a literatura psicografada tem como função anunciar verdades, pois para os adeptos da Doutrina Espírita ela é entendida como um instrumento a serviço da revelação, através do qual, ensinamentos e mensagens são transmitidos ainda que o meio utilizado seja o romance.<sup>285</sup>

A partir dos anos 60 surge um novo formato editorial associado a uma tentativa de tornar popular a linguagem empregada nos livros espíritas. Isso ocorre devido à popularização da literatura e da linguagem de Chico Xavier que começou a ganhar força com a publicação de mensagens de mortos pertencentes a famílias que iam à cidade de Uberaba, em Minas Gerais, na tentativa de conseguir uma comunicação com o ente falecido. O sucesso desse tipo de obra, de mensagens ou testemunhos, permanece ainda nos dias de hoje.<sup>286</sup>

Após esse período e, principalmente, depois dos anos 80, percebe-se uma propagação do Espiritismo em direção a um público de camadas médias, muitos dos quais nem ao menos cultivavam o hábito da leitura. Esse movimento, que se mistura com o período de redefinição das grandes linhas do mercado editorial no Brasil, se deu juntamente com uma adequação da linguagem e do formato dos livros. Nesse contexto aparecem editoras como a Petit, criada em 1982, que adotando uma linguagem bem mais simples e ágil, se comparadas ao padrão mais puro da FEB, encaixam-se no objetivo de alcançar o leitor não-espírita e medianamente

<sup>284</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 121.

<sup>285</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 121-122.

<sup>286</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 124.



letrado. Percebemos então, que acontece de fato uma mudança, pois se no período anterior o romance espírita agregava as funções de instruir e consolar, com os anos 80, além disso tudo, o romance espírita passa a apresentar a função de entreter como legítima em sua proposta literária.<sup>287</sup>

Assim, pode-se dizer que a divulgação do livro espírita ocorre concomitantemente a um significativo aumento na quantidade de editoras e de uma modernização popularizante de sua linguagem, o que faz com que um público maior seja atingido. Esse público, porém, não deixa de se espelhar na doutrina, mas modifica o seu perfil de leitura, não mais identificado somente com o estilo literário corporificado nas obras mais antigas de Chico Xavier. É claro que ele ainda é o grande consenso do Espiritismo no Brasil, sendo, inclusive, o nome mais citado nos centros espíritas, depois de Allan Kardec e antes de Divaldo Franco. De qualquer forma, o leitor pode conduzir sua leitura começando, por exemplo, com *Violetas na Janela* e passando para o *Nosso Lar* sem que se perceba mudança no conteúdo, mas sim na linguagem, o que indica que existem diversos modelos de linguagem escrita que, no entanto, sustentam um conteúdo doutrinário comum.<sup>288</sup>

É relevante destacar, de uma maneira geral, de que forma é realizada a leitura dos romances mediúnicos. Estes são lidos e entendidos como representações fiéis de uma dimensão espiritual, que não somente possui a mesma realidade da crença do público leitor como também incute profundidade a esta crença. Esse tipo de leitura pode, inclusive, representar uma etapa de adesão a um sistema de significados onde todas as esferas da vida do converso vão, gradativamente, ganhando novo sentido à luz desta crença.<sup>289</sup>

A leitura espírita é diferente de outros tipos de literatura, pois não se lê um livro como *Nosso Lar* da mesma forma como se leria Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Clarice Lispector ou Paulo Coelho. Ainda que casualmente os leitores sejam os mesmos, o horizonte de referência e as questões direcionadas aos gêneros são distintos. O público de romances espíritas busca a continuidade literária de um tipo de vivência relacionada à cosmologia própria do Espiritismo, ou seja, que dê um maior enfoque a realidade da vida após a morte, reencarnação e a confirmação da vigência das leis morais que regem o universo

<sup>287</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 124-125.

<sup>288</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 125-126.

<sup>289</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 152.

espírita, sem, contudo, desagregar o prazer literário da busca de um aprendizado esclarecedor, que contribua para enriquecer a identificação com este sistema religioso, utilizando para isso um tipo de literatura na qual se busca a verossimilhança e não a riqueza literária ou a inovação formal.<sup>290</sup>

Como já foi mencionado anteriormente, a relação do Espiritismo com a cultura letrada se faz perceber desde os tempos em que a doutrina chegou ao Brasil no século XIX. Suas práticas, a princípio disseminadas entre a elite imperial, aos poucos foram se espalhando para outras camadas da população, principalmente nos segmentos médios urbanos das grandes e médias cidades brasileiras, atraindo especialmente profissionais do serviço público, como funcionários e militares de carreira, e se estendendo para alcançar, sobretudo, advogados e médicos. De acordo com Lewgoy,

Pessoas que podiam ler e comprar livros e jornais, necessários à uma participação nas atividades espíritas, que sempre incluiu a mediunidade psicográfica e receitista, bem como a discussão das obras de Kardec entre suas tarefas. Trata-se historicamente de uma religião de letrados, ou de pessoas que passaram pela escola.<sup>291</sup>

Assim, pode-se concluir, que a literatura espírita, dimensão essencial da cultura e do movimento religioso kardecista no Brasil, é de grande importância para o movimento espírita, pois além de fomentar uma grande discursividade junto ao seu público leitor, também desempenha o papel de manter e difundir o Espiritismo no país.<sup>292</sup>

---

<sup>290</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 149.

<sup>291</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 115.

<sup>292</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 152.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Espiritismo é uma opção religiosa típica de classes médias urbanas, que enfatiza o saber letrado e a formação erudita, valorizando a todo o instante as práticas de estudo e leitura. O público espírita é o mais escolarizado entre as religiões de maior expressão nacional, movimentando um forte mercado editorial que conta com um grande número de editoras, nacionais e regionais, antigas e novas. Seus livros encontram uma boa aceitação, inclusive entre o público não-espírita, podendo ser encontrados em livrarias próprias, livrarias comuns, bancas de revistas e postos de venda de livros em centros espíritas.<sup>293</sup>

Francisco Cândido Xavier psicografou livros por mais de sessenta anos. No ano de 1993 deu por encerrada a sua carreira editorial contabilizando um total de 378 títulos publicados. Todas as suas obras foram reeditadas, alcançando um patamar de vendas que supera a média nacional. Portanto, antes mesmo do boom editorial dos livros de auto-ajuda, anjos, tarô, astrologia, cabala etc., os livros psicografados por Chico Xavier já eram considerados best-sellers.<sup>294</sup>

A vida após a morte é um tema recorrente nas obras espíritas. Apesar de não se tratar de uma invenção do Espiritismo, compõe uma das teses fundamentais de sua doutrina. De qualquer maneira, não deixa de ser original a forma pela qual a teoria da imortalidade da alma se insinua no Espiritismo, já que este sustenta essa crença tendo por base a manifestação direta dos espíritos. Isso se dá através de fenômenos físicos (produção de sons, deslocamento de objetos e materialização de espíritos) ou através de formas mais complexas de comunicação, como por exemplo, a manifestação oral, escrita e artística. Allan Kardec atribuía função doutrinária a essas manifestações dos espíritos, mas dentre elas, considerava a escrita como a mais eficiente na transmissão de valores morais.<sup>295</sup>

A literatura espírita, então, carrega em si diversas funções que vão do proselitismo à iniciação, da formação de identidades sociais à produção de diferenças, dentro e fora do

---

<sup>293</sup> LEWGOY, Bernardo. **O livro religioso no Brasil recente**: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.51-69, outubro de 2004, p. 56.

<sup>294</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 67.

<sup>295</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 67.

movimento espírita. Literatura, texto e escrita exercem um papel de fundamental importância para a socialização e o cotidiano dos adeptos do Espiritismo.<sup>296</sup>

Na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade, cada vez mais acontece por meio de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade. Dessa forma, a viagem, como bem denominou o autor Gilberto Velho, pode se dar internamente a uma sociedade específica diferenciada, sem que isso signifique, necessariamente, um deslocamento geográfico, mas, principalmente um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de ethos ou, até mesmo, entre papéis sociais do mesmo indivíduo.<sup>297</sup>

Giumbelli, em um artigo que analisa a contribuição do autor Clifford Geertz para o estudo da religião, lembra que para Geertz a religião articula duas dimensões que estão presentes em todo e qualquer grupo e de acordo com as especificidades pelas quais cada uma das culturas se estabelece. Uma é a visão de mundo, que remete para a metafísica, a cosmologia e a ontologia, ou seja, para as noções mais abrangentes sobre ordem. A outra dimensão é o ethos, que evoca os valores, o estilo de vida e as disposições morais e estéticas. A religião então, se encarrega de fundir essas duas dimensões fazendo com que elas se confrontem e se confirmem mutuamente.<sup>298</sup> A partir daí,

o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica. Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser, além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta.<sup>299</sup>

<sup>296</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese de Doutorado – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 23, 24 e 27.

<sup>297</sup> VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p.20.

<sup>298</sup> GIUMBELLI, Emerson. Geertz: a religião e a cultura. In: TEIXEIRA, Faustino (Org). **Sociologia da religião: enfoques teóricos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 208-209.

<sup>299</sup> GEERTZ, Clifford. "Ethos", Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 144.

É possível então, perceber que essa grande valorização do estudo, com grande incentivo a leitura, faz parte, juntamente com outros aspectos, da construção e manutenção desse ethos e visão de mundo tão cultivados pelos espíritas.<sup>300</sup> Esse ethos de discrição, seriedade, controle, intelectualidade e paciência é o que, de fato, serve para diferenciar o Espiritismo de outras religiões mediúnicas, conferindo a ele, inclusive, certo status social.

Se nos reportarmos a Cândido Procópio de Camargo, veremos que em sua opinião, o Espiritismo, além de representar a idéia de evolução moral e doutrinária, significa também um caminho para que o indivíduo consiga alcançar melhor status e ascender socialmente.<sup>301</sup>

Em Juiz de Fora, nos dias de hoje, o Espiritismo é responsável por colocar em evidência algumas pessoas, pois afinal de contas, ser espírita é uma forma de ser também um intelectual. Para alguns adeptos, esse sistema religioso realmente representa status, pois faz com que eles se tornem reconhecidos e dignos de serem consultados por outras pessoas acerca dos mais variados assuntos.<sup>302</sup>

De acordo com depoimentos de espíritas juizforanos prestados à Simone Oliveira, a classificação do Espiritismo como uma doutrina de elite existe basicamente em decorrência do fato de que esta camada social sempre teve acesso ao mundo intelectual, freqüentando as melhores escolas, sobretudo no período do final do século XIX e princípio do XX. Apesar disso, os adeptos da Doutrina Espírita acreditam que aqueles que não fazem parte da elite, mas se esforçam e estudam, conseguem sim vir a ser grandes espíritas. Na realidade, a dificuldade em se chegar às camadas sociais menos ilustradas é motivo de preocupação para os espíritas que temem pela divulgação distorcida da sua doutrina.<sup>303</sup>

Nos últimos anos houve uma dedicação mais intensa ao trabalho de propagação do Espiritismo nos bairros mais afastados do centro da cidade mineira. Isso aconteceu no intuito de atender ao interesse dos centros espíritas, já conhecidos e devidamente estabelecidos, de

---

<sup>300</sup> Nos dois centros observados, quando precisei conversar com os responsáveis para informar sobre a pesquisa, ficou evidente, em ambos os casos, uma grande necessidade por parte da pessoa que me atendeu, de demonstrar profundo conhecimento sobre a Doutrina Espírita e também sobre fatos atuais. Era como se eu estivesse assistindo a uma aula, já que essas pessoas demonstravam conhecimento inclusive no campo de pesquisas acadêmicas, chegando mesmo a me dar sugestões quanto ao trabalho. O tema da importância e da necessidade do homem de se instruir estava sempre presente durante as conversas.

<sup>301</sup> CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973, p. 172.

<sup>302</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 153.

<sup>303</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 153-154.

expandir a divulgação da sua doutrina, porém sempre com o cuidado de procurar manter uma certa uniformidade para o movimento espírita de Juiz de Fora.<sup>304</sup>

Essa popularização do Kardecismo obteve grande êxito com o modelo de Espiritismo de Chico Xavier, ainda que a religião continuasse a ser dominada, em sua maioria, por segmentos intelectualizados da população. Chico Xavier conseguiu atingir as pessoas que faziam parte de uma religiosidade popular, marcada pelo catolicismo, pela benzeção e pelos cultos afro-brasileiros, e que não dispunham de recursos culturais e simbólicos que lhe favorecessem criar uma identidade espírita, mesmo que já fizessem uso dela como recurso de cura.<sup>305</sup>

O modelo de Chico Xavier ofereceu uma alternativa religiosa de pertencimento à sociedade brasileira com uma plena identificação com símbolos laicos de ordem, como a nação, bem como com estratégias de prestígio e distinção ligados à posse de um capital cultural que valorizava a leitura, o estudo, a erudição e a ciência de tanto valor nas sociedades contemporâneas. Ele permite ao fiel viver a integridade de uma relação com um ethos religioso tradicional pleno de hierarquias, mediações, súplicas a santos, mas também sentir-se participando do mundo da alta cultura, dos saberes escolares, da erudição e dos conhecimentos científicos, ou seja, tudo aquilo que goza da reputação que a educação confere.<sup>306</sup>

É por isso que acertadamente se fala que o Espiritismo é uma religião dos livros, da leitura e da escrita, ou seja, uma religião intensamente relacionada com a cultura letrada. Pensamos então, que essa importante característica do universo espírita, mereça ser alvo de maiores estudos e investigações, já que apresenta um leque variado de possíveis interpretações e análises. A intenção primeira desse trabalho foi exatamente a de mostrar, através de um panorama geral, que diferentemente de outras religiões também letradas, a Doutrina Espírita consegue se sobressair no que diz respeito à valorização da prática do estudo e da instrução, fazendo com que essa atitude, com certeza, lhe confira uma identidade peculiar.

<sup>304</sup> OLIVEIRA, Simone G. de. O espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima R. Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 154.

<sup>305</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 221.

<sup>306</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 222.

Vale lembrar que o crescimento do Kardecismo não significa um boom, como é o caso dos evangélicos, mas é parte importante do desenvolvimento da pluralidade religiosa brasileira representando, inclusive, um de seus principais símbolos.<sup>307</sup>

Isso reforça o fato de que o fundamental não é ter conhecimento de quantas pessoas na sociedade brasileira se declaram publicamente como espíritas, umbandistas, católicos etc., mas ter a capacidade de perceber o significado desse conjunto de crenças e, conseqüentemente, a sua importância para construções sociais da realidade em nossa cultura.<sup>308</sup> De qualquer maneira, sejam quais forem os motivos e os sentidos do crescimento dessa doutrina, não se pode deixar de constatar que o Espiritismo demonstra sinais de renovada vitalidade no campo religioso do Brasil atual.<sup>309</sup>

Diante de tudo que foi dito, podemos concluir que embora o Espiritismo seja considerado uma doutrina intelectualizada, não quer dizer que não se possa fazer parte do mesmo sem que necessariamente se mergulhe em sua cultura letrada. Ao contrário, existe uma variedade de formas de crer e participar desse movimento, mas não há como explorar as possibilidades mais valorizadas de participação no Espiritismo sem adquirir um certo cultivo literário, pressuposto na prática de leitura das obras espíritas. Nesse sentido, mesmo não construindo escolas espíritas a Doutrina Espírita consegue trazer a escola para dentro de si, estimulando os hábitos e valores implicados por essa singular ênfase na mediação letrada.<sup>310</sup>

---

<sup>307</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 178.

<sup>308</sup> VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crença, In: **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999, p. 54.

<sup>309</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 178.

<sup>310</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p. 342.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. Organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CAMPOS, Iriê Salomão de. **Elo de amor:** vida e obra de Isabel Salomão de Campos. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 2006.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. “**Lê livre dès esprits**” na **Manchester Mineira:** A modernidade do Espiritismo face ao conservadorismo Católico nas primeiras décadas do século em Juiz de Fora. RHEMA, v. 4, n. 16, p. 199-223. 1998.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Fora da caridade não há religião!** Breve história da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Locus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v.7, n.1.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível:** cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.



DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GEERTZ, Clifford. “Ethos”, visão de mundo e a análise de símbolos sagrados. In: \_\_\_\_\_ **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol. I. Rio de Janeiro. Núcleo de Pesquisa/ ISER, 1995.

GIUMBELLI, Emerson. **Em nome da caridade:** assistência social e religião nas instituições espíritas. Vol. II. Rio de Janeiro. ISER, 1996.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

\_\_\_\_\_. Clifford Geertz: a religião e a cultura. In: TEIXEIRA, Faustino (Org). **Sociologia da religião: enfoques** teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JÁCOME, Oscar Fernando Junqueiro. **A doutrina põe ordem na desordem:** o espírito da cura na “benzeção espírita” da associação espírita Padre Antônio Vieira. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora 1999.

KARDEC, Allan. *A gênese:* os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília, DF, Federação Espírita Brasileira, 36ª edição, 1995.

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno.** Tradução de Manuel Justiniano Quintão. Brasília, DF, Federação Espírita Brasileira, 40ª edição, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

LEWGOY, Bernardo. **A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita.** Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-113, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Includidos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horizontes antropológicos.** Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 255-282. jul./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **O grande mediador:** Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os espíritas e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O livro religioso no Brasil recente:** uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.51-69, outubro de 2004.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo:** de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora vivendo a história.** Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994.

OLIVEIRA, Simone G. de. **A “fé raciocinada” na “Atenas de Minas”:** Gênese e consolidação do Espiritismo em Juiz de Fora e algumas repercussões para contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – ICH, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001.

OLIVEIRA, Simone G. O espiritismo em Juiz de Fora: do surgimento à consolidação de uma “religião”. In: TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções:** diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003. p. 135-156.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PAVAM, Daniel. **As fronteiras identitárias do espiritismo em Juiz de Fora.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003.

PAVAM, Daniel; SOUZA, Petrônio Granato de. Diversidade identitária no movimento espírita em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Org). **Minas das devoções:** diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003. p. 157-164.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo:** uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção polêmica).

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 144, dez. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> . Acesso em: janeiro de 2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos:** o espiritismo da França e no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crença. In: \_\_\_\_\_ **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

VICTORA, Ceres. Método etnográfico de pesquisa e Técnicas de pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. p. 53-65.

## **OBRAS ESPÍRITAS**

ANDREA, Jorge. **Enfoques científicos na doutrina espírita.** Rio de Janeiro: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1991.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. **Como fazer:** a organização da casa espírita. Federação Espírita do Paraná. 1ª edição, vol. 2, 2000. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/livrosd.htm>

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos.** Tradução de J. Herculano Pires, revista e anotada pelo tradutor para esclarecimento e atualização dos problemas do texto. 49ª edição. São Paulo, LAKE, 1989.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 35ª edição, 1995.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 332ª edição, 2006.

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo.** Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 70ª edição, 2007.

Paiva, Alessandra Viana de.

Espiritismo e cultura letrada: valorização do estudo pela doutrina kardecista / Alessandra Viana de Paiva. – 2009.  
99 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

1. Espiritismo. 2. Doutrina. 3. Mediunidade. I. Título.

CDU 291.211